



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**JAMILLY JESSICA MARTINS FERNANDES**

**ENTRE MEMÓRIA E ESQUECIMENTO: OS ANTIGOS CARNAVAIS DE RUA DA  
CIDADE DE JUAZEIRINHO - PB (1950-1970)**

**CAMPINA GRANDE - PB  
2022**

**JAMILLY JESSICA MARTINS FERNANDES**

**ENTRE MEMÓRIA E ESQUECIMENTO: OS ANTIGOS CARNAVAIS DE RUA DA  
CIDADE DE JUAZEIRINHO - PB (1950-1970)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História (PPGH), do Centro de Humanidades (CH), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), como requisito para obtenção do título de Mestre em História.

**Linha de Pesquisa II:** Cultura, poder e identidades.

**Orientador:** Prof. Dr. Antonio Clarindo Barbosa de Souza.

**CAMPINA GRANDE-PB  
2022**

F363e

Fernandes, Jamilly Jessica Martins.

Entre memória e esquecimento: os antigos carnavais de rua da cidade de Juazeirinho-PB (1950-1970) / Jamilly Jessica Martins Fernandes. – Campina Grande, 2022.

130 f. : il.

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2022.

"Orientação: Prof. Dr. Antonio Clarindo Barbosa de Souza".

Referências.

1. História Cultural. 2. Carnaval de Juazeirinho-PB. 3. Memória e Esquecimento – Antigos Carnavais de Rua. 4. Cultura, Poder e Identidades. I. Souza, Antonio Clarindo Barbosa de. II. Título.

CDU 930.85(043)

JAMILLY JESSICA MARTINS FERNANDES

ENTRE MEMÓRIA E ESQUECIMENTO: OS ANTIGOS CARNAVAIS DE RUA  
DA CIDADE DE JUAZEIRINHO - PB (1950-1970)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História (PPGH), do Centro de Humanidades (CH), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), como requisito para obtenção do título de Mestra em História.

**Linha de Pesquisa II:** Cultura, poder e identidades.

Aprovada em: 23/09/2022.

**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Dr. Antonio Clarindo Barbosa de Souza  
Departamento de História – UFCG  
(Orientador)



Prof. Dr. Eduardo Roberto Jordão Knack  
Departamento de História – UFCG  
(Examinador Interno)



Prof. Dr. José Pereira de Souza Júnior  
Universidade de Pernambuco – UPE  
(Examinador Externo)

Aos meus pais, meus maravilhosos pais Maria da Assunção e Valter Fernandes, por todo amor, cuidado e apoio. Se não fosse pela confiança que vocês depositaram em mim, este trabalho não seria possível.

Aos meus avós maternos: José Inácio Martins e Raimunda Gomes Martins, meus orgulhos.

Aos meus avós paternos: Seu Francisco Fernandes e Dona Adélina da Conceição, que me assistem lá de cima e me transferem carinho e proteção.

Aos meus amados e queridos sobrinhos: Samuel, Miguel e Isaac.

## AGRADECIMENTOS

As forças maiores que me rege, protege e acolhe, que renovaram minhas energias e me guiaram durante todo o percurso, especialmente nos momentos de adversidade, que não foram poucos. Obrigada, meu Deus e minha mãezinha do céu!

A Universidade Federal de Campina Grande, o lugar no qual pude realizar mais uma etapa da minha vida, o de ser Mestre em História.

Agradeço a minha mãe, Dona Maria de Assunção, uma mulher forte, linda e alegre, não existe pessoa que acredite mais no meu potencial que ela, me incentivando de todas as formas que estivesse ao seu alcance. Posso escrever mil trabalhos ou mais, o meu maior feito foi ter nascido sua filha. Obrigada, mainha, por tudo!

Ao meu pai, Seu Valter Fernandes, aquele que nunca me cobrou ou pressionou. Obrigada, papai!

Agradeço aos meus avós maternos, Dona Raimunda Gomes Martins, uma mulher de muita força e fé, cujas mãos são abençoadas e ao meu pai-vô, meu vô-amigo, meu parceiro de dominó, Seu José Inácio Martins. O senhor me faz ser uma pessoa melhor. Obrigada, Vovô e Vovó!

A minha amiga Elaine Cristina, cujo início da amizade se iniciou na graduação de História. Obrigada pelo apoio e pela força que me deu durante todo esse processo, pela sua presença e incentivo que jamais irei esquecer. Muito obrigada, minha amiga!

À Aninha, amiga de anos e que teve conhecimento de todas as dificuldades e felicidades deste trabalho. Obrigada pelo apoio!

À Willis Galvíncio, que tem um lugar especial em meu coração. Obrigada pela admiração e empolgação pelo meu tema!

As minhas amigas Natália, Aline e Yohanna. Tenho um carinho genuíno por vocês. Obrigada pela amizade!

À Seu Sonaldo Vital de Oliveira, por confiar e acreditar neste trabalho e todo o suporte que me deu. Gratidão!

Agradeço também a todos os entrevistados que disponibilizaram um tempo do seu dia para dividir suas vivências carnavalescas comigo e, assim, contribuíram para a história local de Juazeirinho.

Ao meu orientador Antonio Clarindo Barbosa de Souza, pelo respeito ao meu trabalho e aos antigos carnavais de rua de Juazeirinho.

Ao coordenador da pós-graduação de História, José Otávio Aguiar, por ser tão acessível e nos proporcionar uma equipe de apoio, como os técnicos Yago e Dalva. Obrigada pela assistência!

Aos componentes da banca Dr. José Junior, presente na minha vida acadêmica desde a graduação. Obrigada pelos ensinamentos, confiança e apoio! O primeiro incentivador desta dissertação me mostrou um leque de possibilidades, através de suas ideias e de seus livros. E à Eduardo Knack, professor que conheci na disciplina de Metodologia da Pesquisa, um profissional dedicado e que acredita no potencial de seus alunos.

À José Carlos, colega do mestrado, sempre paciente e disponível a ajudar.

À Magno Lisboa, que diante de uma realidade de trabalho e obrigações acadêmicas, dedicou seu tempo para revisar este trabalho, o tratando com tanto respeito e sensibilidade.

Obrigada a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a confecção deste trabalho, seja por uma informação a respeito do tema ou por uma palavra de incentivo e de carinho.

A todos aqueles que dedicaram um tempo de suas vidas a apenas ouvir, por vezes até um breve comentário sobre minha dissertação, obrigada pela atenção!

## **ENTRE MEMÓRIA E ESQUECIMENTO: OS ANTIGOS CARNAVAIS DE RUA DA CIDADE DE JUAZEIRINHO-PB (1950-1970)**

### **RESUMO**

A presente dissertação trata dos antigos carnavais de rua da cidade de Juazeirinho- PB, entre as décadas de 1950 e 1970. Sua história com a festividade se inicia no ano de 1918, cinco anos após sua fundação como cidade. A partir disso, os habitantes de “Joaseiro”, como até então era chamada, passam a realizar anualmente as comemorações carnavalescas. Com dinâmicas próprias, tinham como principais blocos os: Bobos na Folia, Satanás no Frevo, bloco do Zé Pereira, Os Caçadores e o bloco infantil As Bonequinhas, dentre outras dinâmicas particulares à cidade, como a organização das famílias, a figura carnavalesca do Zé de Aurora, as perseguições dos papangus, corsos carnavalescos, as bandas de música e o clube social JoazeiroClube. Entretanto, com o passar dos anos, a prática de brincar carnaval entra em desuso, passando a ser pouco realizada na cidade, indo de uma prática tradicional ao esquecimento. Nesse sentido, partindo dos relatos orais e das fotografias da época, elaboramos nossa narrativa sobre esse passado carnavalesco, no sentido de responder: Por que uma festa que fora tão praticada hoje é esquecida ou pouco lembrada? Nesse sentido, nosso trabalho tem como principal abordagem a História Cultural, por tratarmos do âmbito das festividades, mas também fazemos uso das discussões sobre memória, oralidade e fotografia. Teoricamente nos apoiamos nas discussões sobre memória presentes em Jacques Le Goff (1990) e Maurice Halbwachs (1969). Antônio Clarindo Barbosa de Souza (2015), Maria Clementina Cunha Pereira (2001) e Roberto da Matta (1983) para pensar o carnaval.

**Palavras-chave:** Juazeirinho. Carnaval. Memória. Esquecimento.

## RESUMEN

La presente disertación trata de los antiguos carnavales callejero de la ciudad de Juazeirinho- PB<sup>1</sup>, entre las décadas de 1950 y 1970. Su historia con la festividad se inicia en el año 1918, cinco años después de su fundación como ciudad. A partir de esto, los habitantes de “Joaseiro”, como hasta entonces era llamada, pasan a realizar anualmente las celebraciones carnavalescas. Con dinámicas propias, tenían como principales bloques los: Bufones en la folía, Satán en el *frevo*<sup>2</sup>, bloque del Zé Pereira, Los cazadores y el bloque infantil Las muñequitas, entre otras dinámicas particulares a la ciudad, como la organización de las familias, la figura carnavalesca del Zé de Aurora, las persecuciones de los *papangus*<sup>3</sup>, *corsos carnavalescos*<sup>4</sup>, las bandas de música y el club social Joazeiro Club. Sin embargo, con los años, la práctica de jugar carnaval entra en desuso, pasando a ser poco realizada en la ciudad, yendo de una práctica tradicional al olvido. En ese sentido, partiendo de los relatos orales y de las fotografías de la época, elaboramos nuestra narrativa sobre ese pasado carnavalesco, en el sentido de contestar: ¿Por qué una fiesta que había sido tan practicada hoy es olvidada o poco recordada? En este sentido, nuestro trabajo tiene como principal abordaje la Historia Cultural, por tratar del ámbito de las festividades, pero también hacemos uso de las discusiones sobre memoria, oralidad y fotografía. Teóricamente nos apoyamos en las discusiones sobre memoria presentes en Jacques Le Goff (1990) y Maurice Halbwachs (1969). Antônio Clarindo Barbosa de Souza (2015), Maria Clementina Cunha Pereira (2001) y Roberto da Matta (1983) para pensar el carnaval.

**Palabras-clave:** Juazeirinho. Carnaval. Memoria. Olvido.

---

### NOTAS DEL TRADUCTOR:

<sup>1</sup> Es una ciudad de Paraíba, ubicada en el nordeste de Brasil;

<sup>2</sup> Es un ritmo de música y danza brasileña, con origen en el estado de Pernambuco, nordeste de Brasil;

<sup>3</sup> La palabra es un regionalismo del nordeste de Brasil, en que son hombres que salen por las calles de la ciudad fantaseados/mascarados en el carnaval;

<sup>4</sup> Es un desfile carnavalesco, en que es utilizado vehículos ornamentados, como los coches, conduciendo grupos de personas fantaseadas por las calles.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> - Inauguração do motor de geração de energia.....	34
<b>Figura 2</b> - Visão da cidade de Juazeirinho na década de 1960 .....	35
<b>Figura 3</b> - Mercado Público (1962) .....	37
<b>Figura 4</b> - Pessoas reunidas na frente do JoazeiroClube .....	40
<b>Figura 5</b> - Movimentações de pessoas na Praça Antônio Marinheiro .....	41
<b>Figura 6</b> - Grupo reunido no carnaval de 1967 no JoazeiroClube .....	54
<b>Figura 7</b> - O Janjão e a Gabriela: convite do bloco Bobos na Folia (1948) .....	60
<b>Figura 8</b> - Convite Bobos na Folia (1948). O homem do tamborim .....	62
<b>Figura 9</b> - Convite dos blocos Bobos na Folia e As Bonequinhas (1956) .....	63
<b>Figura 10</b> - Lança perfume .....	65
<b>Figura 11</b> - Convite do bloco Satanás no Frevo (1951) .....	66
<b>Figura 12</b> - Convite Clube dos Motoristas e Satanás no Frevo (1956) .....	67
<b>Figura 13</b> - Foliões na década de 1950 .....	69
<b>Figura 14</b> - Foliões reunidos no carnaval da década de 50. Bloco do Zé Pereira .....	71
<b>Figura 15</b> - Foliões no bloco dos Caçadores .....	73
<b>Figura 16</b> - Bloco As Bonequinhas no carnaval de 1953 .....	74
<b>Figura 17</b> - Bloco As Bonequinhas no carnaval de 1958. As indiazinhas .....	75
<b>Figura 18</b> - Bloco As Bonequinhas (1950). As pastorinhas .....	76
<b>Figura 19</b> - Foliões à espera para o curso carnavalesco (1960) .....	77
<b>Figura 20</b> - Foliões desfilando no Jeep .....	78
<b>Figura 21</b> - Foliões brincando no “mela-mela”. Carnaval na década de 60.....	79
<b>Figura 22</b> - Foliã expondo sua fantasia e lança perfume, carnaval da década de 40 ....	80
<b>Figura 23</b> - “Mais um lança perfume, por favor!”.Foliões na década de 50 .....	82
<b>Figura 24</b> - Carnaval de 1950. O Satanás .....	83
<b>Figura 25</b> - Os papangus no carnaval de 1950 .....	85
<b>Figura 26</b> - Carnaval de 1950. Fantasiados.....	86
<b>Figura 27</b> - Carnaval de 1950: O Rei Momo .....	87
<b>Figura 28</b> - Os Sambistas no carnaval de 1972 .....	88
<b>Figura 29</b> - Os sambistas no carnaval de 1977 .....	89
<b>Figura 30</b> - O Zé de Aurora .....	109

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>1 A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO DA FOLIA: UMA BREVE EXPLANAÇÃO SOBRE A FUNDAÇÃO DE JUAZEIRINHO</b> .....	24
<b>1.1 Entre as sombras dos Joaseiros e os odores e sabores da feira livre: nasceu Juazeirinho</b> .....	25
<b>1.2 Os espaços de folia: alguns lugares que marcaram os carnavais juazeirinhenses</b> .....	35
<b>2 A CADÊNCIA DA FOLIA JUAZEIRINHENSE: HISTÓRIA E FOTOGRAFIAS</b> .....	45
<b>2.1 I Ato da Folia</b> .....	46
<b>2.2 II Ato da Folia: a memória visual carnavalesca de Juazeirinho</b> .....	58
<b>2.2.1 O convite para a folia</b> .....	59
<b>2.2.2 Populares nas ruas. Os principais blocos: Bobos na Folia, Satanás no Frevo, Bloco do Zé Pereira, Caçadores e As Bonequinhas.</b> .....	69
<b>2.2.3 Fantasias e adereços: máscaras, lança perfume e papangus</b> .....	80
<b>2.2.4 Bandas – Os sambistas: os maiorais do samba</b> .....	88
<b>3 RETALHOS CARNAVALESCOS: LEMBRANÇAS DE PASSADOS DE FOLIAS</b> .....	91
<b>3.1 Entre a sátira, o cômico e o assombro: algumas dinâmicas da folia juazeirinhense</b> .....	93
<b>3.2 As várias entonações da folia: algumas músicas que marcaram seus carnavais</b> .....	104
<b>3.3 O carnaval particular do Zé de Aurora: a figura carnavalesca solo</b> .....	108
<b>3.4 O não desapego com a vida cotidiana: relatos de quem não brincava o carnaval</b> .....	112
<b>3.5 Entre memória e esquecimento</b> .....	114
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	121
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	124
<b>ANEXOS</b> .....	128

## INTRODUÇÃO

Carnaval  
 Eu danço no temporal  
 Carnaval  
 Eu queimo meu arsenal  
 Carnaval  
 Nos trilhos pela central  
 Carnaval  
 Das tribos do litoral  
 Quero ver você brincar  
 Farra malandra ao luar

**Barão Vermelho<sup>5</sup>**

O carnaval é um tema que desperta múltiplos interesses. Seja o folião que espera ansiosamente para brincar e aproveitar a oportunidade de uma vida despreocupada e sem restrições e, assim, entre peripécias e fantasias, as menores das preocupações são as regras morais. Há também o sujeito que aproveita a festa carnavalesca para descansar de um cotidiano regido pela vida ordenada do trabalho e suas obrigações. Por outro lado tem o comerciante que goza de todo o potencial econômico que a festa pode proporcionar, bem como o indivíduo que passa os três dias de carnaval tecendo críticas à festa e suas práticas que julgam imorais. Então, todos os anos, este se mostra presente, não participando, mas reafirmando suas convicções. *Pari passu* a isso tem o saudosista cuja festa carnavalesca do presente jamais será como no passado, nas glórias de sua juventude e o que resta é a melancolia por um carnaval que não volta mais.

Dentre esses e muitos outros sujeitos que se interessam pelo carnaval, existe um em especial, aquele que não necessariamente brinca, mas que estuda, reflete e analisa a festividade em si: o(a) pesquisador(a). Este seja o sociólogo, antropólogo ou historiador, analisa a festa de acordo com suas áreas de pesquisa. No caso do último, o historiador olha para todos esses sujeitos, citados no parágrafo anterior (e quantos possam existir) e os estuda dentro de um recorte, um espaço e uma abordagem, traçam objetivos e um problema a fim de construir sua narrativa histórica a respeito de algum carnaval.

Pois, a festa carnavalesca têm muitos usos, significados e representações. É de rua, de clube ou camarotes? Da elite ou do povo? De uma grande ou pequena cidade? As questões

---

<sup>5</sup>Barão Vermelho. Carnaval. In: Álbum: **Carnaval**. Disponível em: <https://www.discogs.com/release/7697134-Bar%C3%A3o-Vermelho-Carnaval>. Acesso: 20 jan. 2022. Link da música disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=1As6Xi3Q\\_6w](https://www.youtube.com/watch?v=1As6Xi3Q_6w). Acesso: 20 jan. 2022.

são múltiplas, porque embora, o intuito de qualquer folião seja comemorar a festa anual, cada pessoa, lugar e espaço vivenciam e experimentam diferentes formas de brincar o carnaval, de modo que, não podemos afirmar que uma determinada cidade exerce da mesma maneira o sentido de liberdade e transgressão dos impulsos<sup>6</sup> que outra. O carnaval é uma festividade fluída, que se insere e se adapta a diferentes realidades. Portanto, nem sempre está inserida numa dimensão popular<sup>7</sup>. Não é exclusiva a um espaço ou região. Qualquer lugar do Brasil e do mundo pode adotá-la como parte de suas diversões e lazeres e, assim, cunharem novas práticas, próprias de cada contexto cultural-social.

Seja o macro ou o micro recorte, a dimensão de um carnaval carioca ou soteropolitano, os carnavais locais dos interiores brasileiros, o tema nos permite, enquanto pesquisadores e historiadores analisar diferentes aspectos da vida social, cultural, política e econômica. Nesse sentido, qual é o nosso carnaval? Ou melhor dizendo, qual é o carnaval que estamos tratando nesse trabalho e o que queremos dizer sobre essa manifestação especificamente? Onde ocorria? Quem eram os sujeitos que brincavam? Seus blocos? Por que é importante estudá-lo? Alguns desses questionamentos responderemos agora, enquanto outras serão discutidas no decorrer do trabalho.

Esse trabalho trata dos antigos carnavais de rua de uma pequena cidade do Seridó Oriental paraibano: Juazeirinho entre 1950 a 1970. Ou seja, um trabalho que parte de uma história local, um micro recorte e que tem como principal espaço social o urbano. Para além disso, nosso trabalho tem como principal abordagem a História Cultural-Social, bem como a discussão sobre Memória, uma vez que tratamos de uma festividade cujo passado entrou para o esquecimento, sendo o nosso principal problema e objetivo analisar. Para a realização da nossa pesquisa fizemos uso do recurso da História Oral e da fotografia como fonte.

Essas decisões teóricas e metodológicas, que escolhemos enveredar, (as quais, logo iremos explicar melhor nessa introdução) nortearam todo o nosso processo: pesquisas, entrevistas, análises de fotografias e escrita. Todavia, não se deu de uma forma simples e rápida. A agitação e movimentação tão comum em uma festa carnavalesca, nem sempre se fez

---

<sup>6</sup>Características que se atribuem a esse período carnavalesco cronologicamente cíclico.

<sup>7</sup>Comumente a festa carnavalesca é posta como a festa do “povo”, do popular e da união entre elite e massas, juntos em um mesmo espaço; ou a visão do carnaval como um tempo em que se exerce a plena liberdade. Neste trabalho não compactuamos com essas visões dicotômicas, no qual os opostos se anulam (ou se misturam) no tempo de carnaval, como se os problemas e as diferenças (sociais, econômicos, políticos e culturais) deixassem de existir. A história dos carnavais brasileiros também é a história dos corpos de mulheres, homossexuais, prostitutas e pessoas negras que não podiam ocupar os mesmos espaços. Os clubes são a prova disso, cuja maioria dos sócios eram homens brancos com boas condições financeiras. E enquanto aos camarotes hoje em dia? Quem frequenta? Quanto um assalariado tem que poupar por mês para adquirir seu abadá? O seu lugar no outro lado da corda (que o separa daqueles que não podem pagar). O carnaval demarca lugares, espaços, tem estratificações sociais. Portanto, não está dentro de uma dimensão tão popular como queremos acreditar.

presente em nossa experiência, pois, trabalhar com fontes orais, sobretudo, no atual contexto em que vivemos da pandemia da COVID-19, nos fez em muitos momentos duvidar se seria possível: o distanciamento social, o medo e a insegurança da incerteza de quando retornaríamos ao nosso cotidiano, as sucessivas mortes, os cortes na educação e toda a crise política e social pela qual ainda estamos enfrentando.

Todas essas questões interferem no trabalho do pesquisador e pesquisadora, porque antes do ofício que carregamos, somos humanos, não somos sujeitos imparciais e indiferentes ao mundo à nossa volta. Ao lado de práticas científicas e de uma escrita, existe o lugar social e esse, como bem pontuado por Michel de Certeau, está atrelado a nossa operação historiográfica.

Portanto, no caminhar da nossa experiência pesquisando e escrevendo sobre os antigos carnavais em Juazeirinho, ocorreu que, em razão da pandemia, nos últimos dois anos, as comemorações carnavalescas foram suspensas e canceladas em muitas capitais brasileiras. Restrições e multas para quem descumprissem, foram medidas mais cabíveis e que causou estranhamento em muitos brasileiros que não se viam abrindo mão da comemoração no espaço público. Entretanto, se muitos foram necessariamente privados do carnaval, para nós que pesquisamos os antigos carnavais de rua de Juazeirinho e muitos outros pesquisadores que estudam a festividade, o carnaval não foi cancelado, mesmo não sendo da forma como a maioria da população está acostumada a vivenciar.

O carnaval permaneceu ativo a cada escrita, pesquisa e reflexão sobre o tema. Nós a vivemos para além dos fevereiro e março, com pandemia ou sem pandemia. Independentemente do contexto, para o pesquisador e pesquisadora o carnaval não se encerra na Quarta-Feira de Cinzas. Sendo assim, de agora em diante, começando por essa introdução e nos capítulos seguintes, vocês leitores irão conhecer um pouco mais sobre aquela cidade e seus antigos carnavais.

O carnaval na cidade de Juazeirinho se iniciou em 1918, cinco anos após a sua fundação em 1913, pela iniciativa do senhor Manoel Vital, o patriarca de uma importante família da cidade: a Vital. A respeito desse início não temos muitas informações, justamente pela ausência de fontes. Os registros dessa festividade local ganham mais força a partir do seu auge, em especial na década de 1950, cujas fotografias mostram os blocos, os foliões, as fantasias e as dinâmicas carnavalescas da época. Contexto pelo qual optamos iniciar nossos estudos até 1970, década que o carnaval já demonstra um distanciamento ou “crise”, em comparação aos anos de seu auge e a alguns símbolos da festividade.

Doravante, desde os idos dessa comemoração em Juazeirinho, a festividade é marcada por uma característica importante, o aspecto familiar. Eram as famílias da cidade, especialmente as mais notadas, que faziam os carnavais de rua e de clube. Estas organizavam, criavam blocos, tinham seus clubes particulares, as fantasias e a partir de suas iniciativas a população urbana em geral acompanhava na folia (isso o carnaval de rua, o de clube era marcado mais pela presença das famílias e seus pares). Os principais blocos eram os Bobos na Folia, Satanás no Frevo, Os Caçadores e o bloco infantil As Bonequinhas. Tinha também a cultura dos papangus, corsos carnavalescos, mela-mela, lança perfume, a inusitada figura do Zé de Aurora e seu carnaval solo. Elementos que discutiremos no decorrer dos capítulos dois e três.

Todavia, por que nos reportarmos para esses antigos carnavais? Primeiramente, a nossa principal motivação foi em relação às fotografias, por considerarmos que existem nelas muitas questões a serem exploradas. A partir delas e dos relatos orais, podemos perceber que havia, de fato, uma cultura e tradição carnavalesca na cidade, que durou mais de oito décadas. Não obstante, na cabeça fervilhante do historiador surge o questionamento e a vontade de investigar: por que deixou de ser uma prática tradicional na cidade?

Atualmente faz parte do passado histórico da cidade e da memória dos habitantes que o vivenciaram, para esses grupos esses antigos carnavais não estão esquecidos. O fato da festa não existir com os mesmos usos e tradições dos anos de seu auge, não implica no esquecimento, pelo menos para os grupos que participaram e preservam na memória algum tipo de lembrança dessas épocas. Todavia, a instável frequência dos carnavais no calendário cultural da cidade foi ocasionando, ano após ano, a ausência da festa, bem como as modificações de suas dinâmicas (blocos, brincadeiras, dias festivos) até deixar de ser uma prática comum ao juazeirinhense, sendo pouco lembrado.

Nesta perspectiva, um dos principais objetivos do nosso trabalho é compreender as seguintes problemáticas: por que a prática tradicional de brincar o carnaval foi perdendo a centralidade nas festividades da cidade? Ou melhor, por que uma prática, uma tradição é esquecida e passível de esquecimento ou de ser pouco lembrada? Teriam os carnavais de rua de Juazeirinho mudado de local? Ou perdido o seu interesse ao passo que a população foi conquistando maior mobilidade, podendo curtir os carnavais em outras cidades? Ou o desinteresse incide na medida em que os grupos que faziam a festividade foram se dispersando e, assim, o sentido de comunidade tão presente em seus carnavais foi se perdendo? A falta de investimento e incentivo à cultura poderia ser algo determinante? São tantos caminhos e possibilidades para pensar, nos quais iremos abordar em nosso trabalho.

Uma vez que uma tradição não é algo que surge e se acaba de uma hora para outra, pois ela representa algo para quem a pratica. A festividade carnavalesca, por exemplo, configura diferentes sentidos, desde as mais simplórias das compreensões que a coloca meramente como o tempo das distrações e da falta de moderação, a uma simbologia ritualística e de manifestações de sentimentos e emoções. Independente do sentido que se dê ao carnaval, esta foi criada para e pelo o indivíduo, até o ponto que a prática constituiu uma importância na vida social, cultural, política e econômica em uma sociedade. O historiador Eric Hobsbawm, em *A invenção das tradições*, como sinaliza o título, chama essa relação de tradição inventada:

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade com o passado histórico apropriado (HOBSBAWN; RANGER, 1997, p.9).

Neste sentido, o período carnavalesco é marcado justamente por essa prerrogativa da repetição, seu tempo é cronologicamente cíclico, todos os anos, no Brasil, no mês de fevereiro ou março, a festa ressurgue com seus diferentes ritos, localidades e simbologias. Não à toa que diferentes áreas estudam o carnaval. Dentro da nossa seara, enveredamos pelo viés da História Cultural. Entretanto, consideramos que os campos históricos da história social, cultural, política e econômica confluem entre si, não temos como dissociá-la, pois a festa carnavalesca ocorre dentro de um espaço social e em uma sociedade ocorrem todos esses fenômenos, em razão disso falamos tanto de estudar através de uma abordagem cultural-social.

Destarte, entendemos a importância na academia de conceituar e delimitar áreas de pesquisa e vieses historiográficos. Barros (2016, p. 23)<sup>8</sup>: *Os conceitos, seus usos nas ciências humanas*, pontua a importância disso: “Os conceitos, enfim, ajudam os historiadores e cientistas sociais a organizarem o céu (ou o inferno) que pretendem examinar”<sup>9</sup>. Ainda segundo o mesmo autor, os conceitos são pontos de apoio para algum tipo de conhecimento a ser produzido.

Desse modo, o cultural e o social não são campos opostos, mas sim interligados, conforme pontuado por Barros (2005),

---

<sup>8</sup>O autor explica como surgiram os primeiros conceitos da Astronomia, a priori, no sentido de organizar céu, no sentido de fazê-lo compreensível, sendo assim os nomeando, dando características, conceituando.

Apesar de falarmos frequentemente em uma “História Econômica”, em uma “História Política”, em uma “História Cultural”, e assim por diante, a verdade é que não existem fatos que sejam exclusivamente econômicos, políticos e culturais. Todas as dimensões da realidade social interagem ou rigorosamente sequer existem como dimensões separadas (BARROS, 2005 p. 2).

O Historiador Roger Chartier em *A história cultural entre práticas e representações*, postula que: “A História Cultural tal como a entendemos, tem como principal objetivo identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada e dada a ler” (CHARTIER, 1989, p.16 -17). Ou seja, ele não discerne ou diferencia as práticas culturais que ocorrem concomitantemente com a vida e as manifestações sociais. Assim sendo, Antoine Prost (1998) em *Social e Cultural, Indissociavelmente*, afirma que a história é indissociavelmente social e cultural: “Observa-se, em primeiro lugar, que toda cultura é cultura de um grupo. A história cultural é indissociavelmente social, dado que está ligada ao que diferencia um grupo do outro. E por raciocínio sobre as diferenças, sobre os desvios” (RIOUX; SIRINELLI, 1998, p.134).

Nessa perspectiva, a partir da década de 80, os historiadores pensam com mais afinco nessas inter-relações dos campos históricos, em especial da História Cultural<sup>10</sup> e Social. De acordo com Natalie Zamon Davis em *Las formas de la História Social*, a História Social passa a se aproximar de temas mais sensíveis presentes nos debates culturais:

A História Social dos anos 80, na qual se preocupa em estudar e detectar a existência de agrupamentos de diversos tipos, gêneros, raça, religião e sobretudo: Perguntam como se formam e em que medida reforçam e transpassam os limites da classe. Interpreta as relações como processos simultâneos e sistêmicos: de dominação, resistência, de rivalidade, cumplicidade e poder (ZAMON, 1991, p.177).

Ademais, podemos considerar que História Social visa analisar a sociedade e sua forma de organização, seus circuitos de sociabilidades, comunicação, exclusão, hierarquias, classes sociais, assim como seus processos e transformações, assim como a História Cultural examina a forma como os diferentes sujeitos se manifestam nessa vida social, como se expressam e traduzem essa realidade.

Nesse sentido, ao refletirmos o tema carnaval através desses vieses (Cultural-Social), buscamos referências em alguns estudiosos que pensaram o carnaval através de diferentes matrizes, desde por um viés mais totalizante, outros que pensaram os carnavais carioca,

---

<sup>10</sup> Entretanto, Eduard Palmer Thompson foi um dos primeiros historiadores de influência marxista que reconheceu a importância da cultura em seus estudos sobre a formação da classe operária, isso ainda na década de 60. Apesar disso ele percebe a “cultura popular” como um elemento importante das ações coletivas e de suas estratégias; a explicação da superestruturalista não contemplaria sozinha a discussão das lutas de classes e experiências históricas, uma vez que a cultura estaria imbricada com as relações econômicas e sociais.

gaúcho, soteropolitano e paraibano (a cidade de Campina Grande). Portanto, pensemos agora os principais autores que fundamentaram nossas reflexões a respeito do carnaval, refletindo em nossos estudos sobre os antigos carnavais de rua de Juazeirinho.

O que é o carnaval? Para que serve? De onde veio? E mais uma vez incidimos nos conceitos. Roberto da Matta, sociólogo brasileiro, nos diz que as origens do carnaval se perdem no tempo.

Destarte, o tema carnavalesco no Brasil é cercado de rotulações, que seguem uma linearidade que fragmenta o carnaval em três momentos: o colonial, imperial e o republicano. O primeiro se trataria de um carnaval mais primitivo, que não competia a uma sociedade civilizada, como explica Cunha (2001, p. 25): “Entrudo significaria durante muito tempo e, para boa parte da população carioca, ainda mantinha este sentido no final do século XIX o mesmo que carnaval: um conjunto de brincadeiras e folguedos realizados quarenta dias antes da Páscoa”.

Entretanto, no século XIX a elite e a camada intelectual brasileira, vislumbrando se distanciar desse passado colonial, visto que o Brasil na ocasião era regido pelo regime imperial, visava que os carnavais brasileiros se assemelhassem aos carnavais de Veneza e Paris, considerado um carnaval civilizado e superior. É nesse período que surgem as grandes sociedades carnavalescas a partir de 1850. Surgem os desfiles organizados e os carros alegóricos. A festa agora simbolizava também um status de poder, em contraposição ao entrudo que deveria ficar no passado colonial e práticas de escravizados. E com relação ao Período Republicano, especialmente na década de 1930, o carnaval entra como um dos símbolos nacionais, a festa brasileira, parte da nossa essência e identidade na visão do Populismo Varguista.

Difícilmente neste trabalho, o leitor encontrará uma definição pré-estabelecida e determinada sobre o que é o carnaval, pois não é esse o nosso propósito, nos voltarmos para determinismo ou meras dicotomias. Nesse sentido, concordamos com a fala de James Scott, em *A dominação e a arte da resistência: discursos ocultos*, quando se refere, em sua perspectiva, o que seria o carnaval:

Não se pode dizer que um acontecimento social complexo como o carnaval seja apenas isto ou aquilo, como se tivesse apenas uma função específica, geneticamente programada. Faz muito mais sentido ver o carnaval como um espaço ritual de várias formas de conflito social e manipulação simbólica, sendo que nenhuma destas pode ser considerada, a priori, preponderante. O carnaval deverá, portanto, variar de acordo com a cultura e com as circunstâncias históricas e deverá tendencialmente cumprir muitas funções diferentes de acordo com seus participantes (SCOTT, 1992, p. 247).

Nesta perspectiva, como pontuado por Scott, o carnaval vai variar de acordo com a cultura, o espaço, o lugar. Desse modo, não podemos dizer que o carnaval de Recife é igual ao do Rio de Janeiro, que não é igual ao de Salvador, tampouco o de Minas Gerais é igual ao de Olinda. As questões e problematizações variam de lugar para lugar. Portanto, a despeito do nosso objeto, as nossas questões serão outras, próprias do espaço e das dinâmicas desses antigos carnavais juazeirinhenses.

Doravante, James Scott trata do que ele chama de discursos ocultos em sua obra, ao analisar as várias dimensões das relações de classe, poder e resistência, tecidas cotidianamente, nas quais, segundo Scott essa relação não necessariamente se dá de maneira conflituosa e direta. O carnaval é uma festividade que é dotada de discursos ocultos, não somente no campo da resistência e da crítica social (por exemplo, o operário que se fantasia satirizando seu chefe; as manifestações sociais contra machismo, homofobia e racismo). Mas, também é um campo do reforço de preconceitos e das desigualdades.

Nesse sentido, o carnaval não é somente um tempo no qual podemos desenvolver nossa liberdade abertamente. Para isso podemos recorrer à própria história para exemplificar nossa fala, como os carnavais de clubes, onde uns podiam entrar (sócios, os mais grados e geralmente pessoas brancas); e outros não, em especial as prostitutas que não eram consideradas dignas de entrarem e festejar em comunhão em ambientes como os clubes, considerados âmbitos defamílias tradicionais (no sentido conservador da palavra). Aqui observamos o reforço do preconceito de gênero.

Outro exemplo importante é *oblack face*, que consistecaracterizações de cunho racistas em que pessoas brancas pintam o rosto (e corpo) com tinta preta, no sentido de “se fantasiarem de uma pessoa negra”, como também suas variações, as perucas de cabelo crespo, tudo contendo uma simbologia da estética negra como sendo algo exótico, risível edesqualificante (digno de zombaria), e também as marchinhas de teor racista que dizem respeito à conduta da população negra, sua capacidade intelectual e sua aparência, sempre com uma conotação inferiorizante<sup>11</sup>.

Nessa direção, assim como foi colocado e será explorado não somente nessa introdução, mas no decorrer de todo o trabalho, estudar carnaval é se deparar com diversas

---

<sup>11</sup> Muito embora consideremos importantes discutir sobre as questões étnicas raciais, de gênero e qualquer assunto que fira a autonomia dos sujeitos exercerem suas diferenças sem serem hostilizados. Entretanto, não é o que trata nosso trabalho, que tem como objetivo analisar os antigos carnavais de rua de Juazeirinho, sua memória, o desuso da festividade (pelo menos em seus moldes tradicionais). De modo que trataremos dessas questões (étnico-raciais e questões de gênero) na medida em que as fontes e os recursos utilizados necessitarem. Como as fotografias e as marchinhas que utilizaremos no capítulo III que tem como conteúdo a denúncia do preconceito étnico racial. Debates que não podemos deixar de fazê-lo, especialmente em um país autoritário, machista, homofóbico e racista como o nosso, entretanto, não é a questão central do trabalho.

linhas de abordagens, que envolvem diversos discursos. No Brasil o carnaval carioca foi e é amplamente estudado. Não obstante, pesquisar uma festividade, especialmente o carnaval, em uma cidade do interior da Paraíba, pode acionar o questionamento: o que tal cidade pode apresentar de interessante? Quando se trata da História da Paraíba os olhares se voltam para Campina Grande e João Pessoa, cidades de vastas produções historiográficas, especialmente sobre a História Política. E o resto da Paraíba? Seriam as cidades interioranas imóveis, estáticas? Em sua história não existem conflitos? Risos? Transformações? Rupturas?

Como sabemos, o tipo de história que prevalece nas cidades pequenas é uma história que prioriza mais o político, a economia local, a formação da cidade e dos sujeitos que foram pioneiros de sua construção e os eventos cívicos. Em Juazeirinho não seria diferente, o tipo de história mais valorizada é justamente essas citadas (política e econômica). Nesse sentido, é a história caracterizada pela seriedade, a formalidade e o ordenamento. Ora, o carnaval foge dessas convencionalidades, é o mundo cômico, do risível, da fantasia, da crítica, da fuga da vida ordinária.

Tomando nosso objeto de estudo, o carnaval, como pontuado pelo sociólogo e antropólogo Roberto da Matta, existe como celebração nas relações humanas há muito tempo, podemos encontrar as primeiras referências na Europa, como as saturnais romanas e nas festividades da Idade Média, como pontuado por Mikhail Bakhtin em *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*, no qual Roberto da Matta bebe de sua visão rabelaisiana, na obra *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*:

Assim, como o começo do carnaval perde-se no tempo – estando ligado a toda a humanidade, do mesmo modo que pensar o carnaval é pensar em termos de categorias abrangentes, tais como pecado, a morte, a salvação, a mortificação da carne, o sexo, os abusos ou a continência (MATTA, 1983, p.42).

Da Matta no sentido de compreender aquilo que chama de dilema brasileiro, em *O que faz o Brasil, Brasil?*, estuda o carnaval a partir da antropologia social e/ou sociologia comparada. Nesta perspectiva, o autor fala do carnaval como um dos componentes que fazem parte da identidade brasileira, como uma expressão nacional, classificando como parte dos rituais nacionais, assim como o dia da independência, se constituindo como elementos de um *extraordinário construído pela e para a sociedade*, ou seja, um evento que rompe com a vida cotidiana, que escapa da rotina diária.

Não obstante, a fala de da Matta parte de um lugar, de um contexto, no qual o carnaval era pouco explorado pelos historiadores brasileiros, como era comum no campo da

historiografia, se tratando das temáticas festivas, abordagens voltadas para as comemorações cívicas, como pontuado pelo historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2011) em *Festas para que te quero: Por uma historiografia do festejar*: “As festas seriam cenas por meio das quais se poderia fazer uma verdadeira hermenêutica da nação, do modo de ser, da identidade do que seria a sociedade e o povo brasileiro” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p.136).

Nesse sentido, da Matta analisa o carnaval dentro dessa perspectiva, cujo discurso permeia por esses vieses de uma identidade brasileira e uma expressão do nacional. Entretanto, Durval Muniz, bem como outros autores que o mesmo explora em *Festas para que te quero*, trazem discussões que vão para além das visões dicotômicas (a casa e a rua; o público e o privado) e do carnaval apenas como o mundo da desordem e de ruptura com a vida cotidiana de da Matta.

Para exemplificar essas diversidades de análises, ele cita os trabalhos do historiador Felipe Ferreira e suas análises dos carnavais cariocas através de um olhar que compreende a festa também como instituída, passível de controle do poder público, das elites, de tensões sociais e de extravasamento, bem como controle das pulsões, dos costumes e dos hábitos; e Maria Clementina Pereira Cunha, que se interessa pelos sentidos e significados que a festa tem para os brincantes, mas observa os conflitos sociais que dividem esses espaços de folia. O carnaval é uma festa de muitos sentidos e significados, de diversos discursos e usos<sup>12</sup>.

Nessa perspectiva Maria Clementina Pereira Cunha, historiadora que escreve *Ecos da foliae Carnavais e outras f(r)estas*, não reflete sobre o carnaval nessa linha essencializante, como da Matta, dando mais atenção a uma análise em termos de uma história social da cultura, refletindo sobre os conflitos, as mudanças e as diferenças ao analisar os carnavais do Rio de Janeiro entre os anos de 1880 e 1920: “Em vez de buscar na folia a expressão nacional, cabe esmiuçar as dimensões de classes, raça, gênero e todas as variantes que dissociavam os grupos mutáveis de indivíduos que disputavam espaço a cotoveladas nas estreitas ruas do Rio antigo” (CUNHA, 2001, p.16).

---

<sup>12</sup> Dando mais ênfase sobre suas reflexões sobre as festividades, pontua que:

As festas podem não só ser campos de lutas concretas, de enfrentamentos entre pessoas e grupos, em torno dos valores e preceitos que definem o viver em sociedade, mas elas são campos de lutas simbólicas, de luta entre projetos, sonhos, utopias e delírios, mas são acima de tudo momento de invenção da vida social, da ordem social e da própria festa e seus agentes (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p.147).

A fala de Cunha é de extrema relevância no sentido de percebemos que o fluxo dinâmico do carnaval não se resume apenas a uma grande comunidade de trocas de sorrisos, brincadeiras, afetividades e prazeres, mas também, é um tempo festivo que se desenrolam inúmeras manifestações, linguagens, sentidos, e sobretudo, as desigualdades sociais.

Por isso, é importante fugir da falsa sensação de familiaridade com o nosso passado carnavalesco, incorporando a lição de Darton sobre os riscos o anacronismo na história cultural. O carnaval é, sem dúvida, um bom exemplo de sua advertência de que historiadores precisam ser sempre alertados contra esta falsa impressão de familiaridade com o passado e receber doses constantes de choque cultural (CUNHA, 2001,p. 385).

Em consonância com a fala de Cunha, está Souza (2015), quando analisa o carnaval campinense, na obra *No passo do urubu malandro: uma história social do carnaval campinense (1945-1965)*:

[...] a festa carnavalesca, independente do tempo e do lugar não era vivenciada por todos da mesma maneira. Não era algo homogêneo como pretendiam os intelectuais e as autoridades, e variava conforme a idade, gênero, o poder aquisitivo e mesmo a formação intelectual de cada participante (SOUZA, 2015, p.26).

Ora, como salienta Souza, o carnaval é uma importante festividade na qual podemos perceber fortemente essa dinâmica e distinções que se desenrolam na vida social-cultural, pois muito se fala que o carnaval é caracterizado pela quebra de hierarquias e da ordem vigente, e de fato é. Contudo, também se configura como elemento na qual podemos encontrar afirmações das desigualdades sociais, na medida em que percebemos um determinado contexto de uma cidade onde sujeitos brincam um carnaval dentro de uma espacialidade, onde outras, as mais pobres, não podem entrar.

Nesse momento, esperamos que as questões que exploramos a respeito do carnaval e da história cultural-social, não tenha deixado grandes dúvidas. Nessa direção, iremos focar a importância do estudo da Memória em nosso trabalho. Para isso partimos da reflexão de alguns autores que pensam a Memória, bem como o esquecimento: Jacques Le Goff e Maurice Halbwachs.

Todo sujeito que vive em uma sociedade que brinca o carnaval tem alguma história para contar a respeito, seja uma lembrança boa ou não; algo vivenciado, experimentado, que fica guardado no campo da memória. A memória, esse espaço de armazenamento do nosso cérebro, que possui tantas funções quanto explicações, na Antiguidade Clássica, para os

gregos fora uma deusa, Mnemosyne, a qual tinha o poder de fazer o indivíduo voltar ao passado e, assim, passar os ensinamentos à coletividade, tornar-se imortal e memorável.

O ato de lembrar, assim como o de esquecer é algo comum na nossa existência. Cotidianamente lembramos, recordamos e esquecemos, pois, como pontua Le Goff (1990) na obra *História e memória*: “A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-se em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas”. Para esses estudos, a psicologia, a biologia, a psiquiatria, a neurofisiologia e outras ciências estudam suas funções e seus códigos.

Não obstante, dentro dessas miríades de estudos sobre a memória, pois existem muitos tipos de memória, a que nos interessa é a memória e sua relação com a história, em sua dimensão coletiva e social. Conforme Pollak (1992) em *Memória e identidade social*:

Maurice Halbwachs nos anos 20 e 30 já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e sobretudo a flutuações, transformações, mudanças constantes (HALBWACHS *apud* POLLAK, 1992, p.201).

Para além disso, a memória e sua dimensão coletiva está ligada ao grupo a que se pertence, cuja memória se conserva, diante de vivências e experiências em comum. De acordo com Halbwachs, em *A memória coletiva*:

Mas, nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nas quais, só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em sua realidade, nunca estamos sós (HALBWACHS, 1990, p. 26).

A despeito disso, para Halbwachs o esquecimento está atrelado ao desaparecimento de um grupo, da perda de contato com um grupo cuja memória de algo se conservava. Por outro lado, Le Goff observa que o esquecimento pode estar condicionado às conveniências de grupos dominantes: “Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas” (LE GOFF, 1990, p.426).

Nesse sentido, conforme explicitado por Le Goff, os esquecimentos e os silêncios são mecanismos da manipulação da memória coletiva. Ou seja, a memória é um instrumento de poder, através da qual determinados grupos decidem o que é memorável ou não.

Nessa perspectiva, o estudo sobre a memória coletiva e social é imprescindível para nós, uma vez que temos como principais fontes a oralidade e a fotografia. Partiremos das memórias dos entrevistados e faremos nossa escrita histórica a partir de suas lembranças,

vivências e experiências dos antigos carnavais de rua da cidade de Juazeirinho. Nesse sentido, consideramos que a abordagem da história oral, como recurso metodológico que caracteriza-se por tal descrição, conforme a obra:

Em nosso entender, a história oral, como todas as metodologias, apenas estabelece e ordena procedimentos de trabalho – tais como os diversos tipos de entrevista e as implicações de cada um deles para a pesquisa, as várias possibilidades de transcrição de depoimentos, suas vantagens e desvantagens, as diferentes maneiras de o historiador relacionar-se com seus entrevistados e as influências disso sobre seu trabalho – funcionando como ponte entre teoria e prática (AMADO; JANAINA; FERREIRA, 2006, p.16).

Nossa outra fonte é a fotografia. Para este estudo, dispomos de apenas 30 fotografias, que serão trabalhadas no decorrer dos capítulos, a partir de discussões sobre a paisagem da cidade na época (década de 50 a 70, ou até nos anos anteriores). A moda vigente, as diversões presentes nas dinâmicas das folias nas épocas de carnavais. Nessa perspectiva, o nosso trabalho está dividido em três partes:

O primeiro capítulo intitulado “A construção do espaço da folia: uma breve explanação sobre a fundação de Juazeirinho”. O primeiro tópico intitulado “Entre as sombras dos Joaseiros e os odores e sabores da feira livre: Nasceu Juazeirinho”, diz respeito à caracterização da cidade. Como era a cidade de Juazeirinho no recorte temporal de 1950-1970. Vamos tratar um pouco da história da cidade. Como surgiu, seu desenvolvimento e seu espaço social. No segundo tópico “Os espaços de folia: alguns lugares que marcaram os carnavais juazeirinhenses”, falaremos brevemente de alguns espaços importantes para a vida social-cultural. Nesse tópico constam 5 fotografias que mostram os aspectos da vida urbana na década de 1950 e 1960.

O segundo capítulo “A cadência da folia juazeirinhense: história e fotografias (1950-1970)”, parte na qual discutiremos sobre o carnaval juazeirinhense em si. Trabalharemos nesse capítulo, com uma das nossas principais fontes: as fotografias, cujo número de fotos totaliza 24 fotografias. Nesse capítulo basicamente discutiremos alguns aspectos do carnaval em sua dimensão macro, e trataremos da dinâmica do carnaval juazeirinhense. Em um tópico intitulado I Ato da Folia. Falaremos da festividade em si. No segundo tópico II Ato da Folia, a memória visual carnavalesca de Juazeirinho, trabalharemos com as fotografias. Serão 25, sendo 5 delas convites, 1 fotografia do lança perfume e o restante trata da vida carnavalesca entre os finais da década de 1940 até os anos 1970.

O terceiro capítulo que tem como título “Retalhos carnavalescos: Fragmentos de passados de folias”, trabalharemos mais fundo as entrevistas, especialmente no primeiro

tópico intitulado: “Entre a sátira, o cômico e o assombro. Algumas dinâmicas da folia Juazeirinhense”. No segundo tópico “As várias entonações da folia: algumas músicas que marcaram seus carnavais”, trataremos de algumas músicas que marcaram os foliões. No terceiro tópico exploraremos mais o carnaval particular do Zé de Aurora: “O Zé de Aurora: a figura carnavalesca solo”. Quarto tópico: “O não desapego com a vida cotidiana: relatos de quem não brincava o carnaval”, para este tópico consta apenas 1 fotografia, que é a imagem do Zé de Aurora.

E, por fim, o quinto tópico trata da “Memória e esquecimento”, diz respeito ao debate dessas questões, no sentido de respondermos: por que os carnavais de Juazeirinho entraram no esquecimento? Cada sujeito que fora no passado um folião ou tenha tido contado com a história dos antigos carnavais demonstram cada um deles, uma forma diferente de se recordar, pois a memória tem seus mecanismos, cada qual tem suas formas particulares de recordações: ao ver uma fotografia da época; através da memória musical: ao ouvir ou lembrar uma música que tocava no período que brincavam carnaval; a lembrança acionada ao olhar para a cidade e de repente se recordar que a arquitetura das casas e prédios mudaram: “na minha época não tinham aquele prédio” ou “essa rua não se chamava assim”. São mecanismos da memória, lembranças que aparecem, assim, fragmentadas, mas, que falam muito a respeito da dinâmica da época, o estilo e a vida como ela era.

Com base no diálogo que estabelecemos nessa introdução, consideramos que o estudo das festividades, em especial o carnaval, é um relevante tema para fomentar o conhecimento histórico, pois as nossas formas de sociabilidades: as festas, o risível, as brincadeiras, são elementos da experiência humana, formas de expressão, de simbologias e linguagens, tão importantes quanto nossas lutas e resistências. Portanto, convido o/a leitor e leitora a conhecer os antigos carnavais de rua da cidade de Juazeirinho.

Esperamos que seja uma grata surpresa.

## 1 A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO DA FOLIA: UMA BREVE EXPLANAÇÃO SOBRE A FUNDAÇÃO DE JUAZEIRINHO

Ó abre alas  
Que eu quero passar  
Ó abre alas  
Que eu quero passar

**Chiquinha Gonzaga<sup>13</sup>**

O processo da escrita desse primeiro capítulo se deu através de um questionamento: como poderíamos iniciar a história do passado carnavalesco da cidade de Juazeirinho? Essa pergunta por muitas vezes invadiu nossos pensamentos, dia e noite, para além dos fevereiro e março, pois escrever não é uma tarefa fácil. É um exercício laborioso e paulatino. O início da escrita sempre é um desafio, queremos causar uma boa impressão, ficamos dando voltas, escrevendo e reescrevendo, caminhando entre vocabulários e termos complexos, que demonstre alguma erudição; talvez tendo em mente até o desfecho do capítulo, mas, enquanto o limiar? Este não parecia brotar no campo criativo.

Até que, de repente, a solução estava tão aparente. Ora, por que não iniciar contando um pouco da história da cidade de Juazeirinho? Pois, falar de seus carnavais sem antes convidá-los a conhecer o lugar social que ocorria tal manifestação, não faria muito sentido, uma vez que as ruas e praças, em que muitos foliões brincaram o carnaval, não emergiram da terra pronta e acabada. A festa carnavalesca parte de um lugar social, em nosso caso, o espaço urbano da cidade de Juazeirinho.

Nesse sentido, para esse primeiro momento faremos uma breve explanação sobre a fundação e desenvolvimento da cidade. Não é o nosso propósito nos estender, no que diz respeito a uma história de Juazeirinho, contemplando uma linearidade do seu surgimento até os dias atuais, tocando amplamente nos aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais. Nosso objetivo é fazer com que o leitor e leitora tenha conhecimento de que espaço estamos falando, que compreenda o lugar social que ocorreriam esses carnavais<sup>14</sup>e, assim, conhecendo

<sup>13</sup>GONZAGA, Chiquinha. **Ó abre alas.** 1899. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=m\\_vaRKqCDYM](https://www.youtube.com/watch?v=m_vaRKqCDYM). Acesso em 10 fev. 2022. *Ó abre alas* é considerada a primeira marchinha de carnaval.

<sup>14</sup> E perceberem também que o carnaval na cidade acompanhou algumas mudanças sociais, assim como algumas aquisições simbólicas e materiais. A chegada do trem, energia elétrica e a emancipação política, por exemplo, o carnaval estava presente na vida social e cultural de Juazeirinho enquanto a cidade se modificava, acompanhando suas transformações.

esse espaço e se familiarizando com ele, poderá partir para os próximos capítulos e conhecer os antigos carnavais de rua de Juazeirinho.

Nessa perspectiva, este primeiro capítulo está dividido da seguinte forma, nos tópicos: 1.1“Entre as sombras dos Joaseiros e os odores e sabores da feira livre: nasceu Juazeirinho”, diz respeito a uma breve explanação de sua formação como cidade, as mudanças sociais, políticas e econômicas que o carnaval acompanhou no decorrer das décadas e alguns elementos que tratam da vida como ela era com a chegada de algumas aquisições matérias e simbólicas, como a energia elétrica, cuja única fotografia do tópico exibe o motor que gerava energia antes da chegada da mesma. No segundo tópico intitulado: 1.2“Os espaços de folia: alguns lugares que marcaram os carnavais Juazeirinhenses”, trata-se da discussão sobre alguns pontos importante que ocorriam os carnavais: na avenida principal do centro da cidade, nas pracinhas, do Mercado Público e o Joazeiro Clube.

### **1.1Entre as sombras dos Joaseiros e os odores e sabores da feira livre: nasceu Juazeirinho**

Situada em uma região denominada como Seridó Oriental<sup>15</sup>paraibano de clima semiárido e localizada a 200 km de distância da capital do Estado da Paraíba, João Pessoa, Juazeirinho ou Joaseiro<sup>16</sup> foi fundada em 4 de novembro de 1913, a partir da criação de uma feira local. Nesse sentido, não era no início do século XX, uma cidade que surgiu mediante um projeto ou planejamento urbanístico, ostentando prédios, asfalto e largas avenidas. Pelo contrário, algumas aquisições de elementos ditos como símbolos do moderno para a época, como a energia elétrica, o trem, o automóvel, o telégrafo, entre outros, chegaram à cidade paulatinamente, em um ritmo dissonante das grandes cidades.

Tampouco surge a partir de alguma liderança política religiosa, em torno de alguma paróquia, que através de uma intenção assistencialista aglomera fieis e, assim, as relações se desenvolvem para além do domínio da fé, mas se estendendo para o político, social e econômico. Muito menos surge em torno de currais eleitorais, fenômeno comum no Estado da Paraíba no início do século XX, cujos nomes de famílias tradicionais interferem na política paraibana até os dias atuais.

---

<sup>15</sup> Microrregião do Estado da Paraíba, pertencente à mesorregião da Borborema.

<sup>16</sup> Como falaremos mais adiante, Juazeirinho, de início, chamava-se Joaseiro, mudando seu nome a partir da década de 40. Então, antes da década de 40 falaremos de Joaseiro.

Joaseiro, a priori como foi chamada, nasceu a partir da feira, da agricultura e comércio nas propriedades de terras dos irmãos Henrique Ferreira Barros e Manoel Ferreira Barros<sup>17</sup>. O seu limiar está associado a um impulso e/ou sentido de subsistência em torno dessa atividade comercial. Portanto, inicialmente não houve um planejamento social, nem uma organização ou uma infraestrutura pensada para aquele espaço. Sua configuração como cidade foi surgindo conforme a necessidade.

Nesse sentido, Joaseiro até no início do século XX não passava de uma extensão de terra, no qual suas únicas formas eram as paisagens das árvores dos juazeiros, do chão árido, das pedras, dos animais que ali viviam e das plantas e verduras que os agricultores e fazendeiros cultivavam. Nesse primeiro momento, nada de carnaval, não havia a configuração de uma cidade, tal qual a concebemos (ruas, praças, casas e prédios). A única agitação e ritmo que havia era o movimento natural das plantas e das árvores, cadenciados pela orquestra dos ventos que faziam suas folhas balançarem e os sons onomatopéicos dos animais, o mugido da vaca ou o balido da cabra, suas vocalizações ressonavam nos espaços sem prédios, asfaltos e casas.

Nesse primeiro momento, os irmãos Barros, que haviam se mudado para aquela região em 1907, compraram a fazenda Joaseiro<sup>18</sup>, em contrapartida, outros fazendeiros e comerciantes também viram naquela região um potencial de cultivo e pastejo. Apesar disso, para além dos irmãos Barros, outras famílias foram se estabelecendo na região: Os Marinheiros (Nóbrega, Pascoal e Oliveira) nas fazendas Mulungu e Maravilha; os Matias em 1904 que vindos de Pocinhos, compraram a fazenda Mucuitú; Em 1906 a família Vital, na figura de Manoel Vital, vindo de Lagoa de Roça. Em 1908, José Felisminio da Costa Nogueira, vindo de Alagoa Grande, residindo na fazenda Aroeiras.

Estes e outros nomes foram importantes para o desenvolvimento desse espaço que viria a se tornar Juazeirinho. Inclusive, foram essas famílias, especialmente a Vital, com o senhor Manoel Vital que iniciou a festividade carnavalesca na cidade doze anos após sua

---

<sup>17</sup> Ainda sobre um tempo mais longínquo a região que corresponde à cidade de Juazeirinho fazia parte das sesmarias dos Oliveira Ledo— família responsável pela exploração do interior paraibano, na segunda metade do século XVII. A partir de 1753 Ana de Oliveira Ledo passou a morar na fazenda “Joazeiro”. Doravante, como pontuado por Rietveld em sua obra *O verde do Juazeiro: História da Paróquia de São José de Juazeirinho*: “segundo João Vital, o primeiro historiador de Juazeirinho, as terras da fazenda Joazeiro pertenciam, em 1907, aos irmãos Pedro Barros e Henrique Ferreira Barros” (RIETVELD *dapud* VITAL, 1990, p.186). Este último foi o responsável por construir a primeira casa na cidade e, juntamente com outros nomes, Manoel Vital (comerciante), José Felismino (proprietário da fazenda Aroeiras), José Batista de Azevedo (proprietário da fazenda Boa Ventura), Avelino José (pedreiro e carpinteiro), são considerados os pioneiros da fundação de Juazeirinho e participaram do requerimento para a criação da primeira feira. Ver: MOBREAL. Livro do município de Juazeirinho. João Pessoa: J.B. Ltda., 1985.

<sup>18</sup> Ver: Rietveld, 2009, p.186.

chegada, em 1918. A partir disso, Juazeirinho iniciava uma tradição carnavalesca feita em torno das famílias. Os grupos familiares e, por conseguinte, seus laços comunitários que preservaram a tradição carnavalesca, desde o seu início, enveredando pelo seu auge entre os anos 1940 e 1950, até ocorrer seu enfraquecimento. Entretanto, não adiantemos as discussões, teremos tempo para tratarmos dos antigos carnavais e suas questões.

Nessa direção, dando continuidade à discussão sobre início de seu desenvolvimento, enquanto ainda não existia a cidade, o que se cultivava nessa região? A agricultura prosperava com o cultivo do feijão, do milho, do algodão e outros gêneros alimentícios, gerando até excedentes na época da colheita. Outra atividade relevante era a criação de gados, ovinos e caprinos. Esse potencial produtivo que motivou os fazendeiros, agricultores e comerciantes locais a ideia de criarem uma feira própria. Contudo, a região que correspondia a Juazeirinho, dependia politicamente de Soledade, o que foi preciso requerer um ofício ao então coronel da cidade, Claudino Alves da Nóbrega, para que permitisse a criação de uma feira local, já que a de Soledade era distante para os recursos da época. Nesse sentido, o referido coronel fez uma única exigência, que a feira deveria ocorrer às terças-feiras<sup>19</sup>, devido à de Soledade ser nas segundas e, assim, não haveria concorrência:

Nas fazendas da região prosperava a criação de gado bovino, caprino e ovino. Os agricultores, por sua vez, exploravam a cultura do milho, feijão e algodão. O excedente dessa produção proporcionava ser comercializado, surgindo assim, a ideia de uma feira local, visto que a de Soledade ficava a uma distância de quatro léguas, acarretando serias dificuldades para o deslocamento da mercadoria, face a ausência de transporte motorizado (MOBRAL, 1985, p.10).

A partir disso, uma vez permitida a criação da feira, que pesquisadores apontam ter ocorrido sob a proteção de um Juazeiro<sup>20</sup> ocorreu no dia 4 de novembro de 1913, que marca o dia da fundação da vila Joazeiro. A cidade surge emanando os sabores e odores das frutas, verduras e animais, e assim como o carnaval, tem a desordem, a movimentação e resistência como característica, como estudado por James Scott, em *A dominação e arte da resistência* (1992).

---

<sup>19</sup>Essa prerrogativa da feira ocorrer nas terças-feiras ser tornaria um fator importante não apenas na vida econômica, como também social e cultural. Uma vez estabelecida à festa carnavalesca na cidade, o encerramento do carnaval se dava numa terça-feira, então, neste dia, foliões, feirantes e transeuntes disputavam o espaço da feira. Era a finalização ideal para qualquer brincante, terminar suas peripécias na muvuca da feira livre.

<sup>20</sup>Onde se localizava esta primeira feira? Alguns falam de um frondoso juazeiro nas margens da estrada hoje denominada BR 230 (SILVA, 1984). Outros falam de um juazeiro ao lado do açude velho. Abílio César de Oliveira é mais extenso sobre as origens (OLIVEIRA, 1963) e situa o povoado e a feira numa data de terras chamada Lagoinha, pertencente a Joaquim Marinheiro, a certa distância do riacho com os juazeiros (RIETVELD, 2009, p.193).

Entretanto, a jovem cidade precisaria de mais cinco anos para inserir o carnaval como festividade e, até lá, passou por algumas transformações, especialmente em seu fluxo de pessoas que começava a aumentar em razão do potencial comercial da feira, devido a sua localização que não exigia que os habitantes do Cariri e Seridó precisassem se deslocar para o Sertão e nem para o Agreste paraibano, agora eles teriam uma feira perto, que não o fizessem ir para outras regiões consideradas distantes para os recursos da época<sup>21</sup>.

Outro fator importante para o desenvolvimento da região foi o fato de o lugar ter se tornado um ponto estratégico para os tropeiros<sup>22</sup>, estes aproveitavam as sombras dos juazeiros para descansarem com suas tropas de burros que transportavam produtos vindos do Sertão paraibano, a caminho de Campina Grande<sup>23</sup> e outras localidades da Paraíba e do Nordeste. Como a jornada era longa, as estradas de barro dificultavam a locomoção e na ausência de quaisquer veículos motorizados, era hábito pararem nas estradas e descansar embaixo de árvores, como o Juazeiro, e nisso não era raro comercializarem com as fazendas existentes nos caminhos, comprando, vendendo ou trocando produtos. Nessa perspectiva a feira de Juazeirinho passou a ser um ponto fixo de parada desses tropeiros e não raro se estabelecia na região, por meio do casamento, da abertura de algum comércio ou ponto na feira.

Nessa direção, a sua fundação como cidade, bem como o início do desenvolvimento econômico e social de Juazeirinho se deve através da tríade: fazendeiros/comerciantes, a feira e os tropeiros. Esses são os principais elementos para entendermos o limiar da fundação de Juazeirinho como cidade. Todavia, o fluxo de pessoas que movimentavam essas regiões do Seridó e Cariri paraibano também se deve pelo enfraquecimento político de algumas cidades do Brejo<sup>24</sup> paraibano:

A região de Areia e Alagoa Nova entrou em decadência entre os anos de 1900 e 1929 por causa destes conflitos de terras e brigas entre coronéis. O povo procurou refúgio em outros lugares como Esperança, Pocinhos e nas terras fartas de Juazeirinho (RIETVELD, 2009, p.188).

---

<sup>21</sup>Cariri e Seridó são microrregiões que fazem parte da mesorregião da Borborema. Essas microrregiões se dividem em: Cariri Oriental e Ocidental e Seridó Oriental e Ocidental. Juazeirinho faz parte da microrregião do Seridó Oriental paraibano.

Sertão: é uma das mesorregiões do Estado da Paraíba.

<sup>22</sup>Sujeitos de profissões ambulantes que se deslocavam para outras regiões no propósito de comercializarem produtos de todos os gêneros.

<sup>23</sup>Que deve muito do seu desenvolvimento econômico ao Sertão, Cariri e Seridó paraibano, especialmente a cultura do algodão, pois, Campina Grande não produzia e, sim, exportava. Juazeirinho era uma das cidades que produzia algodão.

<sup>24</sup> São as mesorregiões que fazem parte da microrregião do Agreste paraibano, como: Alagoa Nova, Areia, Bananeiras, Pocinhos, dentre outras cidades.

Assim sendo, esses foram os principais elementos que fundamentaram as primeiras décadas de fundação de Juazeirinho. Outros eventos relevantes foram ocorrendo, como, por exemplo, a primeira capela em 1914 e primeiras casas, a chegada do telégrafo em 1920, sendo a primeira telegrafista Izabel Fernandes Benevides. Uma aquisição importante em uma cidade que, embora fosse e permaneceu ainda por muito tempo predominante rural, possuía para a época desejos que flertavam com o desenvolvimento das grandes cidades. Nessa perspectiva, em 1931, surgiu o primeiro jornal da cidade, o *Correio Joazeiro*. Em 1932 foi criado o primeiro estabelecimento oficial de ensino.

Esses elementos marcam uma cidade que visava se destacar e que não queria parar no tempo. Todas essas mudanças foram acompanhadas pelo carnaval, que já estava inserida no calendário cultural desde o final da década de 1910 e ao passo que a festividade seguia no decorrer do tempo outras novidades foram surgindo, como, por exemplo, a mudança do nome da cidade.

De Joaseiro<sup>25</sup> para Juazeirinho na década de 1940, no intuito de não confundir com outros nomes de cidades famosas, como Juazeiro do Padre Cícero ou Juazeiro da Bahia. Segundo o morador Paulo Oliveira, cujo nome social, Paulo Marinheiro, faz referência a como sua família é chamada na cidade, os Marinheiros. Foi um importante folião dos antigos carnavais, segundo ele a mudança de nome se deu desta maneira:

Porque tinha três cidades no Nordeste: Joazeiro da Paraíba, Joazeiro do Ceará, que o povo chamava de Padre Cícero e Joazeiro da Bahia, aí ficava muito erro de correspondência, de pacote, de viagem em tudo, aí mudou, teve um plebiscito que é um tipo de votação, aí Joazeiro mudou pra Juazeirinho, pra diferenciar de um para o outro, e Joazeiro do Ceará hoje é Joazeiro do Norte” (OLIVEIRA, 2021).<sup>26</sup>

Nesse contexto em que a cidade mudara de nome (por isso as diferentes formas de escrever encontradas nas fontes e também neste trabalho), Juazeirinho vivia o auge do carnaval que foi deste a referida temporalidade citada até 1950 e 1960<sup>27</sup>. Todavia, nos convites carnavalescos, a população não havia adotado as iniciais ‘Ju’, aparecendo no chamado para a folia, o nome ‘Joaseirinho’. Entretanto, no decorrer do tempo passou a ser chamado

<sup>25</sup>“No ano de 1943, muitos nomes de municípios foram mudados; também o do povoado de Juazeiro, numa tentativa de não misturar este lugar com outros do mesmo nome, principalmente o Juazeiro do Padre Cícero. Foi mudado para Juazeirinho, o diminutivo. Entretanto, para algumas pessoas em Juazeirinho, existe o boato da mudança de nome ter se dado devido à animosidade criada entre as cidades de Soledade e Juazeirinho, no qual, o então prefeito da época, não contente pela a emancipação da referida cidade, esbravejou dizendo: “Isso é um juazeirinho”, minimizando a cidade, que não chegaria ao porte de Soledade. Todavia, isso são apenas boatos, não havendo nenhum documento ou gravação que comprove tal fala.

<sup>26</sup> Entrevista concedida pelo senhor Paulo Luiz de Oliveira. Data da entrevista: 25 de setembro de 2021.

<sup>27</sup> Alguns foliões já apontam a década de 1960 como sendo sua decadência. Entretanto, essas demarcações podem se tratar de experiências pessoais, como veremos em nosso terceiro capítulo.

conforme a conhecemos. Esse auge do carnaval é marcado pelos registros fotográficos, especialmente nos finais da década 1940 que surgem uma gama de fotografias que mostravam suas dinâmicas, blocos e foliões fantasiados de diversos personagens.

Poucos cidadãos possuíam câmeras fotográficas, registrar o cotidiano naquela época não era uma atividade banal ou parte do corriqueiro, deveria ser um acontecimento, uma data relevante, uma atividade digna de registro. O carnaval era considerado um tempo festivo importante para os juazeirinhenses, um evento que fazia a máquina fotográfica trabalhar, para preencher as páginas dos álbuns de família, tais quais os aniversários, as fotos fúnebres, as comemorações de emancipação política e a inauguração de algum prédio público importante.

A despeito disso, na medida em que os carnavais eram registrados, também apareciam nas fotografias elementos da cidade, que convenientemente eram importantes de serem mostrados e, assim, as fotografias eram tiradas em pontos estratégicos, como na frente de um posto de gasolina (Posto *Shell*), de um restaurante, ostentando um jipe, tudo para mostrar que naquela cidade havia tais aquisições. Em suma, eram espécies de símbolos, elementos que seus habitantes se orgulhavam de ter.

Outro fator importante acerca de como a festividade carnavalesca se desenvolvia de acordo com os recursos que a cidade conquistava, é em relação às viagens a Recife para comprar os artefatos carnavalescos. Então, nesse período (finais do 1940, 1950 e 1960) era comum esse descolamento dos brincantes. A viagem se dava, em alguns casos, juntamente com os caminhoneiros da região (caminhões da marca *Ford*) que efetuavam carregamentos de caulim para Recife e, assim, os foliões aproveitavam a carona, como também uns preferiam ir de ônibus. Ambas as viagens duravam dias. Todavia, eram os recursos da época e valia apenas pela folia.

Dando continuidade, dentre as principais mudanças que o carnaval acompanhou, houve a emancipação política de Juazeirinho. Ao passo que a cidade ia se delineando, também ficavam expostas as diferenças entre Soledade, em especial, politicamente, quando em 1930 as lideranças políticas das duas cidades escolhem lados opostos no conflito de Princesa Isabel, a Revolta de Princesa: “O ano de 1930 foi o ano da luta de Princesa Isabel e da revolução. Soledade e Juazeirinho escolheram lados opostos: Juazeirinho ficou com os perrepietas e Soledade optou pela frente liberal” (RIETVELD, 2009, p.201).

Dissonantes nas visões políticas e cada cidade com sua própria feira, com o tempo as relações já não podiam ser mais sustentadas, de modo que em 25 de julho de 1957, Juazeirinho se emancipou politicamente de Soledade. Segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE): “Elevado à categoria de município, com a

denominação de Juazeirinho, pela lei estadual nº 1747, de 25-07-1957, desmembrado de Soledade. Sede no antigo distrito de Juazeirinho. Constituído do distrito sede. Instalado em 27-10-1957<sup>28</sup>”.

Agora elevada à categoria de município, o primeiro prefeito eleito foi Severino Pascoal de Oliveira, cuja família é conhecida como Marinheiro. Seu mandato foi de 1959-1962<sup>29</sup>. Esta família tornou-se uns dos principais grupos políticos na cidade, assim como os Matias, disputando os cargos políticos, especialmente por serem famílias de forte influência econômica, com suas fazendas onde moravam dezenas de grupos familiares, e por ser Juazeirinho nessas décadas um lugar cuja maioria de seus habitantes moravam na zona rural, essas famílias, Marinheiro e Matias, tinham significativas influências com o eleitorado. Assim como nos festejos carnavalescos, na qual, ambas as famílias participavam ativamente, especialmente o Severino Marinheiro.

Doravante, a essa altura da narrativa devem estar se perguntando com relação ao contingente populacional da cidade nessas épocas. Como Juazeirinho nasce a partir da feira, toda base econômica vinha da agricultura, pecuária e extração de minérios. Então, até a década de 1990, Juazeirinho tinha sua maior parte da população residente na zona rural. A cidade era uma extensão do campo e foi assim durante boa parte da história de Juazeirinho. Todavia, a cidade possuía sua dinâmica, tendo seus comércios, posto de gasolina, hotel, restaurantes, porque não podemos esquecer que se tratava de uma cidade muito bem localizada, um intermédio entre o Sertão e as regiões do Agreste.

Nessa perspectiva, ao possuir a feira, as pessoas das cidades vizinhas iam para Juazeirinho realizar suas tarefas comerciais. Em razão dessas questões, apesar de ser uma cidade cuja maioria da população vivia no campo, possuía um fluxo de pessoas vindas de fora e também das zonas rurais para a cidade, mas, apesar de toda a movimentação, em termos de moradia as pessoas optavam ainda por se concentrar no campo, fato esse comum para o contexto da Paraíba. Quem explica melhor essa questão é a historiadora Eliete Gurjão (1999): “Não havia grande diferença entre o rural e o urbano na Paraíba neste período, uma vez que a cidade tinha seu crescimento ligado às atividades complementares da zona rural, beneficiando e comercializando produtos agrícolas” (GURJÃO, 1999, p. 58).

---

<sup>28</sup>Fonte: **IBGE cidades**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/juazeirinho/historico>. Acesso em: 10 mar. 2021

<sup>29</sup> Respectivamente: Severino Pascoal de Oliveira (1959-1962); Inácio de Farias Gurjão (1963-1968); Pedro Pascoal de Oliveira (1969-1972); Januário Cordeiro de Azevedo (1973-1977); Francisco Antônio da Nóbrega (1978-1982). A lista dos prefeitos de Juazeirinho da década de 50-70. Fonte: Biblioteca Municipal Severino Marinheiro Neto, Juazeirinho - PB.

Apesar de se tratar de um outro recorte temporal do qual estamos estudando, percebemos que nessas décadas nas quais estamos abordando ainda vigorava o não distanciamento com o mundo rural. Nesta direção, a afirmação de Gurjão nos faz refletir que, se cidades economicamente mais fortes, como João Pessoa, Campina Grande e algumas cidades do Brejo paraibano, no período estudado pela autora, não existia ainda uma diferença entre o rural e o urbano, podemos inferir que em regiões, economicamente mais frágeis e mais interioranas, cuja única base econômica era estritamente ligada à agricultura, pecuária, artesanato e extração de minérios, como ocorreu em boa parte do Cariri e Seridó paraibano, essa diferenciação entre o rural e o urbano não se mostrava na vida cotidiana dissociada, uma prova disso é justamente o índice populacional

Apesar de não termos dados concretos que nos mostrem a população total de Juazeirinho nos anos de 1950, o que foi nos relatado através das entrevistas orais é que na ocasião de sua emancipação política, Juazeirinho teria cerca de 3.000 votantes. Todavia, podemos inferir através dos dados do censo de 1960, e das décadas seguintes, que o número de pessoas que se mudam para Juazeirinho passa a crescer. Em 1960, a cidade contém um total de 9.762 habitantes; em 1970, 12.338 habitantes e na década seguinte, em 1980 sobe para 15.086<sup>30</sup>.

Esse crescimento de quase 3 mil habitantes por década, certamente se dava devido ao fato de Juazeirinho ter conquistando algumas aquisições simbólicas emateriais, não obstante, ainda na década de 1990 vai possuir a população rural superior a urbana, respectivamente 56,58% e 43,42%, segundo o diagnóstico socioeconômico PROEDER (1996)<sup>31</sup>.

Todavia, apesar de afirmarmos que em Juazeirinho a vida rural e urbana se misturava, em especial por causa da feira, no período de carnaval era comum a população da rua (urbana) ser maioria entre os brincantes, de modo que as pessoas que moravam na zona rural não tinham como hábito virem para o centro da cidade curtir o carnaval. Não obstante, não podemos generalizar, certamente um ou outro vinha para a cidade, junto com seus amigos e familiares brincar o carnaval. Entretanto, o que queremos dizer é que não temos fontes ou registros que comprovem caravanas vindas das regiões mais afastadas para a cidade.

Sendo a prática carnavalesca, uma manifestação mais urbana que rural na cidade de Juazeirinho, talvez estes tivessem outro modo de comemoração carnavalesca.No mais, uma

---

<sup>30</sup>Ver: SILVA, Izabelle Trajano da. **O espaço comercial de Juazeirinho-PB:**a dinâmica dos comércios fixo e periódico de confecções em uma pequena cidade. Trabalho de conclusão de curso (graduação em Geografia) Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2012, p.26.

<sup>31</sup> Programa de Emprego e Renda (PROEDER). Juazeirinho, João Pessoa, SEBRAE/PB, 1996, p.37.

vez que o comércio e outras atividades não funcionavam (exceto na terça-feira) em razão do feriado, parece que enquanto a cidade estava em festa, o campo descansava.

Dando prosseguimento às mudanças importantes que ocorreram nessas décadas, estão primeiro estabelecimento oficial de ensino, criado em 1952 no Governo Estadual de José Américo de Almeida, foi construído o Grupo Escolar Almeida Barreto<sup>32</sup>. Entre outros elementos que caracterizavam o encontro com os símbolos da modernidade, como pontuado por Rietveld: "A chegada do trem para transportes de passageiros e cargas em 1956, da energia elétrica em 1964 e do asfalto em 1968 são dados significativos que marcam a entrada no mundo global" (Rietveld, 2009, p. 227).

A chegada da energia elétrica foi um marco para a cidade, que antes de sua chegada, município era movido por um motor de geração de energia. Segundo os relatos, respectivamente do Senhor Paulo Marinheiro e Sr. S.O.: "Aqui teve uma época do motor, Zé do Motor, Nino (irmão do Zé Motor). Quando dava 18:00 ligava o motor, quando faltava 15 minutos pra 22:00 dava o sinal que já ia desligar a luz. Aí ficava todo mundo no escuro. 22:00 todo mundo estava em casa (OLIVEIRA, Paulo, 09/2021)<sup>33</sup>".

Essa questão da luz influenciava nos festejos carnavalescos, uma vez que os foliões não queriam que a festa terminasse tão cedo. Era comum um grupo, (nesse sentido determinadas famílias) irem para o Joazeiro Clube que possuía um gerador ou simplesmente criavam outras formas de brincar, pois o carnaval não podia parar. Entretanto, a falta de energia elétrica corroborava em outros pontos da vida social e cultural, como os namorados que se aproveitavam da penumbra da noite para uma ou mais investidas românticas, como pontuado pelo colaborador S.O.:

Não existia luz elétrica, a prefeitura possuía um motor movido a óleo diesel, só funcionava das 18:00 às 22:00 horas e a praça defronte a matriz ficava às escuras e os namorados se aproveitavam dessa situação para avançar mais o sinal. O delegado colocava os casais para correr (O.S., 10/2021)<sup>34</sup>.

A seguir a fotografia do gerador de energia da época.

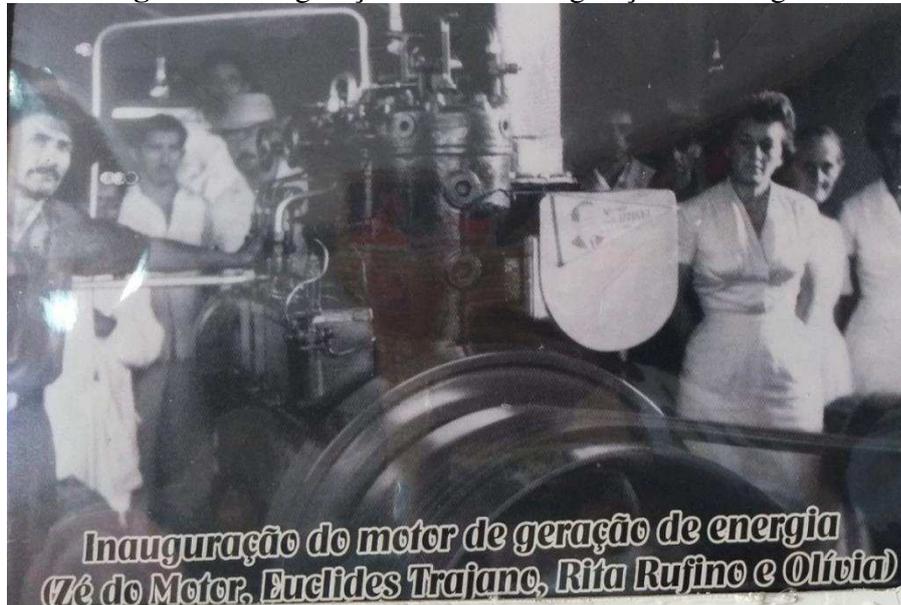
---

<sup>32</sup>Ver: Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização – Paraíba. **Livro do Município de Juazeirinho**. João Pessoa. Gráfica J.B. Ltda. 100p.

<sup>33</sup>Entrevista Concedida pelo senhor Paulo Luiz de Oliveira. Data da entrevista: 25 de setembro de 2021.

<sup>34</sup>Entrevista concedida pelo senhor S.O. no dia 15 de outubro de 2021.

**Figura 1**–Inauguração do motor de geração de energia



**Fonte:**Casa da Cultura de Juazeirinho.

Nesse sentido, percebemos que a partir da década de 1950, Juazeirinho passa por significativas mudanças, no campo político com sua emancipação passando a receber verbas do Governo Federal. Além de possuir escolas, o transporte ferroviário e, posteriormente, energia elétrica e a melhoria nas estradas com o asfalto, beneficiando os descolamentos entre as cidades, especialmente com Campina Grande. Nessa perspectiva, podemos inferir, porque, paulatinamente, o fluxo de pessoas passa a aumentarem Juazeirinho no decorrer das décadas.

Nessa perspectiva, Juazeirinho foi se tornando um lugar promissor para se viver, em relação à outras regiões mais pobres e abandonadas politicamente, por representar melhores condições de vida, não somente por ser um lugar que tinha a aparência de prosperidade com o comércio e a agricultura, mas por possuir certos elementos que davam à cidade ares de certa evolução e modernidade, como o telégrafo, o trem e a energia elétrica. Apesar disso, a fala do historiador Gervácio Batista Aranha é bastante pertinente para sintetizar esse sentimento:

Outrossim, há a considerar que essas conquistas materiais se instituem por toda parte como símbolos modernos de valor universal, significando, com isto, que qualquer contato com um ou outro desses símbolos, independentemente do porte da cidade que realiza a conquista, possibilita que esta cidade possa ser considerada moderna ou cidade em sintonia com o mundo civilizado (ARANHA, 2006, p. 80).

Evidentemente, Juazeirinho não se comparava a cidades como João Pessoa e Campina Grande, mas naquela região do Seridó e Cariri paraibano representa um espaço de uma maior

oportunidade de qualidade de vida, uma vez que o cenário de desemprego e fome nessas cidades era uma constante.

## 1.2 Os espaços de folia: alguns lugares que marcaram os carnavais juazeirinhenses

**Figura 2**–Visão da cidade de Juazeirinhona década de 1960



**Fonte:** Casa da Cultura de Juazeirinho.

A fotografia acima corresponde a um registro panorâmico da cidade de Juazeirinho na década de 1960. Podemos observar na imagem uma intenção de registrar o aspecto geográfico e territorial da cidade. Tirada de cima para baixo, capta o teto das casas e prédios, as copas das árvores, as estradas de terras e a BR-230, que perpassa a cidade em direção ao Sertão, sendo o asfalto um símbolo de desenvolvimento para a época. Podemos supor que a fotografia não nos diz muita coisa sobre a vida social, cultural, política e econômica da época. O registro estático, talvez não favoreça a criatividade de imaginar suas ruas movimentadas pelo comércio, pelas procissões religiosas, pelas festas juninas e de carnaval.

Não obstante, a fotografia retirada nesse exato ângulo registra uma parte importante da cidade, o seu centro. Não à toa, era no centro que uma parte da vida acontecia: o comércio, as conversas e encontros, os eventos de ordem religiosa, política e as festas. Nos dias de carnavais o centro de Juazeirinho, expressados em suas ruas e praças, era o palco das peripécias dos foliões fantasiados e não fantasiados, cadenciados pelo ritmo das zabumbas e saxofones, percorrendo as ruas a pé e nos jipes, no curso carnavalesco.

Todavia, como fazer com que o leitor imagine a folia carnavalesca nesses espaços a partir dessa foto? Acreditamos que ao olhar uma fotografia existe aquilo que está na imagem e o que está para além da imagem. Quem explica melhor esse exercício é Ana Maria Mauad em *Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX*, quando nos fala da importância de ver atrás da foto, de não apenas observar o que está nela, mas aquilo que não se vê<sup>35</sup>. Nesse sentido, dando ressonância ao que foi dito por Mauad, olhemos a fotografia da cidade de Juazeirinho, aquela sem nenhuma informação aparente, através da reflexão de Manoel de Barros, na crônica *O fotógrafo*:

Difícil fotografar o silêncio. Entretanto tentei. Eu conto. Madrugada a minha aldeia estava morta. Não se ouvia um barulho, ninguém passava entre as casas. Eu estava saindo de uma festa. Eram quase quatro da manhã. Ia o Silêncio pela rua carregando um bêbado. Preparei minha máquina. O Silêncio era um carregador? Estava carregando o bêbado. Fotografei esse carregador. Tive outras visões naquela madrugada. Preparei minha máquina de novo. Tinha um perfume de jasmim no beiral de um sobrado. Fotografei o perfume. Vi uma lesma pregada na existência mais do que na pedra. Fotografei a existência dela. Vi ainda um azul-perdão no olho de um mendigo. Fotografei o perdão. Olhei mais a paisagem velha a desabar sobre uma casa. Fotografei o sobre. Foi difícil fotografar o sobre (BARROS, 2010, p. 379-380).

Nessa perspectiva, o autor percebe o cenário urbano através de outro exame de percepção que observa o cotidiano, tratando das sensações e emoções, do olhar atento as minúcias, sendo capaz de ver a lesma agarrada mais a existência que a pedra. Nesse sentido, após essa reflexão, que vocês leitores e leitoras, possam olhar as nossas fotografias e observar o que está além da foto. Se pensarmos por esse ângulo, levando em consideração as reflexões de Mauad e Barros, muito possivelmente ao pensarmos a respeito do carnaval, poderíamos dar outros contornos à fotografia e imaginar um cenário diferente para a cidade nesse período festivo, quem sabe acrescentar em nossa visão, os foliões brincando envoltos de fantasias, confetes e serpentinas.

Sabemos que pode ser um exercício complicado para este momento, talvez consigam imaginar essa folia a partir de outros registros fotográficos, que verão no próximo capítulo. Entretanto, tenham em mente que se trata do mesmo espaço, da mesma cidade, só que retiradas em contextos e intenções diferentes.

---

<sup>35</sup> Ver: MAUAD, Ana Maria. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. In: **Anais do Museu Paulista de São Paulo**. São Paulo. N. Sér.v.13, p.133-174. Jan-jun. 2005.

Outro parada importante da folia juazeirinhense era o Mercado Público, localizado no centro da cidade. Na Figura2, não é possível observar a cidade por uma dimensão. Entretanto, traremos nesse primeiro capítulo e nos outros, o centro da cidade vista de baixo, fotografias retiradas no momento da comemoração, no ato da folia. A foto a seguir trata-se de um dia comum, em que os transeuntes realizam suas atividades rotineiras em torno de um dos principais pontos de comércio, o Mercado Municipal.

**Figura 3**– Mercado Público (1962)



**Fonte:** Casa da Cultura de Juazeirinho.

O Mercado Público, criado em 1962, era um dos espaços de sociabilidades na cidade que movimentava a vida social, cultural, política e econômica da época. Um ponto de encontro, no qual, ocorriam às transações comerciais, as conversas cotidianas, as festividades, um abrigo momentâneo para aqueles que se empolgavam com o álcool e os cochilos rotineiros dos gatos e cachorros, que ali habitavam na expectativa de sanar sua fome com algum presente vindo do açougue. O mercado funcionava todos os dias, não somente nasterças-feiras, sendo um ponto fixo na cidade para as atividades de diferentes status, como já mencionamos.

Nos espaços dentro e ao redor do Mercado, assim como outros pontos do centro se dava a comercialização de diversos produtos de gêneros alimentícios como o feijão, milho e frutas, comercialização de animais, tecidos, bolsas, entre outros. Assim como acontecia dentro e fora as comemorações carnavalescas e encenações dos foliões, especialmente o teatro carnavalesco particular do Zé de Aurora (o qual trataremos no terceiro capítulo deste trabalho)

que após fazer seu cortejo solo, dava a luz a uma boneca nesse Mercado Público. Para além disso, representava para época outras atividades, conforme explica Silva (2012):

Em 1962 o Mercado Público é construído e em 1989 a Ceasa é erguida. Estas duas formas comerciais, que inicialmente era abrigo de feirantes, assumiram de acordo com o tempo funções diferenciadas. O mercado ocupa uma quadra do bairro do centro, este prédio, após sua construção foi também local de oferecimento de lazer, sendo palco de encenações de Paixão de Cristo e local de festas (noturnas, de formaturas e **carnavais**), além disso, funcionou o cinema que foi transferido para um estabelecimento próprio (SILVA, 2012,p. 22, grifo nosso).

No tempo do carnaval, os foliões aproveitavam a feira livre para fazer suas últimas peripécias, pois coincidia com o encerramento do carnaval, numa terça-feira. E como o Mercado Público permanecia aberto, para além das terças-feiras, podendo o folião adentrar esse espaço quando convir, fazendo suas injúrias e brincadeiras, dividindo o espaço com os comerciantes que assistiam ou se incomodavam com o mela-mela, papangus e brincadeiras típicas carnavalescas, regadas a serpentinas e música a vontade.

Outro ponto de sociabilidade acontecia também na Praça Antônio Marinheiro (atualmente Praça São José), localizada próximo a Igreja Católica. Marcando o encontro entre o sagrado e o profano, uma vez que as festas da paróquia, missas campais e as procissões, ocorriam no mesmo espaço que as folias de carnaval, as festas de São João, o aniversário da cidade e festas cívicas, bem como transição rotineira para o trabalho, a ida aos mercados e algumas atividades comerciais<sup>36</sup> se davam nesta praça, assim como as brincadeiras infantis e as conversações a respeito de qualquer tema da vida: amores, desamores, mortes, nascimentos, traições, brigas e amizades.

Não obstante, se havia o carnaval na esfera pública, em suas ruas, mercados e praças (ainda discutiremos), também havia no privado, em clubes. O mais famoso era o Joazeiro Clube. Os clubes, (para além desse último) eram espaços nos quais a população, especialmente os mais grados, (pois podiam arcar com o estilo de vida que os clubes proporcionavam) se encontravam para diversas atividades da vida social, política, econômica e cultural. Era um espaço posto como familiar, as famílias se encontravam para suas socializações, especialmente em períodos festivos como o carnaval. Doravante, pode se considerar um espaço masculino, uma vez que mulheres não frequentavam sozinhas e não se tem registro de alguma ter se tornado sócia. Comumente, para se tornar sócio, os integrantes tinham que seguir alguns requisitos, conforme comenta o Sr. S. O.:

---

<sup>36</sup> Comércio de animais, tecidos, bolsas, calçados, etc.

Cada sócio contribuía mensalmente com uma taxa que era revertida para a manutenção do clube, empregados para a limpeza, vigilância e outras atividades. Existiam três tipos de sócios honorários: contribuinte e patrimonial que recebiam ações, o sócio contribuinte recebia um carnê e mensalmente pagava suas mensalidades, os inadimplentes não poderiam ter acesso ao clube. Para ser sócio teria de ser pessoas idôneas, passavam por um crivo após preencher um formulário nos bailes, os sócios só adentravam no clube de paletós e gravatas (O. S., 10/2021)<sup>37</sup>.

O Joazeiro Clube era um dos clubes mais notáveis na década de 1950 e um espaço, no qual alguns foliões podiam brincar o carnaval. Os carnavais de clube eram tidos como mais familiar, com um status de moralidade, em que os pais podiam proporcionar a suas filhas e esposas uma diversão carnavalesca mais enquadrada em moldes íntegros para a sociedade da época, longe de bebidas em excesso e inclinações a brincadeiras que beirassem ao desrespeito.

Comumente considerados espaços mais familiares, não era comum a presença de mulheres, vistas na época como um estilo de vida mais libertino, as prostitutas. Corriqueiramente relatado em nossas entrevistas que estas não frequentavam estes tipos de clubes, especialmente o JoazeiroClube, por não ser considerado uma conduta pertinente com os princípios das famílias da época. Não obstante, isso não significa dizer que elas não faziam suas folias, não tinham suas brincadeiras e seus espaços de pular carnaval. Entretanto, suas histórias (as folias das prostitutas juazeirinhenses no tempo do carnaval) e não somente em Juazeirinho, fica em um campo na história que poucos querem lembrar ou relatar, por diversas questões, morais, religiosas, mas especialmente pelo preconceito e incompreensão com as mulheres que vivem sob a prostituição.

A ausência de relatos sobre mulheres prostitutas brincando o carnaval (no período que estudamos) incide naquela discussão sobre a liberdade nessa festa. É uma liberdade plena mesmo? Não, também é uma festa que reforça preconceitos.

---

<sup>37</sup>Entrevista concedida pelo senhor S. O.no dia 15 de outubro de 2021.

**Figura 4**– Pessoas reunidas na frente do Joazeiro Clube



Fonte: Retalhos Históricos de Juazeirinho - PB<sup>38</sup>.

Antes do Joazeiro Clube, no que tange aos locais fechados, as festas de Carnaval e São João ocorriam no Grupo Escolar Xavier Júnior e/ou na Prefeitura, não obstante existiram outros clubes em sua história que não necessariamente brincavam o carnaval, mas quanto a isto não temos informações. Clube dos Motoristas, Voz da Liberdade, Clube Recreativo e Educativo de Juazeirinho, local no qual ocorreu o Baile das Bolas<sup>39</sup>, no ano de 1962, o referido clube foi o sucessor do Joazeiro Clube.

A despeito disso, era comum que os blocos carnavalescos fossem ligados aos clubes que funcionavam na cidade. No período que tange a década de 1950, o Joazeiro Clube era o que ocorria os carnavais mais familiares, muitos blocos eram ligados a ele, como os Bobos na Folia, Caçadores, no mais, só o bloco Satanás no Frevo que não participava, uma vez que eram rivais. Alguns relatos colocam como uma rivalidade saudável e descontraída. Todavia, outros apontam que realmente era séria, especialmente pelas divisões políticas (família Marinheiro *versus* família Matias) ao ponto de disputarem quem fazia a melhor folia e havia a distinção de cores, Azul seria os Bobos na Folia e vermelho os Satanás no Frevo.

<sup>38</sup> Disponível em:

<https://www.facebook.com/search/top?q=retalhos%20hist%C3%B3ricos%20de%20juazeirinho-pb>. Acesso em: 12 dez. 2021.

<sup>39</sup> Organizado pelas famílias, o Baile das Bolas ocorreu por, pelo menos, dois anos seguidos e consistia em seus convidados irem com fantasias ou roupas personalizadas com círculos. Ver fotografia nos anexos.

Todavia, o carnaval no clube representa apenas uma parte da história desses carnavais, pois não necessariamente todos os anos era certo brincar em um clube (prova disso é que o carnaval continua após o JoazeiroClube fechar suas portas e já existia antes desse surgir). Mas, o carnaval na praça pública era o ponto de encontro e local onde as festas aconteciam, como vemos a seguir.

A fotografia a seguir mostra a referida Praça Antônio Marinheiro, que no decorrer de sua história popularmente ficou conhecida por alguns nomes: Praça dos Corações, Praça da Igreja, Praça da Matriz e Praça São José. Inaugurada em 1962, na administração de Severino Marinheiro (Severino Pascoal de Oliveira), na qual, em homenagem ao pai, o patriarca da família Marinheiro, designou o nome de Praça Antônio Marinheiro.

**Figura 5**– Movimentações de pessoas na Praça Antônio Marinheiro



**Fonte:** Casa da Cultura de Juazeirinho.

O registro do início da década de 1960 mostra uma ampla praça e sua movimentação. O que será que ocorria nesse fatídico dia: seria uma procissão? Um cortejo fúnebre? Uma comemoração de alguma data importante? Ou apenas um registro de um dia comum? Ou quem sabe o fotógrafo quis apenas testar sua câmera ou aprimorar sua aptidão fotográfica? Independente de qual seja, o que podemos afirmar é que o tal registro partiu de um motivo, seja o de registrar uma atividade do cotidiano, seja um dia de folga (uma vez que as pessoas na fotografia parecem andar sem muita pressa), um dia de trabalho ou de festa.

Pois, se tratando de fotografia, não devemos nos prender ao pensamento do registro apenas pelo registro, essa operação é bem mais complexa. Comenta Ivo Canabarro em *Fotografia, história e cultura fotográfica: aproximações*: “As fontes imagéticas permitem

ir muito além das meras descrições porque trazem expressões e realidades vividas em outros tempos” (CANABARRO, 2005, p. 24).

Nessa perspectiva, Roland Barthes em *A mensagem fotográfica* pontua que a fotografia não é somente feita por um aparelho técnico que captura um real, mas por mensagens com um conteúdo histórico, social, cultural. Portanto, a fotografia constrói uma imagem, a partir do olhar do sujeito, as técnicas da época, as questões sociais e culturas de cada tempo. A fotografia acima, que mostra um fragmento, um registro de um determinado momento da vida cotidiana na Praça Antônio Marinheiro (atual Praça São José), foi tirada por um sujeito, por um determinado aparelho (com os materiais da época: a máquina, lentes, película, papel), em um tempo (no caso a década de 60), com os costumes da época, as relações sociais-culturais e em um espaço geográfico.

Nesse sentido, estamos nos referindo a um tempo cujo acesso à câmera fotográfica não era como nos dias atuais, o qual carregamos em nossos aparelhos celulares a prerrogativa de tirarmos uma ou mais fotos na hora e o momento que quisermos, sem nos preocuparmos em revelá-la ou comprar álbuns de fotografia. Tudo fica guardado (e esquecido) nas extensas memórias dos celulares e nas redes sociais. A referida foto da praça, assim como todas as outras fotografias de vários carnavais, estavam guardadas em álbuns pessoais e na Casa da Cultura da cidade.

O tratamento que damos a fotografia diz muito sobre a importância que esta representou em algum momento, seja a imagem que agora significa um valor histórico, e, portanto, é exibida em um museu, ou aquela de cunho afetivo, a qual famílias guardam e preservam em álbuns as memórias do seu passado.

As fotografias de carnaval se encontram nesses dois exemplos. Elas têm uma importância afetiva e histórica, quem as tirou no decorrer das décadas, e isso fica nítido no acervo da família Vital, tinha uma intenção de não apenas guardar as lembranças dessas folias, mas de preservar uma história que diz respeito à vida cultural-social de Juazeirinho.

Dando continuidade às reflexões a respeito da fotografia da Praça Antônio Marinheiro, o que poderíamos ver para além do que é mostrado? Já imaginou como seria interessante ouvir o que todas essas vozes ressonavam? Suas preocupações, seus planos e sonhos, a conversação a respeito de qualquer fato superficial da vida cotidiana. Como não podemos fazer isso, vamos nos atentar a alguns elementos da época, como a vestimenta das pessoas de acordo com a moda e a moral vigente: os homens de calça, camisa e chapéu; as mulheres de saias ou vestidos até o joelho e o penteado, provavelmente de cachos esculpidos, curtos na altura do pescoço. Percebemos o modelo dos carros, na foto aparecem os jipes. O estilo

arquitetônico das casas e a disposição da própria praça: é ampla, parece que foi planejada justamente para ser um ponto de sociabilidade, para receber muita gente, vinda das cidades vizinhas.

Hoje a Praça Antônio Marinheiro (atual Praça São José) não exibe o mesmo formato, assim como outros pontos que os juazeirinhenses brincavam o carnaval, como a Praça João Pessoa (atual Praça da Juventude)<sup>40</sup>, a Avenida Marechal Deodoro, hoje Avenida João Vital Guedes, em homenagem a um dos principais carnavalescos e comerciantes da cidade. Era na referida avenida que o curso carnavalesco passava, ainda tendo algumas casas que preservam a mesma fachada<sup>41</sup>, outras, porém, foram substituídas pelas lojas e outros estabelecimentos.

Contudo, apesar dos espaços que muitos foliões brincaram não exibam a mesma paisagem, sabemos que a mudança no aspecto físico de uma cidade é um movimento natural, uma vez que, aparentemente, o ser humano sempre está disposto a sacrificar o patrimônio público e histórico em nome da “inovação”. Infelizmente, a tentativa de eliminar o passado através da destruição de suas construções materiais nunca saiu de moda. Ao estudar as mudanças urbanísticas de Campina Grande, Severino Cabral Filho, (2009) na obra *A cidade revelada: Campina Grande em imagens e história*, trata das transformações ocorridas na medida que se projetava como uma grande cidade no interior paraibano, sendo necessário contar com uma grande avenida para simbolizar tamanho progresso:

Não importava a sociabilidade daqueles antigos moradores, as relações de vizinhança não contavam; não interessava ao “operoso prefeito” quaisquer sofrimentos que tenham passado aqueles habitantes da Rua Venâncio Neiva ao se verem, de uma hora para outra, sem suas moradias (CABRAL FILHO, 2009, p. 60).

Nesse sentido, daqui a algumas décadas, a paisagem da cidade que você mora ou viveu, não exibirá a paisagem que conhecia ou se recordava e nisso não a reconhecerá mais, porque a cidade é um espaço de constantes mudanças físicas e, querendo ou não, alguma paisagem da qual nos importa será apagada, destruída ou descaracterizada.

Contudo, nessa discussão entra o papel da história, como exemplificado por Pierre Nora (1993): “A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado”.

Nessa perspectiva, mediante a fala de Nora, esperamos ter representado nessa primeira parte, um pouco desse espaço sociocultural da cidade de Juazeirinho e que nas próximas

---

<sup>40</sup>Infelizmente não temos fotografias da época que mostre como era a praça.

<sup>41</sup> Algumas fotografias de como está a cidade atualmente estará nos Anexos.

linhas, assim seja para com os seus antigos carnavais de rua, no sentido de analisarmos a relação entre memória e esquecimento, não no sentido de trazer respostas, prontas e acabadas, mas, sim, reflexões, na maneira como postulou Michel de Certeau: “Sem dúvida, será sempre necessário um morto para que haja fala; mas ele falará da sua ausência ou da sua carência, e explicá-la não se limita a apontar aquilo que a tornou possível em tal ou tal momento” (CERTEAU, 1995, p. 82).

Portanto, o carnaval juazeirinhense era, sobretudo, urbano, nas ruas, nas praças, muitas fotografias que serão vistas neste trabalho, ocorreram nesses espaços, registrados nas fotografias. Todavia, paramos por aqui, mais exemplos dessa dinâmica veremos no próximo capítulo. Uma boa leitura!

## 2 A CADÊNCIA DA FOLIA JUAZEIRINHENSE: HISTÓRIA E FOTOGRAFIAS

Quando fevereiro chegar  
 Saudade já não mata a gente  
 A chama continua no ar  
 O fogo vai deixar semente  
 A gente ri a gente chora  
 A gente chora  
 Fazendo a noite parecer um dia

**Geraldo Azevedo<sup>42</sup>**

Quantas canções embalam os variados sentimentos que o carnaval desperta nos sujeitos. Entretanto, não foi nesse fevereiro, o qual Azevedo canta que os carnavais juazeirinhenses começaram. Na realidade, o tempo e o espaço os separam. O carnaval que o artista trata com tanta saudade, na canção *Chorando e Cantando*, foi composta em meados dos anos 80 e fala do carnaval de Recife. O nosso carnaval surgiu em 1918, no Seridó Oriental Paraibano. Não obstante, na década que Azevedo falava da tristeza sentida pela ausência da festa, enquanto fevereiro não chegava, os carnavais em Juazeirinho já estavam em momentos outros, à chama (carnavalesca) já não parecia queimar e nem deixar sementes.

Sim, sabemos que não é um clima muito agradável iniciar um tópico por esse viés do rompimento já demarcando o esvaziamento de uma festividade como o carnaval na cidade, muito antes de começar a destrinchar sua história. Mas ora, nunca devemos esquecer que o título deste trabalho já sinaliza esse sentimento de perda e distanciamento com seu passado carnavalesco. O trabalho é sobre retratar essa história, mas também de como essa foi perdendo a centralidade na cidade.

Caros leitores, muito embora o carnaval seja visto como a festa da diversão e alegria, esta, assim como esse trabalho, também carrega uma dimensão melancólica. Em nosso caso, a cada fotografia recuperada, qualquer depoimento dado, não raro, algum ou outro depoente se recordou, não apenas da alegria da folia, mas dos amigos e familiares que perderam, dos colegas que nunca mais viram e brincaram carnaval, daquilo que já se foi com a ação do tempo: o vigor, a energia e disposição, os amores e as decepções. *Pari passu* com o fácil sorriso, ao lembrar-se de algum carnaval específico, também foi comum vir acompanhado de

---

<sup>42</sup> AZEVEDO, Geraldo. *Chorando e cantando*. Geraldo Azevedo e Fausto Nilo, 1986. In: *Álbum: É frevo, É Brasil*. Recife: ONErpm, 2019. EP digital. Álbum do pernambucano Geraldo Azevedo dedicado ao carnaval.

um olhar cabisbaixo e uma voz embargada, porque o ato de lembrar pode causar alegrias, mas também podem vir à tona outros tipos de sentimentos, como tristeza, saudade e melancolia.

Esta segunda parte trata, não somente de alguns fatos e fotografias da história do carnaval em Juazeirinho, mas também memórias pessoais que se inserem dentro de um campo mais sensível da narrativa histórica.

Nesta perspectiva, para este segundo momento, o nosso objetivo é falar da história do carnaval em Juazeirinho, dos anos 1950 a 1970. Não trataremos dos carnavais iniciais, que tange o seu início, os anos de 1918 a 1930, porque nos faltam fontes para isso, mas aqueles carnavais cujas fontes nos permitem acessar essa história, que são os finais da década de 1940 e os anos de 1950 a 1970, por haver possibilidade da análise das fotografias e dos relatos orais.

Nos embasamos justamente naquilo que Marc Bloch nos ensina a respeito do ofício do historiador e suas fontes, em *Apologia da história*: “A diversidade de testemunhos históricos é quase infinita. Tudo que o homem diz ou escreve, tudo o que fabrica, tudo o que toca e deve informar-nos sobre eles” (BLOCH, 2001, p. 79). Estamos voltados, justamente, no que os juazeirinhenses produziram nessas décadas, a respeito do carnaval e que hoje nos servem como fontes históricas para a realização deste trabalho.

Desse modo, eis os nossos objetivos: no primeiro tópico intitulado como: 2.1 “I Ato Folia”, diz respeito à caracterização da festividade carnavalesca em si, numa perspectiva mais macro, bem como tratar de forma mais apurada o carnaval objeto de nossa pesquisa, os antigos carnavais de rua de Juazeirinho, no propósito de discutirmos sua história, quando surgiu, como eram as dinâmicas, quem organizava, quem brincava e outras questões. Posto isso, o segundo tópico intitulado como: 2.2 “II Ato da Folia: a memória visual carnavalesca de Juazeirinho”. Utilizará as fotografias retiradas em diferentes momentos da vivência carnavalesca dos foliões em Juazeirinho. Para facilitar a compreensão dos leitores, organizamos as imagens da seguinte maneira: Convites (5 imagens); 1 foto de um lança-perfume; Populares nas ruas (8 imagens); Fantasias (8 imagens); Bandas (2 imagens).

## **2.1 I Ato da Folia**

A festa carnavalesca é uma manifestação social e cultural que toma conta do cotidiano brasileiro, nos dias que seguem sua comemoração, no mês de fevereiro ou março (já que é uma festa móvel). Gostando ou não, do entusiasmado ao fleumático, esta festa interfere de alguma maneira em nossa vida habitual, nos despertando os mais diversos sentimentos. Não

tem como passar despercebida. Nos carnavais do tempo presente, um dos elementos que mais nos chama atenção é, de fato, a exuberância estética e econômica, com a qual essa é produzida.

O viés mercadológico da festa como apenas um produto rentável e os discursos morais que muitas religiões cristãs pregam<sup>43</sup>, na maioria das vezes visam ocultar a significação histórica que o carnaval representa em nossa sociedade, cujo limiar de sua história remonta ao século XIX, com os entrudos, folguedos e as sociedades carnavalescas, e o século XX que legou toda a mescla dessa diversidade cultural. O carnaval não deve ser visto como um meio para a destruição moral do ser humano, mas, sim, como uma festa pertinente de ser estudada em toda a sua dimensão histórica, sociológica e antropológica

Muitoalém disso, brincar e fazer o carnaval, não somente nesses contextos mencionados (século XIX e XX) é, sobretudo, uma maneira de existir no mundo, de expressar, do fazer parte de algo: um grupo, uma comunidade, uma sociedade. O caráter monetário é, sim, importante, mas não tudo. Não à toa que o carnaval fora uma festa tão trabalhada pelas elites, no sentido de civilizá-la e retirar dessa quaisquer ligações com um passado dito primitivo, como o entrudo e os folguedos. Não à toa que essa festa também era e é palco de tantas manifestações populares.

Seja qual a classe social, é no tempo do carnaval que muitos encontravam uma maneira de expressar suas visões de mundo. A festividade tem um uso, e seja para afirmar uma cultura superior, própria das elites, ou reclamar sua posição no mundo (negros, pobres, mulheres, imigrantes, LGBTQIA+), o carnaval é uma festividade que permite o sujeito existir, exercer uma função, uma autonomia de ser e se permitir o que quiser.

Nesta direção, quando Juazeirinho é fundada em 1913 e, após cinco anos, a pequena população local, sentiu a necessidade de iniciar a festa carnavalesca em sua jovem cidade em 1918, não significava apenas incluir um lazer ou uma mera distração para o calendário cultural, simbolizava uma forma de existir no mundo. De ser um lugar para além do comércio, para além da feira, do trabalho e da agricultura. De encontrar outros meios de alimentar a matéria, que não seja somente o trabalho. Nesse sentido, pensemos no que Mikhail Bakhtin (1993) tem a nos dizer “as festividades sempre tiveram um conteúdo essencial, um sentido profundo, exprimem sempre uma concepção de mundo” (BAKHTIN, 1993, p.7).

Na ocasião de sua inserção, em fevereiro de 1918, por iniciativa de um dos seus fundadores, o senhor Manoel Vital, Juazeirinho que ainda era Joaseiro, não tinha muitos

---

<sup>43</sup> Vale lembrar do fenômeno dos retiros religiosos.

recursos, a cidade foi se desenvolvendo lentamente. De modo que não sabemos de quase nada a respeito deste início, o que sabemos é que, não havia energia elétrica, mas tinha carnaval; não existia o trem, mas havia carnaval, tampouco os recursos de água encanada, saneamento básico, instituições de ensino, porém havia carnaval. Como mostramos na primeira parte, os juazeirinhenses das décadas de 1910 a 1930, não ostentavam os principais símbolos da modernidade. Porém, estes tinham como prática um dos principais símbolos culturais da época, o carnaval. E isto por si só, já sinalizava que estes faziam parte de algo, um elemento em comum com qualquer outro brasileiro, seja qual parte do Brasil, que brincasse o carnaval. E, sobretudo, na ausência ainda de uma festa própria da cidade, que dissesse sobre os juazeirinhenses, esses se voltaram para a festa do mundo, o carnaval.

É justamente, em razão de termos esse início da experiência carnavalesca na cidade perdida, enterrada juntamente com aqueles que a vivenciaram, que o nosso trabalho caminha pelos anos 50 (dos finais de 40) a 70, porque a oralidade e as fotografias nos permitem acessar essas histórias, que logo mais iremos discutir. Todavia, deixe-nos falar um pouco como era o mundo, no qual, Juazeirinho estava inserido, nesse contexto de 1918, já que não podemos tratar da festa em si na cidade.

Em linhas gerais, em 1918 o mundo vivia o fim da Primeira Guerra Mundial e a Gripe Espanhola. Essas mazelas confluíam como uma verdadeira quebra de expectativas com o futuro ordenado e civilizado, idealizado no século XIX. Em um curto espaço de tempo, o espectro da morte e do luto, que ceifara inúmeras vidas na guerra, foi sucedido pelas mortes asfixiantes da “espanhola”. Para o imaginário da época, tudo levava a crer que era o fim do mundo.

De fato, o futuro promissor do progresso tão correntemente vislumbrado pelos intelectuais do século XIX, parecia decepcionar, diante da difícil realidade de ver a luz da ciência usada para fins bélicos e de destruição: o futuro civilizado e agora um presente de diplomacias rompidas, monumentos históricos quebrados e milhares de vidas sofrendo com a realidade do abandono e da morte vindas com a guerra, a fome e a gripe. O mundo se dividiu e pioraria ainda mais com a Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

Entretanto, nem por isso, se deixou de brincar carnaval no Brasil<sup>44</sup>, o espectro carnavalesco parecia driblar qualquer mal-estar causado pelas próprias mazelas que o

---

<sup>44</sup>Por que tanta resistência em abrir mão do carnaval? O questionamento não serve apenas para os carnavais que foram contemporâneos da pandemia da Gripe Espanhola, mas, sim, para o nosso atual momento de pandemia da COVID-19. Muito embora fora proibida as comemorações para conter aglomerações, constatou-se que, em todo o Brasil, muitos foram os casos de festas carnavalescas clandestinas. Mais do que nunca, em momentos de crise o ser humano sente a necessidade de se desvirtuar da realidade, geralmente, o carnaval já desorienta o sujeito do

indivíduo criava. No início do século, a expressão maior dessa festividade era o carnaval do Rio de Janeiro, o qual, no final da década de 1910, já estava mais do que consolidado com a cultura das grandes sociedades carnavalescas, movimento esse iniciado desde 1850 e cuja influência, se estendia para outras regiões do Brasil.

Naquele fevereiro de 1918, a guerra acabara, mas a Gripe Espanhola estava prestes a assombrar a sociedade brasileira. Entretanto, chegaria aos portos meses depois, do carnaval daquele ano, conforme aponta Santos (2006), em *Carnaval, a peste e a 'espanhola'*: “No início da epidemia de gripe no Rio de Janeiro, em setembro de 1918, os habitantes começaram a apresentar febre e a caírem doentes. Era a ‘Espanhola’, a doença que vinha da Europa pelos navios que ancoravam nos portos brasileiros” (SANTOS, 2006, p.136).

Não obstante, a espanhola não foi motivo para que o folião carioca (ou de qualquer região do país) e, tampouco, em Juazeirinho deixasse de festejar<sup>45</sup>. O carnaval de 1919, é um importante acontecimento histórico, não somente no que tange à questão de como o brasileiro tem dificuldade de se desvencilhar desta festa, mas também de como a psiquê humana reage em momentos de crise, nos quais, é comum não apenas sermos tomados pelo medo e a obsessão da morte e seus símbolos (figuras fantasmagóricas, caveiras aladas com foices), mas a inclinação pelos prazeres antes que a vida acabe<sup>46</sup>.

A crônica de Nelson Rodrigues, contemporâneo da espanhola, retrata em *A menina sem estrela* o modo como naquele carnaval de 1919 ‘a morte vingou-se’:

Quem não morreu com a espanhola? E ninguém percebeu que uma cidade morria, que o Rio machadiano estava entre os finados. Uma outra cidade ia nascer. Logo depois explodiu o carnaval. E foi um desabamento de usos, costumes, valores, pudores (RODRIGUES, 1993, p. 56).

Sobreviver a morte e celebrar a vida, ou celebrar a vida enquanto não vem a morte? Esses questionamentos tornam-se ainda mais intensos quando o assunto é carnaval, cujos

---

regimento da vida ordinária e das obrigações. A ‘lei’ sagrada da vida ao avesso, característica do carnaval, não apenas serve para tirar o fardo do mal estar presente, mas dá a falsa impressão, no contexto de pandemia, de que a morte pode ser superada ou a vida aproveitada ao máximo. Em fevereiro de 1919 e fevereiro de 2021, a história se repete.

<sup>45</sup>Apesar de não termos condições de fazer uma história desse início, porque a escrita científica exige rigores, especialmente por não termos fontes seguras, não termos conhecimento de que a festa carnavalesca foi interrompida em algum ano ou década, antes de sua decadência em meados dos anos 80.

<sup>46</sup>De certo, os foliões cariocas não estavam apenas motivados, exclusivamente, por essas questões, o carnaval de 1919 também foi representado por protestos. Protestos pelo abandono das autoridades (inclusive o então presidente Rodrigo Alves morrera da gripe espanhola), do desrespeito pela vida humana e por uma medicina que ofereciam chás e caldos de galinha como cura da espanhola. Como podemos observar na leitura de: SANTOS, R. A. dos: **O carnaval, a peste e a ‘espanhola’**. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, v.13, n.1, p. 129-58, jan. - mar., 2006.

temas universais como morte, vida, sexo, gula, são tratados de acordo com a variação local e as visões de mundo de quem brinca. A despeito disso, uma das principais características dadas ao carnaval é a do mundo ao avesso, ou seja, a capacidade de inversão do cotidiano, da realidade e a liberação da vida ordinária. De acordo com Bakhtin, linguista russo que em seus estudos contribuiu para o conhecimento histórico, foi um dos primeiros pesquisadores a analisar o carnaval em sua dimensão da cultura popular (cômica), a festividade possui essa prerrogativa: “Ao contrário da festa oficial, o carnaval era o triunfo de uma espécie de libertação temporária da verdade dominante e do regime vigente, de abolição provisória de todas as relações hierárquicas, privilégios, regras e tabus” (BAKHTIN, 1993, p.8).

Amparado na ideia de circularidade, Bakhtin afirmava que no carnaval a cultura popular e erudita mesclavam-se, rompendo, assim, as relações hierárquicas. Todavia, para nós, estudar o carnaval em um país como o nosso, no qual, as realidades sociais são tão distintas, é perigoso afirmarmos e enveredarmos por essa narrativa de quebra de hierarquias, ou de uma essência carnavalesca própria do brasileiro. Muito embora, algumas pessoas possam fazer uma leitura de que, em cidades de pequeno porte como Juazeirinho, o princípio de circularidade se aplique e que não há distinção entre os foliões (“elite” local com maiores condições financeiras e sujeitos poucos favorecidos, mulheres, crianças), de que todos brincam juntos em uma linda e harmoniosa cadência. O que não acontecia, como veremos mais adiante.

Para JêrômeBaschet, o carnaval simbolizava a repetição das festas pagãs integradas ao ciclo cristão, no qual ele pontua que essa festa acontecia, mediante uma relação de ordem e desordem controlada pela Igreja medieval. Porém, apesar de frisar esse cuidado do poder cristão sobre a festa e discordar dos apontamentos de Bakhtin sobre a existência de uma cultura popular carnavalesca que rebaixa o poder clerical no carnaval, o autor concorda com esse ponto de ser uma festa das liberações dos impulsos, mas ressalta o significado da festa por estar associado ao calendário cristão:

O próprio nome dado ao carnaval (derivado, sem dúvida, de “carne vale” ou “carne levar”) define-o com o tempo antes da quaresma, durante o qual ainda é lícito comer carne. Mais amplamente, ele é um tempo de transgressão autorizada e de libertação dos impulsos antes da retenção penitencial da quaresma: ele só tem legitimidade porque precede a ela e exalta, por contraste, sua significação (BASCHET, 2006, p.231).

Peter Burke, em *O carnaval de Veneza* (2002), também nos aponta esse caráter do mundo ao avesso: “O carnaval era o tempo do permitido; permitia-se não apenas comer e

beber em demasia e abandonar-se aos atos sexuais antes da abstinência da quaresma, mas também realizar atos ritualizados de agressão” (BURKE, 2002,p. 31).

Não obstante, Burke nos adverte que cada localidade, cidade ou espaço que brinque o carnaval, existe suas próprias variações dos temas universais como: a gula, sexo, vida, morte e violência. Dessa maneira, um carnaval sempre será diferente do outro, independente do lugar que se brinque e onde se brinque. Os sujeitos darão sentidos outros, uma motivação diferente (questões políticas, reivindicações, resistência, normas sociais, condutas culturais).

Esses autores pensaram o carnaval na perspectiva da sociedade medieval europeia. Entretanto, em nosso país, diversos profissionais pensaram a festividade mediante as mais diversas áreas de pesquisa, pois o carnaval é uma festa de variadas linguagens e sentidos, e sejam os carnavais europeus, cariocas, recifenses ou os antigos carnavais de rua de Juazeirinho, todos esses tem sua maneira de ler e dizer o carnavais que praticam.

No nosso caso, trata-se de uma abordagem mais local, micro, não significa estudar todo o espaço da Paraíba ou Nordeste, mas a manifestação carnavalesca em uma pequena cidade. Desse modo, como é interessante mencionar que a festa do mundo (carnaval), chega até o mais recluso dos lugares, como flui entre os espaços. Entretanto, toda sociedade, na história, independente do seu contexto, pensou alguma forma de manifestação festiva para expressar suas relações com esses tais temas universais (morte, vida, sexo, alimentação, trabalho), porque são temas que fundamentam a existência, e o carnaval, independente da nomenclatura que este tenha, está ligado, sobremaneira a como o sujeito se expressa diante da vida.

Quando os juazeirinhenses adotam o carnaval como uma das primeiras festividades da cidade, indubitavelmente esses sentiam a emergência não apenas de descansarem da realidade cotidiana e dançarem aos sons dos zabumbas e saxofones, mas também de uma outra forma de expressão e manifestação. Talvez, naquele começo de cidade a realidade era tão árdua, não somente pelo trabalho, mas por ser uma região ainda em desenvolvimento e, como boa parte dos interiores paraibanos, era mais um espaço abandonado pelo Estado. O esforço próprio fora necessário para levantar aquele lugar (Juazeirinho). Porém, não só de trabalho vive a nossa matéria. Precisamos nos alimentar de diversas sensações, desejos, anseios. O carnaval nos parece um grande atrativo para as realizações dos nossos ideais.

O trabalho de Felipe Ferreira, em *Inventando Carnavais*, no qual analisa o carnaval carioca no século XX, por um viés do espaço geográfico, pontua a relação do carnaval e o espaço social: “No enfoque proposto por Felipe Ferreira, o carnaval é parte crucial de

redefinições e disputas simbólicas pela ocupação urbana, revelando a um só tempo novas formas civilizatórias e processos de reorganização social” (FERREIRA, 2005, p. 11).

Explorando essa dimensão que ele dá ao carnaval, como elemento importante da organização do espaço público carioca, trazer a festividade carnavalesca para Juazeirinho era de alguma forma demarcar que aquele espaço crescia como cidade, muito embora, nesse período, politicamente ainda dependesse de Soledade, mas internamente apresentava uma dinâmica comercial, econômica, social e cultural em curso, pois o carnaval se dá em um espaço, na praça pública, nas ruas como pontua Roberto da Matta (1983).

Nessa perspectiva, como mencionamos anteriormente, o primeiro idealizador da festa carnavalesca na cidade de Juazeirinho foi o comerciante Manoel Vital Filho, em 1918, e também um dos fundadores da cidade:

Introduzido na comunidade em 1918, por Manoel Vital Filho, um dos pioneiros da cidade, o carnaval iniciava-se às quatro horas da manhã do domingo, com o bloco do Zé Pereira despertando a população ao som dos clarins. Os componentes usando chapéu de palha, cantavam Zé Pereira acompanhado de uma banda (MOBRAL, 1989, p. 69).

Não obstante, com o passar das décadas, em especial no nosso recorte temporal (1950-1970), a folia iniciava-se na madrugada do sábado, entre as 4 e 5 horas da manhã, com o bloco do Zé Pereira e com uma banda acompanhando. O horário do início da folia (o bloco e a banda são elementos que não deixaram de fazer parte da comemoração carnavalesca na cidade). Todos os anos que sucedia a festividade, esses três elementos se configuram como práticas tradicionais do carnaval na cidade, devido a sua repetição ritualística. De modo que se tornaram símbolos do carnaval juazeirinhense. O Zé Pereira indicando o início da festa, no mesmo horário às 4 ou 5 horas da manhã, abrindo alas para o espírito carnavalesco que chegara e o cortejo da banda, que acompanhava a folia todos os dias, até seu término na terça-feira.

O Zé Pereira era uma das figuras mais tradicionais do carnaval brasileiro. Em *Variados Zés, um sobrenome: As muitas faces do Senhor Pereira no carnaval da virada do século*, da historiadora Maria Clementina Pereira Cunha, o Zé Pereira nasce do espetáculo *O Zé Pereira carnavalesco*, de 1869, no Teatro Ligeiro, através do comediante Francisco Correia Vasques. Surge nos palcos do teatro, para as ruas, construindo sua imagem de folia nos carnavais cariocas.

Mais ainda porque, rapidamente, reforçando esta impressão, Zé Pereira seria parte integrante de prestígios refinados e de salões carnavalescos, perdendo a

exclusividade de sua imagem popular: transformar-se-iam, nas décadas seguintes, em símbolo de uma folia imanadora, independente das classes, etnias e demais desigualdades e diferenças sociais (CUNHA, 2001, p. 376).

Desse modo, a figura do Zé Pereira surge em um meio elitizado e dito civilizado, sobretudo, nesse contexto que se vislumbra civilizar a festividade e faz o caráter inverso, de elitizado para o popular e da rua. O carnaval em Juazeirinho adota a caricatura desse personagem carioca e alia com outros símbolos de outros carnavais brasileiros. Diríamos que os principais carnavais que o de Juazeirinho se espelhou foram os do Rio de Janeiro e no do Recife. A adoção do personagem do Zé Pereira carioca, aliado ao estilo musical de Recife, o frevo, a banda e sua orquestra. Para além disso, o uso do instrumento de percussão, como a zabumba, e de sopro como o saxofone, eram elementos importantes da diversão, fazendo parte dos carnavais juazeirinhenses em todos os relatos e registros (orais e fotográficos) que tivemos conhecimento.

Continuando sobre a dinâmica do carnaval, o senhor Manoel Vital filho, o organizador inicial, teve na figura do seu filho, o comerciante (e carnavalesco) João Vital Guedes, o principal organizador e incentivador da festividade na cidade, dando continuidade aquilo que seu pai idealizou em 1918 e nas décadas seguintes. Esse deu seguimento ao legado cultural do seu progenitor. Nessa direção, foi justamente na era de João Vital Guedes, que os carnavais juazeirinhenses têm o seu auge, principalmente entre os anos 40, 50, 60 e 70<sup>47</sup>, não somente devido ao fato dele ter sido uma das principais pessoas a manter a festividade carnavalesca no calendário cultural da cidade, mas pelos registros e fontes que este deixou. No intuito de registrar o presente, João Vital Guedes fazia muito pelo futuro histórico da cidade de Juazeirinho.

---

<sup>47</sup>Sendo essa última década vista já como o momento que começa a decair. Entretanto, isso varia de pessoa pra pessoa. Por exemplo, observamos que foliões que brincaram os carnavais na década de 40, chegam aos anos 70, vendo a festividade mais descaracterizada e distante destes carnavais dos anos 30, 40 e 50.

**Figura 6**–Grupo reunido no carnaval de 1967 no Joazeiro Clube



**Fonte:** Acervo do Sr. Sonaldo Vital de Oliveira.

Na fotografia acima, do carnaval de 1967, no Joazeiro Clube, o senhor de chapéu e óculos, é João Vital Guedes. Nasceu em Juazeirinho, em 28 de dezembro de 1918, e faleceu em 27 de junho de 1999. Comerciante, empreendedor e carnavalesco, João Vital Guedes, de fato, era um homem característico do início do século XX, de várias facetas para o presente e um olhar direcionado para o futuro. Um dos principais organizadores não somente das festas carnavalescas, como também das festas de padroeiro e das festividades juninas. Legou um acervo cultural para a cidade, através do museu que fundou em 1989, o Museu Cultural Manoel Vital, em homenagem ao seu pai.

Ao conversar com seu neto, o historiador Mario Matias Maracajá Filho, ele nos dá uma ideia de como João Vital era em sua vida privada, e que apesar de gostar da movimentação, da diversão e da folia, presente nas festas que ajudava a organizar, a disciplina e o rigor da organização era uma das suas principais características:

Eu tive a felicidade de conviver com meu avô até os meus treze anos, era uma criança. Meu avô era uma pessoa organizada e disciplinada. Trouxe isso para a minha vida. Aprendi com ele o hábito da leitura, apesar de ele não ter uma formação acadêmica, ele tinha um vasto conhecimento, porque lia muito. Desenvolvi o hábito da leitura por vê-lo lendo (MARACAJÁ FILHO, 10/2021)<sup>48</sup>.

Nesse sentido, é interessante observar que a festividade carnavalesca é somente uma parte da vida do folião que participa, uma extensão de seu temperamento, da sua vida cotidiana, das suas trocas sociais e seus gostos culturais.

Outro folião importante foi o senhor Antônio Colaço nascido na cidade em 03 de julho de 1930. Entretanto, sua família, assim como outras da região, vieram do Brejo paraibano,

<sup>48</sup> Entrevista concedida pelo historiador Mário Matias Maracajá Filho no dia 01 de outubro de 2021.

ainda no tempo da guerra, conforme relato de sua filha, Leda Colaço. Nessa perspectiva, os Colaços devem ter se mudado para Juazeirinho entre 1914 e 1918, ano que termina a guerra e, por coincidência, é o mesmo ano que começa o carnaval na cidade. No carnaval, Antônio Colaço era um dos responsáveis pela animação com sua banda, sendo um dos principais músicos da época, lembrado até os dias atuais, assim como o cortejo com seu jipe, animando a cidade e convocando os foliões para a animação carnavalesca.

Leda se recorda saudosamente de seu pai, e nos compartilha aquilo que sabe sobre sua participação no carnaval, e entre um relato e outro, inclusive a assustadora cabeça do Zé Pereira, (do qual falaremos na terceira parte deste trabalho) ela faz uma breve menção à carreata do Antônio Colaço.

E tem a parte também que tinha uma carreata, tinha o dia que enfeitavam os carros. Aí as pessoas tinham que se fantasiar e saiam em cima desses carros. Minha tia que fazia as fantasias do povo da minha família, dos Colaços, então, saiam. Como se fossem carreatas dos políticos, mas era de folia (COLAÇO, 10/2021)<sup>49</sup>.

Ao acessar as memórias que ouvia quando criança sobre o carnaval e também envolvida pela curiosidade da pesquisadora, Leda relembra com emoção de uma das músicas favoritas de seu pai: *Bandeira Branca*, da artista Dalva de Oliveira, de 1970. Uma música que também fala de saudades, e saudades foi o sentimento que mais aflorou nesta entrevista. A saudade da filha por seu pai, assim como, na medida em que a entrevista seguia, percebemos que a saudade também estava presente nas memórias de seu pai, pelos antigos carnavais nos quais o músico tocava.

*Bandeira branca, amor  
Não posso mais  
Pela saudade que me invade  
Eu peço paz*

*Saudade, mal de amor, de amor  
Saudade, dor que dói demais  
Vem, meu amor  
Bandeira branca, eu peço paz*

Após essa breve apresentação de dois importantes foliões, dos finais da década de 1940 e dos anos 1950, seguiremos com a história desses antigos carnavais. Dos anos 1940 em diante as movimentações carnavalescas eram iniciadas no sábado de carnaval, João Vital Guedes, Marinaldo Melo e Julio Jovino, eram uns dos que começavam a folia formando o bloco Zé Pereira e percorriam a cidade, com uma banda, no estilo orquestra, por volta das

---

<sup>49</sup> Entrevista concedida pela senhora Leda Colaço no dia 02 de outubro de 2021.

05:30 da manhã. Acordando e convocando os foliões para o início dos festejos carnavalescos. Sobre quem era o Zé Pereira, às vezes era o próprio João Vital, ou Julio Jovino, mas, de certo, sempre tinha o Zé Pereira e seu cabeção. No mais, esses davam a pequena amostra da folia, recolhendo-se e voltando à tarde, no qual ocorria a demonstração dos blocos. À tarde com os desfiles, os blocos mais tradicionais eram os Bobos na Folia, depois Os Caçadores, Satanás no Frevo (mas temos poucas informações sobre sua permanência) e o bloco infantil As Bonequinhas.

Um dos aspectos interessantes da folia juazeirinhense eram as visitas às casas, que antecipadamente os foliões, através da diretoria do Joazeiro Clube, combinavam de visitar determinadas famílias e lá eram recebidos com o que essas podiam oferecer, como bebidas e salgados. Cada família escolhida tinha uma espécie de folia particular em sua casa. Uma vez acabada, estes partiam para outras casas e, assim, acontecia até a terça-feira. Meticulosamente organizado, para que desse tempo a folia seguir pela cidade e percorrer as principais ruas, muito certamente antes da noite chegar devido à pouca iluminação.

Essa prática representa o fato de como estes carnavais eram marcados pelo fator da intimidade, pela ligação do grupo, da comunidade. Era uma cidade pequena, quando Juazeirinho passou ao posto de cidade na década de 1940, tinha cerca de 3.000 votantes. No capítulo anterior demos uma estimativa dos habitantes no decorrer das décadas. Era uma população local diminuta e não estranha essa ligação de comunidade, de afetividade e intimidade, ao ponto de estenderem a folia para dentro das casas de quem os convidasse ou de quem, antecipadamente os foliões escolhessem. Nesse contexto, o deslocamento para curtir os carnavais de outras cidades não era uma prática comum, viajar para Recife, Salvador ou Rio de Janeiro não era uma realidade, até a década de 80, 90 e anos 2000.

Os habitantes da cidade não iam nem para a cidade mais próxima, Campina Grande, a qual possuía, nas décadas que estamos abordando um carnaval consolidado, como podemos observar Em *No passo do urubu malandro: uma história social do carnaval campinense (1945-1965)*, o historiador Antonio Clarindo Barbosa de Souza, por uma abordagem da História Social, trata em seu trabalho das especificidades da folia campinense no contexto estudado, demonstrando que a vivência carnavalesca não era a mesma entre todas as classes. Portanto, não era homogênea e variava entre os sujeitos. Desse modo, questões como poder aquisitivo, gênero e idade influenciavam em sua dinâmica. “Percebe-se, portanto, que as primeiras atividades carnavalescas em Campina Grande, assim como outras manifestações culturais destacadas pelos memorialistas, teriam surgido vinculadas aos grupos política e economicamente dominantes” (SOUZA, 2015, p. 40).

Nesse sentido, percebemos que assim como em Campina Grande, em Juazeirinho, a iniciativa de festividades como o carnaval se dava mediante a organização de famílias tradicionais, consideradas relevantes política e econômica para a cidade. Em Juazeirinho, a organização das famílias foi o primeiro ponto de partida para a inserção da festa na cidade e, assim, acreditamos que era um movimento comum em outras localidades da Paraíba.

Destarte, se existiam carnavais tão próximos nesse contexto, como o de Campina Grande, por que os foliões juazeirinhenses não brincavam concomitantemente? Acreditamos que o sentido de possuir uma festa tradicional para a cidade e a necessidade de mantê-la estão relacionadas com um sentimento de pertencimento à festa, o apego por parte dos foliões mais velhos, das diversões organizadas pelas famílias, bem como o divertimento familiar nos clubes, esses elementos corroboram por uma ideia de uma festividade mais “intima”, dentro de um campo mais local e, sobretudo, ligada a grupos sociais.

Nessa perspectiva, em Juazeirinho possuía uma dinâmica já feita por essas famílias, eram elas: família Vital (João Vital, Geraldo, Arlindo, Irene, Ivone, Teresinha Matias de Oliveira, dentre outros), Máximo (vale a menção a Alberto Máximo de Oliveira, dentista e compositor das marchinhas carnavalescas, também foi vereador na cidade), Colaço (Antônio Colaço), Ribeiro Roma, Marinheiro, Batista Nóbrega, Barros, Falcão e nomes como JulioJovino, Maciel Malheiros, Zelo Gouveia, Marinaldo Carvalho de Melo, Raul Zelo, Zé Capitulino, Euclides Batista, conhecido como Quida, Antônio Batista de Lima (Toca) e muitos outros.

Nomes cujos carnavaisjuazeirinhenses já contavam como certos na folia. Portanto, especialmente nas décadas que a festividade era forte na cidade, não havia motivo plausível para quebrar tal dinâmica, indo curtir os carnavais de um lugar que ficava a 83km de distância (mentalidade esta, que aos poucos foi deixada de lado, na medida que pessoas mais jovens passaram a fazer parte do carnaval, sendo comum estas se deslocarem para desbravarem outros pontos de folia). Desse modo, nessas décadas (especialmente anos 40 e 50), Juazeirinho possuía mais uma ligação comercial-econômica com Campina Grande.

Dando continuidade à dinâmica do carnaval em Juazeirinho, uma vez que o calendário vespertino era realizado, à noite a folia se dava no Joazeiro Clube, com os bailes, geralmente ao som de uma orquestra contratada de Picuí ou Pocinhos. Esse é o ponto em que marca um carnaval mais familiar.

Para além disso, outros elementos presentes na festividade eram os papangus que aterrorizavam as crianças, cujos relatos já encontramos nos finais dos anos 1940. O carnaval

particular de Zé de Aurora e a importância da feira da cidade para esse período festivo, pois a feira acontecia no último dia de carnaval, na terça-feira.

Nos anos 1980, o carnaval em Juazeirinho já não demonstrava tanta articulação como nas décadas anteriores, especialmente em seu auge, nos anos 40 e 50 (não obstante, há relatos que já na década de 60 e 70, já não embalavam tanto assim a cidade. Entretanto, isso pode variar de acordo com a experiência de cada pessoa, como explicaremos mais adiante). Essa década é marcada pelos ala-ursas, pelo carnaval no Motta Som, por alguns desfiles pela cidade organizados por alguns cidadãos e por algumas mudanças de ritmos da cidade. Todavia, essas questões deste e do parágrafo anterior serão tratadas na terceira parte do trabalho.

## **2.2 II Ato da Folia: a memória visual carnavalesca de Juazeirinho**

Foi a partir do interesse pela fotografia que surgiu a ideia de pesquisar e escrever sobre os antigos carnavais de rua da cidade. A curiosidade e simpatia pela temática já existiam. Porém, ainda não tínhamos nos deparado com algo que pudesse explorar, uma vez que mal tínhamos conhecimento de um passado de cultura carnavalesca em Juazeirinho, tampouco acesso a algum material sobre a temática em outra cidade do Cariri e Seridó. Entretanto, no instante que nossos olhares fitaram uma fotografia de um dado carnaval da década de 1950, em Juazeirinho, não apenas aflorou a nossa curiosidade de saber mais sobre esse passado, assim como, falou mais alto a pesquisadora em História, que entendia o potencial histórico que uma fotografia carrega, com toda a sua capacidade de transmissão de códigos e sentidos.

Aquelas fotografias eram, sobremaneira, importantes documentos históricos. Na ausência de uma história escrita sobre o carnaval, ali estavam as fotografias falando sobre uma época, uma temática, uma estética, uma determinada sociedade, de um espaço, um ambiente. Em suma, fazemos uso das palavras de Ana Maria Mauad para sintetizar essa dimensão histórica, social-cultural, mas também sensível que uma imagem fotográfica transmite:

Nunca ficamos passivos diante de uma fotografia: ela incita nossa imaginação, nos faz pensar sobre o passado a partir do dado de materialidade que persiste na imagem. Um indício, um fantasma, talvez uma ilusão que, em certo momento da história, deixou sua marca registrada, numa superfície sensível, da mesma forma que as marcas do sol no corpo bronzeado, como lembrou Dubois. Num determinado momento o sol existiu sobre aquela pele, num determinado momento aquilo existiu

diante da objetiva fotográfica, diante do fotógrafo, e isto é impossível negar (MAUAD, 2005, p. 150).

Nessa perspectiva, Mauad não reflete apenas sobre a dimensão sensível e histórica da fotografia. Para ela, historiadora influenciada pela semiótica, preocupa-se com os indícios, a investigação e também todo o processo técnico da fotografia. Outros que pensaram sobre a importância da fotografia foi Boris Kossoy (1989) em *Fotografia & História* fala da importância de que quando estudar uma fotografia pensar na tríade: sujeito (fotógrafo), técnica (equipamento) e assunto (história). Não obstante, sabemos que algumas fotografias pertenciam a João Vital Guedes (do qual já falamos) e atualmente pertencem ao seu filho Sonaldo Vital de Oliveira.

Em sua maioria, era o comerciante João Vital que solicitava ou fazia o registro com uma câmera *Kodak*. Entretanto, possivelmente outros habitantes também possuíam recursos para tirarem suas fotografias e assim o faziam, pois como o próprio Kossoy aponta, que toda fotografia parte de um desejo, de um indivíduo que se viu motivado a congelar aquela imagem<sup>50</sup>. As fotografias foram cedidas pelo senhor Sonaldo Vital Oliveira (24 fotografias), da Casa da Cultura de Juazeirinho (6 fotografias) e pela página no *Facebook* Retalhos Históricos de Juazeirinho - PB (2 fotografias).

Por fim, nossos objetivos. Para esta parte, exploraremos algumas fotografias dos carnavais em Juazeirinho. Portanto, o primeiro tópico trata de 5 convites. Intuídos pelo sentimento de que os leitores e leitoras se sintam convidados a realizar a leitura deste tópico do nosso trabalho. Depois seguiremos para as seguintes organizações: Populares nas Ruas (8 imagens), Fantasias (8 imagens) e Bandas (2 imagens). Aqui enunciamos um efetivo encontro, o da história e a memória fotográfica, no qual temos como principais propósitos observar através das imagens um tipo de memória, aquela ligada à festividade carnavalesca na cidade de Juazeirinho e, assim, perceber a capacidade histórica que está imbuída através da fotografia, o acesso a essa história do carnaval dos anos finais dos anos 40, 50, 60 e 70.

### **2.2.10 convite para a folia**

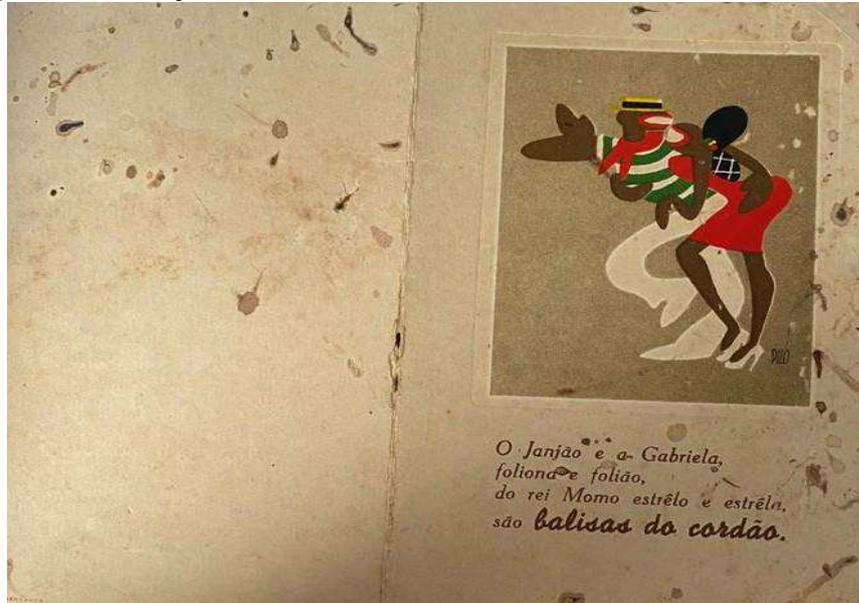
Antes de iniciar a festividade em fevereiro, não raro a população interessada em brincar o carnaval recebia antecipadamente o chamado para a folia. Os convites que iremos

---

<sup>50</sup> KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*, p.36.

exibir datam do final da década de 1940 e da década de 1950: dois referentes ao bloco Bobos na Folia e dois do bloco Satanás no Frevo.

**Figura 7**– O Janjão e a Gabriela: convite do bloco Bobos na Folia (1948)



**Fonte:** Acervo pessoal do Sr. Sonaldo Vital de Oliveira.

Entre a coloração amarelada do tempo e os contornos rítmicos das traças, observamos dois personagens símbolos da festa carnavalesca daquele fevereiro de 1948 em Juazeirinho. Ambos os personagens negros são identificados, respectivamente, como Janjão (certamente alguma variação de João) e Gabriela, ou o folião e foliona, o ‘estrêlo’ e ‘estrêla’, ‘balisas’ do cordão, convocam os foliões juazeirinhenses a participar da festa do Rei Momo.

Interessante observar como Janjão e Gabriela parecem exibir uma estética que se assemelha às características físicas do sambista e passista carioca, cujo carnaval é a principal referência, quando se pensa em cultura carnavalesca na época. Estes estão situados no final da década de 40, ou seja, um contexto que o projeto de democracia e identidade nacional, organizada pelo governo de Getúlio Vargas em 30, ainda vigorava fortemente através da imprensa e do rádio, divulgando o samba como elemento cultural do povo brasileiro e o mestiço como o resultado da rica mistura das três raças. Na memória visual e sonora da época esses símbolos, demasiadamente vinculados à imprensa da época, criavam uma espécie de sujeito passivo, gentil e positivo, que se transformou, em especial, no espírito do povo carioca, capital do Brasil nesse contexto.

Nessa perspectiva, ambos os personagens exibem características comuns na década de 40, do mulato e da mulata, envolvidos no ambiente do samba, cultural e comercialmente vendidos, como expressões do povo brasileiro, surgindo, assim, o personagem do malandro, que, a priori, exaltado e exportado, passaria a ser malquisto pelos órgãos do Departamento

Nacional de Propaganda (DNP), que convinha patrocinar a imagem do bom brasileiro trabalhador. Entretanto, a representação do malandro se solidificou na produção artística e nas grandes sociedades carnavalescas.<sup>51</sup>

Janjão, o malandro, exhibe sua clássica vestimenta: calça branca, camisa listrada, lenço no pescoço e chapéu na cabeça. Na representação, se comparado a outras imagens da época, podemos até visualizar o seu movimento nas entrelinhas, com todo o seu ‘jeitinho’ e gingado, despreocupado, alegre e loquaz. Já a ‘foliona’ Gabriela, trajada com um vestido vermelho que revela suas curvas, esbanja a sensualidade e simpatia, através do largo sorriso, de orelha a orelha, nos braços de Janjão, seu par de samba e carnaval.

Nesse sentido, podemos observar que o convite do carnaval de 1948 em Juazeirinho, combinava com símbolos nacionais do carnaval, e naquela época o carnaval carioca era a maior expressão de tal cultura. Muito provavelmente, o Janjão e a Gabriela, assim como o próximo personagem, são figurões, excepcionalmente daquele carnaval, marcando realmente um período de prosperidade do carnaval juazeirinhense. Não temos conhecimento se nesse período, teve algum casal de negros, em Juazeirinho, que se tornaram símbolos dos seus carnavais, o que explicaria o convite, ou se essas figuras representavam um casal caricato da época da festividade a nível nacional.

Entretanto, não é raro que a imagem do homem e da mulher negra seja associada à festividade, como se o período de carnaval fosse um momento propício para eles aparecerem, vinculados a uma imagem exótica, inclinada à diversão, vícios e, como falamos anteriormente, ao samba. Partimos para o outro lado do convite.

---

<sup>51</sup> Ver: SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário:** cor e raça na sociabilidade brasileira. 1ªed. – São Paulo: Claro Enigma, 2012.

**Figura 8**– Convite Bobos na Folia (1948). O homem do tamborim.



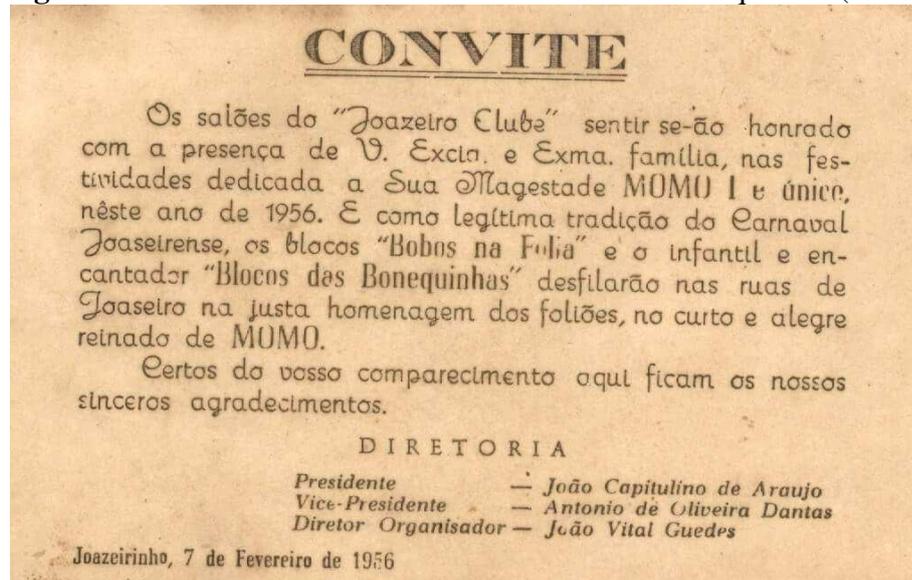
**Fonte:** Acervo pessoal do Sr. Sonaldo Vital de Oliveira.

Do outro lado do convite, porém, não aparece a ‘foliona’ Gabriela, tampouco o folião Janjão. Diferenciando-se da elegância destes, o personagem a seguir troca o chapéu pelo gorro e a estampa listrada da camisa por uma espécie de bata, que não muito se assemelha com a estética carioca. Porém, as cores: vermelho, branco e verde, permanecem, indicando talvez que essas eram as cores da moda daquele fevereiro de carnaval. Todavia, agora o enunciado apresentava outro folião, este é o Benjamin: “Ei-lo aí, avante, à frente do cordão, o Benjamin: todo frajola, contente, **o homem do tamborim**”. Benjamin é um homem negro e alto. Porém, diferente de Janjão, que não possuía expressão alguma, este ostenta um largo sorriso, tão semelhante ao de Gabriela. Não obstante, Benjamin é um personagem solo, mas, ao que indica na imagem, muito entusiasmado pelo carnaval que se aproximava.

E, é com Benjamin que o convite é feito. No título, indicando que se trata do referido bloco, cuja escrita é ‘Bobos na Folia’, com a vogal ‘u’ em vez de ‘Folia’, com ‘o’. Neste convite há informações importantes sobre o evento. Primeiramente trata-se de um convite formal, muito comum para o rigor de uma carta, em especial na década de 40, com os pronomes de tratamento “V. S. e Exma.Família”, endereçado para um grupo específico, caso contrário, estaria escrito ‘público geral’. Continuando, vemos os dias dos festejos que ocorreriam nos dias 8, 9 e 10 de fevereiro, marcando local e data. Abaixo contém os nomes dos idealizadores e comissão da festa: João Vital Guedes, José Conrado Elias e Dolorito Jacinto.

Também observamos a diferença da escrita do nome da cidade, ‘joaseirinho’, que a essa altura dos finais dos anos 40, já estavam utilizando o diminutivo, de Joaseiro para Joaseirinho’, mas ainda não era escrito com a letra ‘z’ entre as vogais ‘a’ e ‘e’. Na década de 60 já encontramos a escrita como conhecemos hoje “Juazeirinho”.

**Figura 9**–Convite dos blocos Bobos na Folia e As Bonequinhas (1956)



**Fonte:** Acervo da Casa da Cultura de Juazeirinho.

Em outro convite do Bobos na Folia, datado de 7 de fevereiro de 1956, percebemos significativas diferenças na sua confecção. Aqui não temos a participação dos personagens anteriores Janjão, Gabriela e Benjamim e nem de novos. Não é colorido. O ‘Folia’ está escrito com ‘o’ ao invés de ‘u’, como era escrito anteriormente. Muito embora o referido convite não mostre a mesma sofisticação nos detalhes como o de 1948, ainda é um indicativo de que a festa carnavalesca era um evento importante na cidade. Temos a presença do local demarcado como o Joazeiro Clube, muito possivelmente porque em 48 ainda não existia.

Um dos foliões contemporâneo ao Joazeiro Clube, Sr. Paulo Oliveira, relembra em muitas memórias a importância do Joazeiro Clube na época, colocando-o como um ponto de encontro para o cortejo carnavalesco: “O ponto de encontro era no clube ali, onde tem essa esquina, onde é o museu, o Juazeiro Clube. Aí saía na rua com uma banda acompanhando, era saxofone, zabumba, essas coisas, né? (OLIVEIRA, Paulo, 09/2021)<sup>52</sup>. Questionado sobre a data em que o Joazeiro teria sido fundado, todavia, o folião não se apegou a esses detalhes, e o que veio à memória dele foi mais do que viveu, em um certo carnaval de 1949: “Não. O

<sup>52</sup>Entrevista concedida pelo senhor Paulo Luiz de Oliveira (Paulo Marinheiro). Data da entrevista: 26 de setembro de 2021.

Joazeiro deve ter sido construído do final de 40 pra 50, eu só não sei a data. Eu sei que em 1949 eu fui comprar lança odor, não era proibido, pra vender no carnaval”.

O Joazeiro Clube era mais um empreendimento do comerciante João Vital Guedes, assim como o Bobos da Folia, mencionado no convite, foi um dos blocos organizados por ele. Nessa direção, o Joazeiro Clube não funcionava como local exclusivo do festejo carnavalesco. Na época do carnaval funcionava como uma extensão da festa, especialmente no período noturno. No decorrer do ano, era mais um ponto de encontro, em que as pessoas se encontravam para outros fins de sociabilidades: festas, aniversários, conversas entre amigos e de lazer familiar. Foi um dos principais pontos de socialidade dos anos 1950.

Os clubes figuram como um espaço de socialibilidade significativo no Brasil do século XX. Basicamente todas as atividades de interesses tinham um clube. Eram nesses espaços que as famílias e amigos se encontravam, por considerarem esses ambientes seguros e com um sentido de civilidade. Os clubes são espaços nos quais não são todos que podem entrar. É, sobretudo, um lugar de vocação para o lazer.

Em 1970, como menciona um dos principais foliões da época, o Sr. Antonio Batista de Lima, o Toca, fala que não chegou a conhecer esses símbolos do carnaval das décadas anteriores. Ao pergutarmos se chegou a conhecer os blocos Bobos da Folia e Satanás no Frevo, o depoente respondeu: “Eu não cheguei a conhecer, já tinha acabado. Bobos da Folia, Bonequinha. E o carnaval só permaneceu pelo grande promotor João Vital, ele segurou a barra. Aí, nos anos 70, eu cheguei junto” (LIMA, 09/2021)<sup>53</sup>. Também nos referimos ao Joazeiro Clube, que apesar de ter conhecido, aponta que já não existia mais na década de 70: “Não, já não tinha mais. Eu tive a oportunidade de conhecer o Joazeiro Clube, porque eu acompanhava Biu Gordo, Cícero Safoneiro e Lorenzo Safoneiro”.

E conforme a pesquisa feita pela Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) na década de 80 sobre o Joazeiro Clube e o lança perfume, que era permitido na época que ainda estava em funcionamento: “Estes bailes aconteciam no Joazeiro Clube, situado à rua Marechal Deodoro, s/n, onde atualmente funciona a Agência do PARAIBAN. A lança perfume “Rodouro” era muito usado nessa época pelos foliões” (MOBRAL, 1985, p.70). A seguir a fotografia do referido lança perfume citado acima, que fez parte de muitas brincadeiras dos carnavais juazeirinhenses.

---

<sup>53</sup> Entrevista concedida pelo senhor Antônio Batista de Lima Neto (Toca) no dia 27 de setembro de 2021.

**Figura 10** –Lança perfume

**Fonte:** Acervo pessoal do Sr. Sonaldo Vital de Oliveira.

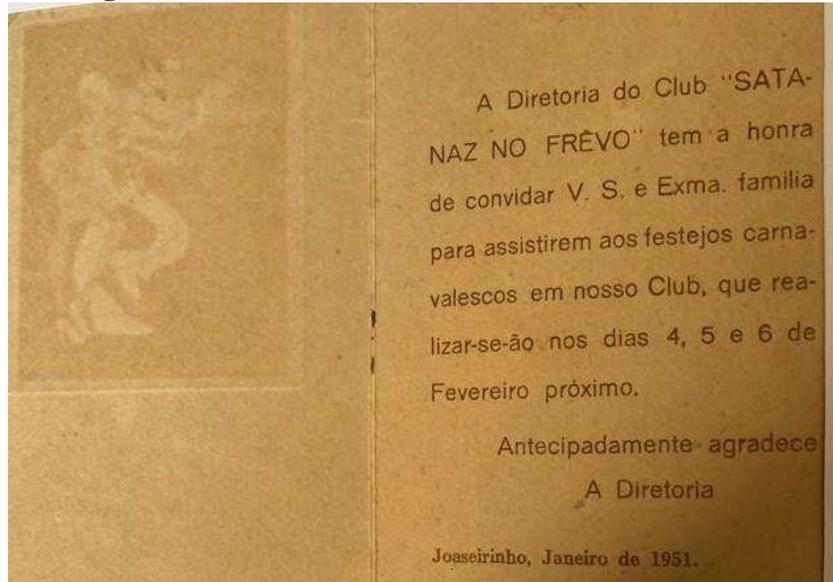
Conforme mostra a imagem, o lança perfume da marca *Rodouro* era o principal produto no mercado na época do carnaval. Ainda nesse capítulo falaremos mais desse tipo de diversão. No mais, como percebemos, no período carnavalesco o clube era o espaço dos bailes, onde os foliões poderiam brincar com segurança (e moralidade) o carnaval. E assim a folia se estendia para esses locais, no caso de Juazeirinho, o Joaseiro Clube. Nessa perspectiva, como foi mostrado no convite anterior (na figura 9), os blocos Bobos na Folia e As bonequinhas, estão presentes nesse chamado para a folia, pois eram compostos por grupos que estavam ligados ao clube, como a própria família Vital, amigos, sócios e adeptos dos blocos (e assim o próprio bloco dos Caçadores também), o que não acontecia com o outro bloco que animava as ruas no tempo de carnaval, o Satanás no Frevo, que não participava.

Um nome deveras blasfêmico para uma cidade do interior da Paraíba, cujo regimento de vida tinha na religião católica sua direção. Porém, assim seria se não se tratasse de carnaval. Naquele tempo se permite essas liberdades. Ora, é a festa da liberação antes da contenção da carne na Quaresma. Nesse sentido, Satanás no Frevo nos parece um nome bastante apropriado para o evento. Analisado o sentido da palavra, poderíamos inferir que, sem pudor religioso algum, enquanto o bloco, através dessa nomenclatura, mostra uma intenção subversiva, através dessa representação como nome, aquele que inferniza no frevo carnavalesco; o outro (Bobos na Folia), mostra uma linguagem cômica e inocente, mediante a ideia do bobo, aquele que vive fazendo graça, que faz uso das zombarias, mas, sobretudo, é

ingênuo. Pelo menos nos sentidos dos nomes poderíamos imaginar que estes seriam assim. Entretanto, na prática a teoria é diferente. E assim, era com esses dois opostos, que o carnaval dos anos 50, juntamente com outros blocos (Caçadores e Bonequinhas) animava as ruas juazeirinhenses.

Vamos ao convite do Satanás no Frevo.

**Figura 11**– Convite do bloco Satanás no Frevo (1951)

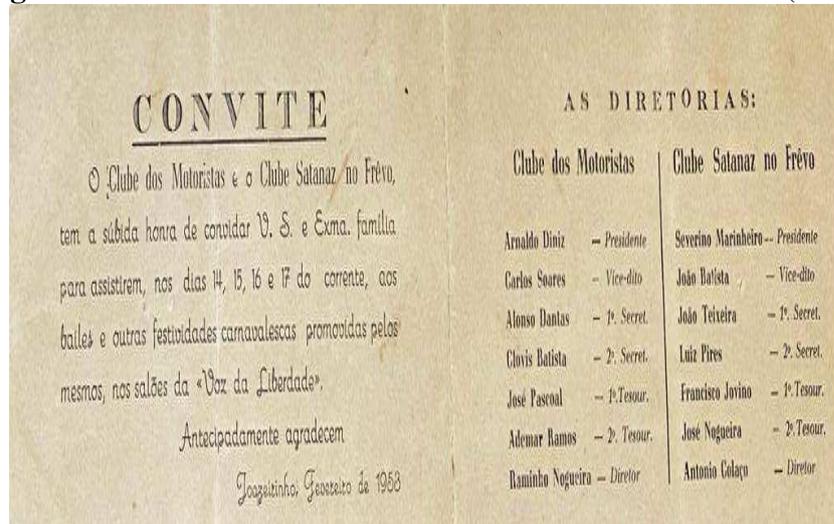


**Fonte:** Acervo Pessoal do Sr. Sonaldo Vital de Oliveira.

Temos poucas informações sobre esse bloco. O que sabemos é que era um bloco rival dos Bobos na Folia, mas que no final das contas, na hora da festa, mesclavam-se. Um dos seus organizadores foi um importante folião, o comerciante Antônio Colaço. Sua sede ficava no grêmio, cuja localização é na Avenida João Vital Guedes. No convite, apenas temos a convocação formal, os dias de festejos, realizados no dia 4, 5 e 6 de fevereiro de 1951. Não informa o nome da diretoria, diferente dos Bobos na Folia, tampouco de qual clube se trata. Não obstante, no próximo convite, datado de 1953, observamos que está mais elaborado que o primeiro, contado com seus organizadores e local de realização:

O Clube dos Motoristas e o Clube Satanás no Frevo, tem a subida honra de convidar V. S. e Exma. família para assistirem, nos dias 14, 15, 16 e 17 do corrente, aos bailes e outras festividades carnavalescas promovidas pelos mesmos, nos salões da “Voz da Liberdade” (CONVITE, 1953).

**Figura 12**– Convite Clube dos Motoristas e Satanás no Frevo (1956)



**Fonte:** Acervo pessoal do Sr. Sonaldo Vital de Oliveira.

Interessante observar que o bloco Satanás no Frevo se apresenta como Clube Satanás no Frevo, não sabemos informar se foi um equívoco da redação ou se estes se consideravam para além de um bloco. Outro elemento importante é a menção dos salões da Voz da Liberdade, provavelmente um outro clube na época. Porém, a ausência de depoimentos ou novos registros sobre ele nos faz inferir que teve pouco tempo de atividade. No próximo tópico explicaremos como funcionava as dinâmicas dos clubes.

Tanto no Bobos da Folia, quanto no Satanás no Frevo percebemos a presença da comissão organizadora: presidente, vice-presidente, diretores e secretários. Esta dinâmica se dava por votação, conforme explica o senhor S. O.:

Os organizadores dos blocos eram escolhidos pelos participantes dos blocos, uma espécie de votação. A aclamação para dirigir os blocos às vezes eram unânimes. Um dizia fulano de tal vai ser o presidente, todos concordavam. Aqui e acolá existia um que discordava. Nada de voto secreto, quem quisesse fulano, levantava a mão ou fique sentado (O.S., 10/2021)<sup>54</sup>.

Como percebemos, a cultura dos clubes e dos blocos eram fundamentais em regras e organizações. No mais, esses foram os convites, aos quais tivemos acesso. Entretanto, sobre a existência de mais convites, não temos conhecimento. Apesar disso podemos inferir que pararam de ser produzidos, muito certamente porque poderia ser oneroso para o momento, uma vez que tais organizações eram feitas pela própria população e, assim, veiculação dos

<sup>54</sup> Entrevista concedida pelo senhor S.O. no dia 16 de outubro de 2021.

convites a festa carecia de patrocínio ou na medida em que a festa foi enfraquecendo na cidade os organizadores foram deixando de fazê-los. Portanto, podemos concluir que os convites foram algo que existiu, aproximadamente entre uma década e outra, ou mais ou menos entre 48 a 56. Entretanto, se uma parte da sociedade carecia de um maior requinte para a festividade, sobretudo, para os bailes em locais privados, a folia na rua o convite se dava na ocasião, através do boca à boca, conforme relatou um folião:

A gente saia pelas ruas convidando as pessoas, os blocos passavam nas casas, quem convidava podia entrar, a gente entrava, aí saía na folia. Os homens com as calças laquê, com uma fita vermelha até em baixo, com uma camisa estampada de carnaval. E as mulheres com os vestidos laquê, não, crepe (OLIVEIRA, Paulo, 09/2021)<sup>55</sup>.

De acordo com o relato do Senhor Oliveira, o meio mais acessível de divulgação da época era justamente o convite informal. Apesar de que no contexto que relembra (finais dos anos 40 para a década de 1950, percebam a forma como o mesmo detalha a vestimenta utilizada para pular o carnaval, dentre as inúmeras fantasias e máscaras que ele presenciou, a elegância das camisas estampadas dos rapazes e dos vestidos crepes das moças, ficou em sua memória) seja o momento da elaboração dos convites oficiais que tratamos da festa, esse habito logo entrou e desuso e, assim, o que mais permaneceu foi a forma de convidar através do boca a boca, ou no momento que a folia ocorria nas ruas. Vejamos no tópico a seguir essa manifestação nas ruas.

---

<sup>55</sup> Entrevista concedida pelo senhor Paulo Luiz de Oliveira (Paulo Marinheiro) no dia 26 de outubro de 2021.

### 2.2.2 Populares nas ruas. Os principais blocos: Bobos na Folia, Satanás no Frevo, Bloco do Zé Pereira, Caçadores e As Bonequinhas.

**Figura 13**– Foliões na década de 1950



**Fonte:** Arquivo pessoal de Sonaldo Vital de Oliveira.

A foto acima trata de mais uma das comemorações carnavalescas. Doravante, é sobre o carnaval da década de 1950 o foco principal nesse momento. Na imagem o encontro dos dois maiores blocos carnavalescos da cidade de Juazeirinho: Bobos na Folia e Satanás no Frevo. Colocados como rivais, a representação dos referidos blocos podiam ir além do caráter festivo carnavalesco, permeando até para uma significação ideológica. Sendo a preferência por um ou outro bloco, a afirmação das diferenças políticas entre as principais famílias que figuravam a cena política da época: Marinheiros e Matias. No qual, os nomes dos blocos, Bobos na Folia e Satanás no Frevo simbolizaria essas dissonâncias. Conforme pontua Vieira (2021) na pesquisa *Meu amigo Pe. João: uma Juazeirinho pelos olhos de um pároco holandês*

Sendo o “Satanás do Frevo” ligado a Família Matias, temos curiosamente, por origem da palavra Satanás, do hebraico, como sendo o inimigo, o adversário. Marinheiros ligado pelo “Os Bobos na Folia”, remetemos à discussão para a figura do bobo da corte, com sua aparência disforme e encarregado da diversão de príncipes e demais nobres. Dentre o embate político e festivo, os bobos são quem saem com a vitória diante das disputas travadas contra seus “inimigos e adversários” (VIEIRA, 2020, p. 24).

Como colocado por Vieira, aparentemente, as preferências políticas não davam trégua nos dias de carnavais, dando continuidade as animosidades que ocorriam por essas diferenças de partidos ou ligações familiares, afirmando até que os Bobos na Folia seriam os que teriam maior adesão. Nisso alguns foliões fieis a família Matias, se ligariam ao Satanás no Frevo, assim como os que seriam ligados aos Marinheiros, preferiam o outro. Não obstante, pela imagem acima, se houve alguma desavença de caráter político não é fácil a identificação, podendo esta ter sido engolida pela multidão. Todavia, a foto é sobre o encontro entre ambos os blocos, podendo ou não ter ocorrido à divisão posteriormente.

A imagem contém, para além dos populares (sem fantasias) que assistem e participam da folia e do curso carnavalesco, alguns outros elementos, como, ao fundo da fotografia estão os carros, a frente está a banda marcial e sua vestimenta característica e as crianças fantasiadas, não sabemos ao certo se estão vestidos de palhacinhos ou se são músicos mirins. Esse registro marca o fervor da folia, no qual os foliões se aglomeram e se misturam em diferentes ritmos, sons, barulhos, risos e gritos. Não há apenas uma voz e, sim, vozes.

Como a foto apresenta uma significativa quantidade de pessoas, não temos como identificar quem é quem, justamente pela mescla de pessoas e objetos. Os atributos da imagem são formados pela banda, notadamente se destaca pela vestimenta, pelos carros, pelas casas (indicando que se trata do centro da cidade), na atual Avenida João Vital Guedes, anteriormente Marechal Deodoro.

A característica da multidão é um fenômeno do mundo urbano. A reunião dessas ou mais gentes em Juazeirinho, era comum em datas especiais como o período carnavalesco, aniversário da cidade, dias de padroeiro e nas feiras da cidade. Não obstante, o último dia de carnaval ocorria justamente em um dia de feira, na terça-feira, de modo que, a feira era mais um espaço social para se dar festa, aproveitando a gama de pessoas que vinham de outras cidades do Cariri e do Seridó para a feira de Juazeirinho, conhecida como a maior da região.

Todavia, não devemos agora nos voltar para o encerramento da festa. Até chegar esse momento os foliões já tinham se divertido pelas ruas de Juazeirinho com os diferentes blocos que animavam os carnavais e com os clubes. Geralmente, no primeiro dia de festa, o Zé Pereira abria as festividades na cidade e, junto a ele, se reuniam outras figuras carnavalescas.

**Figura 14**– Foliões reunidos no carnaval da década de 50. Bloco do Zé Pereira.



**Fonte:** Acervopessoal do Sr. Sonaldo Vital de Oliveira.

Na imagem acima, trata-se do Bloco do Zé Pereira<sup>56</sup>, traz não apenas o autêntico personagem que batiza o bloco, mas umas mesclas de sujeitos carnavalescos: temos o Zé Pereira, foliões sujos de farinha, na prática do mela-mela e papangus. Figuras que caracterizam os carnavais juazeirinhenses. O Senhor S.O., nos contextualiza as fotografias que fazem parte do acervo que seu pai deixou, e que hoje está sob seus cuidados. A respeito da primeira fotografia ele nos diz:

Essas fotografias foram tiradas em frente ao estabelecimento do meu pai. Bar e Restaurante João Vital Guedes, em que hoje é a residência de Arlindo Vital, na ocasião, em frente ao posto de gasolina Shell do meu pai. Bloco do Zé Pereira. Década de 50. Os foliões se reuniam às 04:30 da manhã no Joazeiro Clube e saíam percorrendo toda a cidade, em ato de convocação dos membros do bloco. Era organizado por meu pai João Vital Guedes. Reconheço algumas pessoas da foto, dentre eles: Clovis Batista da Nóbrega (o mais alto de bermuda branca), deitado é Geraldo Vital, o homem trajado de boneco era meu pai. Outros integrantes: João Teixeira Barros, conhecido como Joca Teixeira (na ponta do lado direito), Julio Jovino, o alfaiate da cidade. Marinaldo de Carvalho Melo, o locutor do serviço de alto-falante, a voz de Juazeirinho e chefe dos correios. Os demais eu não reconheço (S.O., 10/2021)<sup>57</sup>.

O Sr. S.O. continua seu relato revelando outras informações a respeito da folia dos foliões: “Os integrantes faziam um coquetel de cachaça de maracujá e açúcar. Bebidas que

<sup>56</sup> Figura a qual falamos sua origem na página 46 deste capítulo, cujo personagem surgiu no teatro carioca, do espetáculo *O Zé Pereira Carnavalesco*, de 1869, no teatro ligeiro, através do comediante Francisco Correia Vasques. Portanto, essa figura saiu dos palcos para as ruas. Os carnavais juazeirinhenses, parte dessa referência, (pelo menos em nome) adaptando as dinâmicas dos seus próprios carnavais.

<sup>57</sup> Entrevista concedida pelo senhor S.O. no dia 02 de outubro de 2021.

deixavam os foliões eufóricos e embriagados. No bloco não havia restrições. Qualquer um podia brincar”.

Como observado pelo depoente, qualquer um podia brincar. Entretanto, como mostrado na fotografia, era mais comum que os homens fossem maioria nesse tipo de comemoração. Quando ocorria a presença de mulheres, se devia justamente porque estavam juntas com outras pessoas de sua família, como o pai, tio, primos e irmãos. Nessa perspectiva, isso se dava não somente porque uma mulher brincar carnaval sozinha, sem seus familiares, não seria bem quisto, mas, sobretudo, porque os carnavais juazeirinhenses tinham o aspecto familiar como principal característica.

Eram os grupos familiares e seus laços de amizade que organizavam, geralmente o chefe da família e sua descendência. Na fotografia estão presentes pessoas de condições de destaque: os comerciantes, alfaiates, chefe dos correios e outras profissões importantes. Que posam para a foto, não por acaso na frente do posto de gasolina *Shell* e do bar e restaurante, ambos da família Vital. A localização da foto é de fato bastante interessante, demarca um lugar que precisa ser mostrado e exibido, justamente por representar um espaço de certa movimentação e inovação. Ora, uma cidade que tem condições de receber veículos movidos a gasolina, portanto, esse estabelecimento precisa ser exibido, mostrado e imortalizado pela fotografia.

Juntamente a eles estão os que observam. Estes observadores se destacam pela ausência de fantasia (aqui pode ser por vários motivos: poucas condições financeiras para fazerem fantasias, receio ou vergonha de se fantasiarem, não estão engajados ou não se identificam com a festividade, ou o desejo de apenas assistirem as brincadeiras dos foliões) acabam saindo na foto. Talvez, estão ali justamente pelo desejo de serem eternizados para uma posteridade. Afinal de contas, na década de 1950, não eram todos os juazeirinhenses que possuíam a famosa *Kodak*, ou meramente foram pegos de surpresa, ao assistirem as peripécias dos foliões foram surpreendidos pelo *click* da câmera. Doravante, são agentes tão importantes quanto os personagens carnavalescos.

Nessa direção, todas as fotografias aqui exibidas envolvem essa discussão sobre os vários usos e significados da câmera fotográfica. Portanto, vamos continuar desenvolvendo um pouco dessas reflexões acerca das imagens, com a imagem abaixo, que trata de um outro bloco da década de 1950, os Caçadores.

**Figura 15**– Foliões no bloco dosCaçadores



**Fonte:** Acervo pessoal do Sr. Sonaldo Vital de Oliveira.

A nitidez da fotografia não está das melhores. Entretanto, não oculta a visualização do que se sucede na fotografia. Trata-se da folia carnavalesca, em que, no estandarte exibido pelas moças que o seguram está escrito, de qual bloco se trata: Turma dos Caçadores. Apesar da seriedade dos personagens que estão no centro, podemos perceber ao fundo uma dinâmica que continua na espontaneidade e que não paralisa com a ação da foto: no lado esquerdo, vemos a criança correndo na direção de um senhor que se inclina (estavam brincando? Ele estava caindo?), atrás tem os senhores andando.

No lado direito, uma bela jovem com um lindo vestido e laço ornamentando sua cabeça está sorrindo, certamente vivia um momento agradável com alguém, mas não saberemos quem era, exceto que haja uma investigação bastante meticulosa, no mais, nossa imaginação flui em indagar sobre aquele ou aquela que o *click* da câmera fotográfica não captou. Por isso, o estudo da fotografia é instigante. Em toda fotografia existe aquilo que está na foto, o que não está, o que deveria estar, o que pode ser visto e o não visto.

Nessa perspectiva, até então falamos dos blocos formados pelos adultos, que foram: os Bobos na Folia, os Satanás no Frevo, bloco do Zé Pereira e os Caçadores. Agora trataremos do bloco infantil As Bonequinhas.

**Figura 16**– Bloco As Bonequinhas no carnaval de 1953



Fonte: Acervo pessoal do Sr. Sonaldo Vital de Oliveira.

As Bonequinhas foi um bloco infantil criado em 1953, pensado para a diversão das crianças. Na fotografia elas aparecem vestidas de bonecas. Não obstante, apesar de ser um bloco formado por crianças, em sua maioria são meninas.

1)Irene Vital; 2) Sonaldo Vital de Oliveira; 3) Netinha de D<sup>a</sup> Abel; 4) Nelidalva Falcão; 5) Celidalva Falcão; 6) Não sabemos; 7) Ivone Vital; 8) Elizete Câmara; 9) Nevinha Falcão; 10) Selma Leite; 11) Célia Barros; 12) Stella; 13) Sonia Vital; 14) Linda Vital; 15) Adelma Irineu Freire; 16) Iracema Vital; 17) Celeste Irineu (dúvida); 18)Francinete Máximo. Atrás estão João Vital Guedes. Os outros não temos conhecimento de quem sejam (O.S., 10/2021)<sup>58</sup>.

De acordo com a caracterização que nosso colaborador informou, de fato, a maioria dos participantes é do sexo feminino. Não temos informações a respeito do porquê da ausência ou pouca adesão dos meninos. Talvez o bloco surgiu para ser um espaço reservado para as meninas brincarem e não se misturarem com os blocos adultos de rua (de sobremaneira masculino) e, assim, uma atividade saudável e segura no carnaval para as mocinhas. Também é possível, que esta ausência masculina se deva pelo nome do bloco As Bonequinhas, demarcando um lugar feminino. Logo, a participação dos meninos poderia ocorrer atos de zombarias, em uma sociedade cuja visão do que é ser ou não “homem” é composta por um ideal de masculinidade austera e pouco expressiva (meninos não podem chorar, sorrir e dançar, pelo contrário, seu corpo tem que ser firme e reto).

<sup>58</sup> Entrevista concedida pelo senhor S.O. no dia 02 de outubro de 2021.

Na figura a seguir, as integrantes do bloco estão desfilando fantasiadas, enquanto seus telespectadores (mães, Sr. João Vital, a banda e crianças não fantasiados, inclusive meninos) os acompanham.

**Figura 17**– Bloco As Bonequinhas no carnaval de 1958. As indiazinhas.



**Fonte:** Acervo pessoal do Sr. Sonaldo Vital de Oliveira.

As integrantes das fotos são: A primeira índia da direita para a esquerda: Sonia Regis Vital. No centro: Arlinda Vital Ferreira Silva. A terceira índia: Ivone Vital. O homem de chapéus, atrás da terceira índia, é o João Vital Guedes, a sua frente: Dalva Batista Nogueira e demais componentes da família Vital. Ao fundo da foto, há um grupo musical.

Nessa fotografia, as integrantes estão vestidas de índias e na fotografia de 1953, de bonecas. Na figura a seguir estão de pastoras. Nessa direção, podemos inferir que suas fantasias mudavam anualmente.

**Figura 18**– Bloco As Bonequinhas (1950). As pastorinhas.



**Fonte:** Acervo pessoal do Sr. Sonaldo Vital de Oliveira.

As crianças do Bloco das Bonequinhas posam para a foto com suas vestimentas características se destoam de outras crianças que trajam roupas do cotidiano. Se observarem estão presente nas arestas da foto, estas pretendem de alguma forma fazer parte desse registro. Ao fundo, a senhora observa atenta as crianças, com sua mão no quadril e a cabeça inclinada, significando que está concentrada nessa tarefa. Nas fotografias do bloco infantil, sempre haverá uma ou mais mulheres ao fundo, observando e zelando pelas crianças.

Independente da fotografia se tratar ou não de um bloco infantil, as crianças estão presentes na maioria dos registros aqui tratados. Seja durante, ou na espera para a folia. Analisem a fotografia a seguir: as crianças estão presentes esperando, talvez suas mentes inquietas estejam pensando: quando a brincadeira vai começar? Será que vou conseguir andar no *Jeep*?

**Figura 19**– Foliões à espera para o curso carnavalesco (1960)



**Fonte:** Acervo pessoal do Sr. Sonaldo Vital de Oliveira.

Existem muitos momentos na escrita no qual a nossa mente sai do texto e se transporta para alguma frase, música, crônica ou qualquer outro recurso cabível, que se encaixaria perfeitamente com o momento da discussão. Ao prestar atenção à fotografia acima não poderíamos deixar de nos referir à seguinte citação: “As fontes imagéticas permitem ir muito além das meras descrições porque trazem expressões de realidades vividas em outros tempos” (CANABARRO, 2005, p. 24).

Quantas realidades poderíamos pensar para esta fotografia? Essa é a foto, tirada por uma câmera fotográfica *Kodak*, de posse da família Vital, marca o momento da espera e do preparo, é o momento antes da folia. A reunião de crianças, adultos, homens e mulheres não fora em vão. Estão reunidos para saírem no cortejo carnavalesco, registrando o acontecimento, antes de se dispersarem pelas ruas de Juazeirinho. Nos dias atuais, seria mais uma fotografia, tirada em qualquer celular e exibida nas redes sociais, para brevemente a fotografia se perder dentre tantas outras na efemeridade das conexões e desconexões das redes.

Foto de carnaval da década de 60. Tirada defronte à residência do meu pai, e também da sua farmácia de Pronto Socorro São João, na então Avenida Marechal Deodoro e, hoje, honradamente Avenida João Vital Guedes. O meu pai foi o maior carnavalesco de Juazeirinho. A foto representa a reunião dos foliões para partirem em desfiles de carros e pessoas pela cidade. É o chamado curso carnavalesco. A criança sentada à direita é Sonilda, minha irmã. O meu pai é o homem sem camisa. O primeiro homem, ao lado do meu pai é o falecido Vamberto Isbelo Guedes. Depois do meu pai, está Elias Amaro. Ele residia em Juazeirinho, mas era de Assunção. A primeira mulher é Avanda Nóbrega, em seguida, a minha irmã Sonia Vital, depois Ditinha Nóbrega, Margarete Barros, Edite Matias (de roupa branca, em pé). No volante Arnaldo Santana e, ao seu lado, Raul Zelo. Essa foto é do carnaval da década de 60. O veículo era típico da festa. Igual a ele, existiam vários desfilando nos quatro cantos da cidade (O.S., 10/2021).

De acordo com o relato, é interessante mencionarmos, no tocante as mulheres, que se tratam de pessoas da mesma família, se percebe que há semelhanças entre elas. Mas, um exemplo dos carnavais como uma iniciativa familiar. O veículo, é um elemento chave da folia, como é de se imaginar nem sempre fez, este passa a fazer parte da paisagem carnavalesca a partir da década de 1950 ou 1960, os famosos *Jeeps*, realizando o curso carnavalesco.

**Figura 20**– Foliões desfilando no *Jeep*



**Fonte:** Acervo pessoal do Sr. Sonaldo Vital de Oliveira.

Considerado um artigo de luxo e certamente disputado para decidirem quem sairia no automóvel, basta olharmos como está lotado de pessoas. E, mais uma vez, as crianças perseguem a folia carnavalesca, os acompanhando pelo centro da cidade. Vale salientar também que os foliões estão com trajes simples, sem fantasias ou qualquer adereço mais elaborado. Seria um momento em que o desfile pela cidade surgiu de repente, em cima da hora e, assim, os participantes não tiveram tempo de se enfeitarem? Ou sinaliza que a festa já estava mais enfraquecida, de modo, que os trajes mais simples, ou seja, comuns do cotidiano, marcam essa transição para uma festa já em desuso, visto a ausência ou pouco ornamento.

Não obstante, uma festa carnavalesca não tem regras, com fantasia ou sem fantasia, o importante é o divertimento e alegria. Percebemos ao olhar para a fotografia a presença de instrumentos musicais, foliões ao excesso em cima do jipe e crianças perseguindo o veículo. Para nós se trata de uma imagem que mais ressoa nela a presença de uma folia e da diversão, a um enfraquecimento ou distanciamento com a festa. Ao olhar para foto o que pensa primeiro: alegria ou decadência? Bom, nós já deixamos evidente a nossa opinião.

Destarte, quando visualizada uma fotografia cuja ausência de fantasia é observada, logo consideram a uma decadência da festa, pouca verba ou engajamento (e isso, sim, pode

ser verdade, no caso dos carnavais de Juazeirinho)<sup>59</sup>, mas, numa festividade como o carnaval, sobretudo, nas décadas que estamos tratando, o valor cômico se sobressai ao valor material. Uma prática como o mela-mela, por exemplo, todo o *glamour* e requinte é disfarçado pela farinha, pela água, confetes e serpentinas.

**Figura 21**– Foliões brincando no “mela-mela”. Carnaval na década de 60.



**Fonte:** Acervo pessoal do Sr. Sonaldo Vital de Oliveira.

Carnaval de rua de 1960. Uma das principais características desses carnavais era o mela-mela com farinha, o qual podemos observar na fotografia acima. Outro elemento marcante é a participação de adultos e crianças juntos nessa ocasião, todos do sexo masculino. A seguir, a identificação destes foliões. De macacão, Euclides Batista (Quida), ao lado dele, com fantasia branca Zé Capitulino. Logo ao lado, José Cabral, com o cabelo cheio de pó. Fumando está Alex Barros e atrás dele Raul Zélo. O adolescente de camisa aberta é Biu Galinha, filho de Júlio Jovino. Com a lata na mão e com o rosto pintado, temos João Batista Vasconcelos.

A foto é marcada pela comicidade do folião Zé Capitulino em razão da sua fantasia. Sua vestimenta exhibe sua silhueta, mostrando a protuberância do seu abdômen. Na cabeça um laço branco e nos pés um sapato com um leve salto. No rosto óculos escuros preto, para combinar com o cinto e as bolinhas na extensão de sua roupa, ambas da mesma cor. Não queremos fazer deste comentário um tutorial de moda, mas percebam que o folião opta pelo contraste, entre o branco e o preto, que são cores opostas. Seja pensada ou no improviso, a comicidade incide porque se trata de uma vestimenta que não veríamos no cotidiano, nem

<sup>59</sup> O pouco orçamento investido nas festas carnavalescas levou a uma tendência de grupos específicos a fazerem suas próprias festas, como as igrejas dominicais e as escolas públicas e privadas.

uma mulher e, principalmente, um homem se vestiria assim no dia a dia. A festa carnavalesca nos dá não apenas a prerrogativa de diversão, mas, sim, de criação: de inventar, misturar, improvisar (especialmente com o que tem em casa). De se expor sem medo das represálias e de apenas se divertir, seja qual for à composição da roupa ou fantasia que se use.

Até então exploramos a dimensão dos blocos e seus divertimentos nas ruas, agora falaremos um pouco de outros aspectos da festa carnavalesca.

### 2.2.3 Fantasias e adereços: máscaras, lança perfume e papangus

Oh!  
Lança! Lança perfume!<sup>60</sup>

**Figura 22** –Foliã expondo sua fantasia e lança perfume, carnaval da década de 40.



**Fonte:** Acervo pessoal Sonaldo Vital de Oliveira.

Para a abertura desse tópico está à dama que segura o lança perfume. Trata-se de Teresinha Matias de Oliveira. Segundo relatos, era presença certa nos carnavais da cidade. Sobre a possível data das fotografias, demarcaremos algo entre o final da década de 40 e/ou início de 50. A foliã fazia parte da família Vital e Matias, talvez seja em razão disso que todos os anos no mês de fevereiro fazia questão de sair de sua residência, na fazenda Poço de Cavalos, atualmente coberta por um açude, para a cidade. Teresinha fazia um movimento que não era muito comum na época, sair do sítio para pular carnaval na rua, geralmente quem

<sup>60</sup> LEE, Rita. Lança Perfume. In: Álbum **Rita Lee**. Som Livre, EMI e Universal Music. LP CD, 1980.

brincava o carnaval eram os habitantes da zona urbana. Entretanto, a distância não era um empecilho para ela.

Nas fotografias solo, a foliã exibe toda a exuberância que se podia trajar nos anos 40 e 50. Portanto, a fotografia diz muito sobre como esta é contemporânea de uma visão estética de mundo. A postura da foliã, avestimenta, penteado do cabelo e a pose na foto, indicam não somente a moda vigente, como também os códigos morais da época: um vestido bem ornamentado, porém, comportado e mostrando pouca pele. Em ambas as fotos ela segura um lança perfume, que na ocasião não era proibido. É interessante notar como as perspectivas de certo e errado mudam com o passar do tempo. O lança perfume era um dos principais símbolos do carnaval.

Se pudéssemos inverter os papéis e colocássemos o lança perfume em uma foliã da atualidade, não seriam suas roupas seriam motivos de comentários, mas, sim, o material proibido pelas autoridades desde a década de 60, devido aos componentes químicos em sua composição que poderiam causar não somente algum dano à saúde, mas causar o “maior barato”, por se tratar de uma droga solvente, no qual, uma vez liberada no ambiente e inalada poderia provocar um efeito desde uma mera alegria nos foliões, até um efeito de convulsão mental e outros sintomas. Sendo maléfico ou não à saúde (ou para a sociedade cujos músicos da Música Popular Brasileira (MPB) gostavam de chamar de “caretas”, nas décadas de 1970 e 1980), o que é certo, é que o lança perfume era um artigo comum nos carnavais brasileiros, sua fama chegando até os interiores deste país.

**Figura 23**–“Mais um lança perfume, por favor!”.Foliões na década de 50.



**Fonte:** Acervo pessoal do Sr. Sonaldo Vital de Oliveira.

Na fotografia, de camisa listrada está o senhor João Vital, juntamente com outros familiares, dentre eles o seu sobrinho, Arlindo Vital, que exhibe além de um chapéu mexicano, um lança perfume em sua mão direita. Nos atentamos ao fato de que o lança perfume, em ambas as fotografias, aparece como um instrumento natural para o período, algo que faz parte da folia, que incrementava o modo livre de diversão no tempo carnavalesco. Percebe-se, também, que eles estão encostados em um jipe, para esse cenário podemos supor que estão esperando alguma coisa: ou o cansaço passar após um curso carnavalesco; ou esperando para iniciar a folia. De todo modo, a fotografia nos dá essa impressão de que algo aconteceu ou está por acontecer.

Assim como na Figura 21, na qual observamos a falta de fantasias, esta também não exhibe uma dedicação nesse sentido, mais uma vez percebemos o elemento da roupa improvisada para brincar o carnaval, como a de Arlindo Vital: chapéu mexicano, camisa longa aberta exibindo uma sunga e o lança perfume em uma de suas mãos. Os outros parecem estar com roupas do cotidiano. A criança ao lado a sorrir para a foto, também exhibe roupas comuns, como se tivesse ali para aproveitar o registro. Doravante, a fotografia está nesse tópico em razão do lança perfume, iremos explorar a questão das fantasias nas fotografias a seguir.

**Figura 24**– Carnaval de 1950. O Satanás.



**Fonte:** Acervo pessoal de Sonaldo Vital de Oliveira.

Na imagem acima está o folião, o Senhor Zé Capitulino vestido de Satanás, no carnaval de 1950, acompanhada por um papangu. Uma visão digna de qualquer religioso se benzer ou de uma criança se assustar. E, de fato, a foto tem uma dimensão amedrontadora. Pelo Satanás e sua simbologia, e pelo papangu cujo rosto não conseguimos identificar (será uma máscara que imita uma face equina?) É certo que nos carnavais a figura do Satanás era explorada. Havia um bloco com o nome, como já mencionamos, os Satanás no Frevo, assim como pessoas se fantasiavam desta representação, com roupas ou mascaras que lembravam figuras monstruosas oudemoníacas.

Representando o lado sombra da vida, a figura cristã do Satanás, Demônio, Lúcifer simboliza tudo que há de ruim. Em todas as culturas existe uma nomeação e identificação do que, para elas seria o mal. No ocidente cristão, esse ser de chifres semelhante a um bode, preto e que vive nas profundezas da terra, o inferno, é associado à figura do perverso, enquanto o que é considerado bom, é caracterizado como branco, angelical (sobremaneira traços finos, pele branca e cabelos loiros) viveria no ponto mais alto, no céu.

No dia a dia, essa personificação do mal é explorada pelas igrejas como algo que devemos expurgar (ou esconder), pois a busca pela salvação estaria em eliminarmos nossas fraquezas e pulsões. Todavia, em tempos de carnaval, o indivíduo (inclusive o cristão) parece retirar o Satanás nas profundezas da terra, o fazendo subir para a superfície, o tornando uma das fantasias mais exploradas no carnaval. Nessa direção, acreditamos que tal simbologia diz

mais sobre um reconhecimento da condição humana, que um culto ou um plano de dominação e eliminação das religiões cristãs.

Nessa perspectiva, nada de apego as superstições ou ligações de cunho religioso que “demoniza” e personifica o mal em uma figura dita obscura. No período carnavalesco se preza pela prerrogativa do brincante poder ser o que quiser: do feio ao bonito, do angélico ao demoníaco, do abstrato ao concreto, pois o carnaval não é apenas o espaço do belo e do exuberante, é do mistério, do monstruoso, do feio, do “imperfeito”, do avesso, do sujeito que não tem sexo ou todos os sexos.

Por que no decorrer da experiência brasileira com o carnaval as elites tanto sentiram receio com os mascarados? O que incide o medo? Justamente na ausência de identidade. Este pode ser aquilo ou aquela que não queremos conviver, e nisso recai no preconceito e desigualdade social. O mascarado pode ser nosso contrário, onosso contraste, o qual o indivíduo que se encaixa nos padrões machistas, racistas, homofóbicos e misóginos não querem conviver, com negros, LGBTQIA+, mulheres exercendo seu direito de ir e vir.

Nas fotografias a seguir, estão presentes indivíduos mascarados, muito embora saibamos que a maioria dos participantes sejam do sexo masculino. Em relação aos que estão com fantasias que cubram suas faces, não podemos afirmar que sejam apenas homens, e nossos entrevistados não souberam caracterizar esses, pois não conseguiram acessar tais informações, nem através dos familiares, tampouco da memória. Uma vez que não conseguiam ver seus rostos, a dificuldade de identificar é maior. Portanto, apesar de sabermos que são pessoas, estas passam a ser personagens. Nesse sentido, nas fotografias a seguir, a dimensão humana divide o espaço com a animada e lúdica: papangus (na Figura 25), monstrosinhos, demônios e índios, na Figura 26.

**Figura 25**– Os papangus no carnaval de 1950



**Fonte:** Acervo pessoal de Sonaldo Vital de Oliveira.

Os papangus eram tradicionais nos divertimentos carnavalescos em Juazeirinho, cujos relatos encontramos desde a década de 1940, (todavia acreditamos que a tradição tenha iniciado desde os idos da festividade na cidade) até os anos 80 e 90. Entretanto, nessas décadas os carnavais já estavam em decadência na cidade. Os papangus tinham como divertimento principal perseguir os foliões e transeuntes com seus chicotes e outros tipos de zombaria. Era a gargalhada certa dos adultos e o terror das crianças, face às máscaras que exibiam. De fato, observando a fotografia, podemos compreender tamanho assombro. É de uma estética totalmente antagônica ao que se é visto nos carnavais atuais, onde mesmo numa festividade que se permite brincar com elementos estéticos e distorcer padrões, não é raro (na verdade parece até ser regra) vermos corpos esculturais e sexualizados.

Abaixo mais uma fotografia que mostra uma folia que é caracterizada por um carnaval que preza pelas fantasias: índios, figuras que se assemelham com demônios, rostos pintados, homens vestidos de mulheres e como sempre os observadores, em especial crianças.

**Figura 26**– Carnaval de 1950. Fantasiados.



**Fonte:** Acervo pessoal de Sonaldo Vital de Oliveira.

Nela vemos o que muita gente entende por carnaval: um número qualquer de pessoas fantasiadas e sujas de farinha. Mas, não é somente isso, a fantasia e performance está presente dentro de toda uma ritualística carnavalesca. O abrir mão de sua identidade, o torna-se outro ser, diz respeito a uma forma de expressão, que podem envolver dimensões mais complexas e profundas: uma sátira ou uma crítica a alguém ou a uma instituição, uma relação espiritual e religiosa, um desprendimento com a vida ordenada e da seriedade e/ou questão mais profundas que estão no campo da psique humana, no próprio inconsciente.

Questões que estão para além da banalidade de vestir roupas coloridas e aleatórias, e que representam uma dimensão ritual e simbólica: anjos, demônios, reis e rainhas, super-heróis, príncipes e princesas, animal e humano. Afinal de contas, em qual outra situação podemos nos desfazer do que somos, ou melhor, acrescentar o que somos a alguma outra coisa. Que fantasia lhe cabe melhor? No caso da figura a seguir, o folião se vestiu de Rei. Viva o Rei Momo!

**Figura 27**– Carnaval de 1950: O Rei Momo



Fonte: Acervo pessoal de Sonaldo Vital de Oliveira.

Em qual ocasião da vida, podemos nos tornar reis e rainhas e desfilar pelas ruas aclamados pelos nossos súditos? Bom, caso você descenda da realeza britânica ou de qualquer outro lugar que viva o regime da monarquia, dependendo da sua posição a coroa, isso pode ser possível. Entretanto, existem príncipes e princesas, que vivem a experiência de ter seus súditos. Todavia nunca chegaram a se tornarem reis e rainhas, por condições internas de sua política (como a linha de sucessão, na maioria das vezes, as condições naturais como doenças e mortes, os impedem de chegarem mais perto ao título). Portanto, não chegam nem perto de realizar seus ideais.

Todavia, existe um meio de pessoas comuns se tornarem reis e rainhas e, para isso, não precisamos vir de uma linhagem, basta que vivamos e nos dediquemos ao carnaval. Só a pessoa mais engajada e presente na festividade conquistará o título mais importante, sendo respeitado e aclamado por aqueles que brincam o carnaval, afinal de contas, é o Rei Momo que simboliza a entrega de toda a magia e diversão carnavalesca.

Viva o Rei Momo! Tradição nos carnavais brasileiros, a ode ao Rei Momo não poderia ficar de fora dos carnavais juazeirinhenses. Deus pagão, de origem grega, este rege a alegria, as brincadeiras e diversões, proporcionando aos mortais o livre gozo de desfrutar dos prazeres sem retratamentos ou preocupações, permitindo os excessos e as zombarias sem moderações. Nas fotografias, representando o Rei Momo está o senhor João Vital Guedes. Ao seu lado asua Rainha Irene Vital. Como um dos principais incentivadores dos carnavais na cidade, ele foi um dos responsáveis por encarnar muitos personagens da folia, como o senhor Zé Pereira

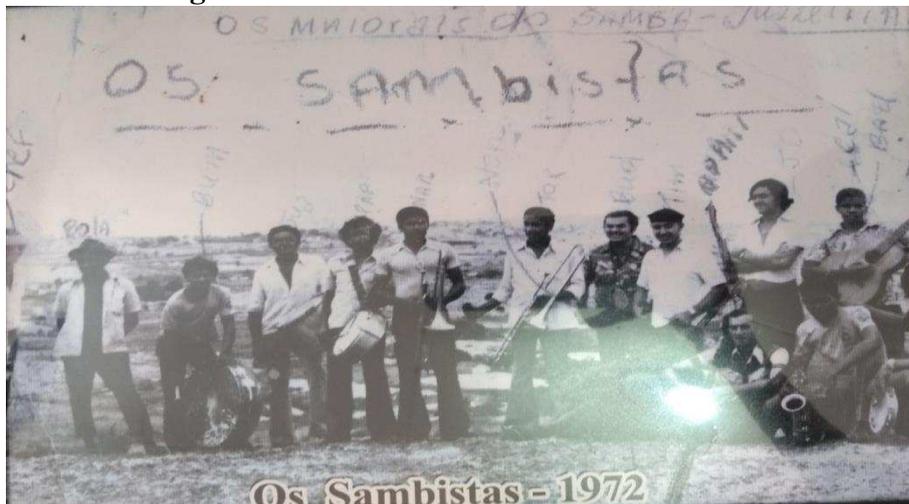
e o Rei Momo, um dos organizadores dos Bobos na Folia, do Joazeiro clube, presentes nas organizações do bloco infantil As bonequinhas.

#### 2.2.4 Bandas – Os sambistas: os maiores do samba

Considerado um dos elementos mais importantes da folia carnavalesca em Juazeirinho, a banda de música não podia faltar para animar os brincantes nas ruas e nos clubes. A orquestra, composta em sua maioria por músicos tocando a zabumba, saxofone e trompete, é um dos elementos mais resistentes da história do carnaval em Juazeirinho, presente desde os primeiros carnavais, até as reminiscências desta atualmente na cidade, com o senhor Antonio Batista de Lima (Toca), que faz questão de sair todos os anos, com sua banda, Toca Tudo Musical nos fevereiro e março de carnaval.

No passado carnavalesco, no que tange sua participação nos anos 70 em diante, criou Os Sambistas. Todavia, como já abordamos nessa dissertação, antes disso existiram outras bandas, inclusive vindas de fora, para animar os carnavais juazeirinhenses.

**Figura 28**– Os Sambistas no carnaval de 1972



Fonte: Acervo da Casa da Cultura de Juazeirinho.

**Figura 29**– Os sambistas no carnaval de 1977



**Fonte:** Acervo da Casa da Cultura de Juazeirinho.

Os Sambistas foi um grupo musical formado por Antônio Batista de Lima, o Toca, e sua trupe. Tocavam não somente no carnaval da cidade, como também em outras festas. Toca e Os Sambistas iam para qualquer outra cidade que os contratassem, no tempo ou não do carnaval. As fotografias acima são referentes aos anos 70, porque foram seu ano de atuação. É interessante analisar como essas fotografias nos dá o potencial de analisar tantos elementos da moda vigente, as calças boca de sino, o corte de cabelo da época. Em suma, todo um estilo estético que remete aos modelos de belo da época.

Os Sambistas foi em 1972. Em 70 eu aprendi a tocar música, em agosto de 1970. Era um conjunto musical, formado por músicas da banda São José (formada 1970). Todos os anos saíamos com os sambistas. Em 1976 formou a orquestra toca tudo musical no lugar dos sambistas (LIMA, 09/2021)<sup>61</sup>.

Esse conjunto musical, segundo Toca, seguia o ritmo do frevo de Recife, assim como as tradicionais músicas dos carnavais de 30 e 40, do qual é admirador dessa tradição musical. Toca, como gosta de ser chamado, ingressou na polícia na década de 70. Entretanto, todos os anos voltava para brincar o carnaval. E até os dias atuais, é um dos poucos, para não dizer o único que mantém viva a chama carnavalesca na cidade, saindo com sua banda Toca Tudo Musical, nos dias de carnaval e homenageando o seu tio, o Zé de Aurora (do qual falaremos na terceira parte).

Até hoje eu continuo, admiro muito a sequência do carnaval de Recife, a capital do frevo, nunca aderi axé, continuo preso no carnaval tradicional: as marchas, os sambas que nós cantamos e dançamos é da época 30, 40, continua muito viva na

<sup>61</sup> Entrevista concedida pelo senhor Antônio Batista de Lima Neto (Toca) no dia 27 de setembro de 2021.

memória das pessoas mais antigas. Eu sigo exatamente aqueles carnavais de 30,40,50, 60, inclusive as músicas da época eu ainda toco, todas as músicas da época. Tenho um repertório muito vasto dessas músicas e todos os anos eu repito elas. Saudosismo mesmo, é uma sequência dos carnavais do passado(LIMA, 09/2021)<sup>62</sup>.

No passo da entrevista, o Toca compartilhou tantas histórias que não caberia nesta dissertação. Suas memórias confluíam com um misto de saudades, felicidades e também indignações, especialmente pelo pouco incentivo à cultura. Antônio Batista de Lima, ainda hoje é um dos principais incentivadores da cultura em Juazeirinho, fala que aprendeu a importância desse movimento com muitas pessoas, dentre eles, João Vital Guedes. Para não deixar de mencionar, encerramos esse tópico com a fala do Sr. Antonio Batista de Lima (Toca), o qual sintetizou sua existência e sua ligação com o carnaval, através dessas poucas palavras: “Enquanto estiver vivo, eu serei cultura”.

---

<sup>62</sup> Entrevista concedida pelo senhor Antônio Batista de Lima Neto (Toca) no dia 27 de setembro de 2021.

### 3RETALHOS CARNAVALESCOS: LEMBRANÇAS DE PASSADOS DE FOLIAS

Eu chorei quando acabou o carnaval, chorei  
 Pois eu sou muito sentimental  
 Amor de carnaval é fantasia  
 E dura pouco, só dois dias.

**Jorge Ben Jor<sup>63</sup>**

Esta terceira parte representa a continuidade de mais um processo da nossa escrita acerca dos antigos carnavais de rua de Juazeirinho. Até então, trabalhamos com os depoimentos aliados às fotografias. Porém, para esse momento, reservamos um espaço próprio para as narrações dessas experiências e vivências carnavalescas. Falar sobre o seu passado para alguém é abrir uma parte de sua intimidade, significa que cada um de nós, mesmo em se tratando de histórias que representam um pequeno fragmento da vida daquelas pessoas, estamos adentrando um espaço bastante particular e individual, que são as memórias de seus passados de folia. Portanto, necessita de um tratamento especial.

Entre os acúmulos de informações sobre diferentes vivências de passados carnavalescos, em muitos momentos, nos pegamos pensando a respeito do ofício do historiador, de como o nosso exercício é diligente, que demanda tempo e dedicação, seja qual for o objeto de estudo. Nesse sentido, após essa reflexão, não poderíamos deixar de pensar na semelhança que envolve o nosso trabalho com a minúcia de uma produção artesanal. Os historiadores, através da pesquisa, recolhem fatos, materiais, fontes, escolhem a mais adequada teoria, metodologia e constroem sua narrativa acerca de algum objeto. Um trabalho cuidadoso, minucioso, tal qual uma bordadeira que pacientemente tece e confecciona o seu bordado. Quem melhor explica essa relação é o historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2019)<sup>64</sup>, o qual, atesta em sua obra *O Tecelão dos tempos*, sua perspectiva teórica a respeito dessa ligação. Ele pontua:

O historiador, como a bordadeira, ao final de suas atividades de pesquisa, tem à sua frente uma cesta cheia de documentos, de relatos, de imagens, de escritos, de narrativas, de variadas cores e tonalidades, misturados de forma caótica. É ele, como faz a profissional do bordado, que submete esse caos a uma ordem, desenho, a um plano, a um projeto, a um molde, a um modelo, que deve ser previamente pensado (MUNIZ, 2019, p.30).

<sup>63</sup> JOR, Jorge Ben. Álbum: **O Bidú**- Silêncio no Brooklin. Gravadora: Copacabana, LP lançado em 1967.

<sup>64</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **O tecelão dos tempos**: novos ensaios de teoria da História. São Paulo: Intermeios, 2019.

Enunciamos essa relação do trabalho artesanal e o ofício do historiador justamente em razão de uma das nossas principais fontes: a oralidade. Na medida em que nos debruçávamos sobre os relatos acerca dos antigos carnavais em Juazeirinho, os depoimentos, dados, relações, fontes, imagens e fotografias, nos dávamos conta que ali havia uma série de retalhos soltos, com um significativo potencial, mas que carecia do olhar apurado do historiador, para organizar e costurar essa narrativa histórica. Em nosso caso, o carnaval nos acompanhou dia e noite, para além dos fevereiros e marços, ora em uma aprazível folia, ora o motivo das dores de cabeça e preocupações. Afinal de contas, se o processo da pesquisa tem os seus percalços, o processo da escrita não é diferente.

Portanto, durante toda a confecção desse trabalho, não somente para essa terceira parte, salientamos a importância da fonte oral, como um recurso metodológico para acessarmos essas memórias (e anteriormente a fotografia) recursos os quais, sem eles, não seria possível escrever sobre os antigos carnavais de Juazeirinho, em razão da falta de um arquivo para explorar. Sem esses retalhos, ou seja, os depoimentos, as fotografias, os recursos teóricos e metodológicos adequados, não seria possível fazer história. Queremos dizer, não seria possível confeccionar a narrativa histórica cultural-social sobre os antigos carnavais de rua de Juazeirinho, assim como enfatizado por Nora (1993)<sup>65</sup>: “A necessidade de memória é uma necessidade de história”. Nós, a priori, movidos pela necessidade de memória sobre esses antigos carnavais, transformamos essas memórias, esses retalhos narrativos em história.

Nesse sentido, para essa terceira parte, reservamos relatos de algumas vivências e experiências acerca daqueles antigos carnavais. Nos preocupamos aqui em compreender, porque essa festividade era importante, naquelas décadas nas quais estamos abordando, 50, 60 e 70? Qual era a importância desse lazer para a cidade? E quanto às pessoas que não participavam? Pois, o carnaval é feito por diversos atores: os que brincam e os que não brincam; os observadores e os telespectadores; e, por de trás da folia, existem os organizadores, os sujeitos que confeccionavam as fantasias e as máscaras.

Desse modo, esta terceira parte está dividida da seguinte maneira, em:

3.1 Entre a sátira, o cômico e o assombro: algumas dinâmicas da folia juazeirinhense. Nesse momento reservamos relatos acerca dos personagens que causavam sentimentos diversos nos depoentes, como o papangu, que podia tanto divertir os foliões, quanto assustar as crianças; dinâmicas particulares da folia, os elementos da vida como ela era nessas décadas.

---

<sup>65</sup> NORA, Pierre. **Entre Memória e História**. A problemática dos lugares. Proj. História, São Paulo. (10) dez. 1993, p.14.

3.2 As várias entonações da folia: algumas músicas que marcaram seus carnavais. Aqui faremos uma breve discussão acerca de algumas músicas que marcaram seus carnavais.

3.3 O carnaval particular do Zé de Aurora: a figura carnavalesca solo. Nesse tópico iremos discutir a respeito da figura de Zé de Aurora e seu carnaval individual. Quem era? Como se dava a sua dinâmica carnavalesca? Neste segundo momento pretendemos dar conta dessas questões.

3.4 O não desapego com a vida cotidiana: relatos de quem não brincava o carnaval. Para este tópico, traremos alguns relatos de pessoas que não brincavam o carnaval, que apesar de estarem inseridas no ambiente carnavalesco, estas não abriam mão da vida ordenada.

3.5 Entre memória e esquecimento. Por que a cidade de Juazeirinho deixou de ter o seu carnaval tradicional? Por que é pouco lembrado? Essas são as principais questões que abordaremos nesse tópico.

### **3.1 Entre a sátira, o cômico e o assombro: algumas dinâmicas da folia juazeirinhense**

“Ave Maria o medo foi grande, tava pastorando um jumento, meu pai foi na “bodega” comprar um troço e ele chegou (o papangu). Eu pensei que era um bicho”.

O Carnaval, como foi salientado em muitos momentos deste trabalho, pode despertar diversos sentimentos. É capaz de acionar diversas lembranças acerca de alguma experiência vivida, diretamente ou indiretamente, ligada ao carnaval. A fala acima diz respeito a uma situação vivenciada pelo o senhor J.M., quando tinha apenas 12 anos de idade, em 1949. Na época, o depoente morava em um dos sítios da cidade, nem sabia o que era carnaval, e apesar de na ocasião a festa tomar conta da cidade, ele exercia como de costume atividades do seu cotidiano, era apenas mais um dia comum, de vir ao centro da cidade para fins comerciais ao lado de seu pai.

Quando de repente, sua responsabilidade matutina (pastorar um animal) é quebrada com a aparição de uma figura, um ser que não fazia parte do seu dia a dia. Ora, não se parecia com qualquer outro animal que estava acostumado a lidar: não era um boi, nem um cachorro, tampouco bodes ou cabras. Logo, foi caracterizado como um “bicho” (misterioso). O senhor J.M., expressou à sua maneira o que essa situação causou nele: o medo. O medo de ser devorado por aquele ser animalesco desconhecido, que o perseguia com um chicote, o fazendo correr até um dos pontos mais altos da cidade de Juazeirinho, o bairro conhecido como Alto dos Medeiros: “Eu tava em Joazeiro pastorando os animais, aí chegou um

papangue eu corri, ele saiu dando chicotada, mas era longe, ele não chegou perto de mim não, fui parar no alto dos Medeiros”(M, J. 12/2021)<sup>66</sup>.

Quando perguntado se recordava em que local estava, o nosso colaborador respondeu: “Lá no beco de Mané Jorge, ali onde G. tem a loja”<sup>67</sup>.

Ao questionarmos sobre se ele sabia do que se trava, o depoente respondeu: “Não, nunca tinha visto não, eu pensei que era um bicho. Eramulecote, uns dez, doze anos por aí assim, não sabia.”

Diante da ausência de uma resposta para o que poderia ser aquele “bicho” que o assombrou, o colaborador enfatizou mais uma vez o sentimento que sentira ao se deparar com aquela situação incomum: “Ah!Eu tive foi é medo!Larguei o jumento lá, quando olhei pra trás o papangutava longe. Voltei antes que papai chegasse, porque eu tinha largado o jumento”(M,J, 12/2021)<sup>68</sup>.

Mesmo não sabendo do que se tratava, ao contar sua experiência ao longo dos anos, ele tomou conhecimento de que o tal ser que o assombrou naquela situação, não se tratava de um “bicho” ou uma figura folclórica como o lobisomem, mas, sim, um personagem comum dos carnavais nordestinos, o papangu. Dessa maneira, não pelo prazer, mas pelo trauma, que o senhor J.M., mesmo não brincando, conheceu o carnaval. Essa foi à maneira, relatando a seu medo, o seu assombro ou espanto, que o depoente encontrou uma maneira de dizer algo sobre o carnaval.

Nesta perspectiva, como outrora disse Scott James (1992)<sup>69</sup>: “O que é mais interessante no carnaval é a forma como permite que certas coisas sejam ditas”. Essa capacidade de enveredar por diferentes formas de dizer, ler e traduzir é que torna o tema do carnaval um campo atrativo para se produzir narrativas, que nos permitem contar histórias assim, de pessoas comuns, como a do senhor J.M.

Assim como J.M., outra depoente Rosa Lúcia dos Santos tem suas primeiras recordações acerca do carnaval, também através dos papangus e os sentimentos complexos que aqueles nela despertavam. Igualmente se reporta a uma lembrança da infância. Entretanto, ambos estão separados pelo tempo, aproximadamente três décadas. A lembrança do senhor J.M. se refere ao final da década de 40, já Rosa Lúcia remonta ao ano de 1979 e inícios dos

<sup>66</sup> Entrevista concedida pelo senhor J.M. no dia 25 de dezembro de 2021.

<sup>67</sup> A localidade que o senhor J.M. se refere é o da rua: no centro da cidade. O tal beco onde ele referenciou ainda existe, ao lado tem uma oficina mecânica.

<sup>68</sup> Entrevista concedida pelo senhor J.M. no dia 25 de dezembro de 2021.

<sup>69</sup> SCOTT, James. 1992, p. 241.

anos 80. Com relação a essas lembranças iniciais perguntamos para ela à colaboradora em qual fase da vida costumava participar dos festejos carnavalescos na cidade:

Na infância até adolescência, porque na minha juventude já não tinha mais, inclusive tentei resgatar o carnaval aqui com blocos, etc. Por volta dos 8 anos, **as vezes como telespectadora porque eu tinha medo da ala ursa, que eu via nas terças-feiras.** Mas, eu acho que o ápice foi na década de 50 e 60, com os bailes de carnaval(SANTOS, 09/2021, grifo nosso)<sup>70</sup>.

Em sua fala a depoente menciona o medo que sentia da ala ursa, ao adentrarmos mais afundo a respeito dessas memórias, perguntamos o que esta sabia a respeito dos papangus:

Eram justamente esses, com roupas de retalhos e máscaras de animais, e a gente chamava papangus de ala ursa. Esses papangus saiam no domingo e na terça. Já na minha infância, em 79, que eu tinha 6 anos. Em 1982, ainda persistia, ainda via esses movimentos, na feira livre, nas terças-feiras. Como o comércio aqui era bem forte a gente via, eles se concentravam com zabumba e pediam dinheiro e bebida no comércio(SANTOS, 09/2021)<sup>71</sup>.

Como colocado no relato acima, as figuras do papangu e da alaursa podiam se confundir, afinal de contas eram personagens mascarados que, na maioria das vezes, exibiam rostos de animais: a gente não sabia quem era, a máscara não deixava ver quem era. Isso podia assustar.

De fato, a prerrogativa de esconder a identidade surtia o medo do desconhecido, muito embora, em uma cidade pequena, as pessoas que tradicionalmente saiam como papangus eram conhecidas. Entretanto, para as crianças, cuja criatividade voa longe, tudo podia ser um papangu: um bicho, um monstro, “o velho do saco”.

Outro fator que vale a pena destacar em sua narrativa é o elemento da feira como espaço da folia. A feira de Juazeirinho foi (e ainda é) um lugar de suma importância para o desenvolvimento da cidade. Portanto, não é de se surpreender, que os festejos carnavalescos, e, por conseguinte, os foliões se valiam da influência da feira para suas peripécias. Nesse local vinham pessoas das cidades vizinhas com a finalidade de vender e comprar produtos. Desse modo, como pontuado pela depoente, os foliões usufruíam de tal movimentação, uma vez que podiam zombar à vontade, conseguir algum dinheiro, bebidas e, o mais importante, a atenção.

Era um divertimento certo ou um caos sem fim, para aqueles sujeitos que se deslocavam de suas cidades para a feira de Juazeirinho no período do carnaval, até porque existiam também aquelas pessoas que só queriam comprar suas frutas e verduras em paz. Pois, nem todo mundo é invadido pelo espírito carnavalesco e, curiosamente, clamam a Deus

<sup>70</sup> Entrevista concedida por Rosa Lúcia dos Santos, no dia 30 de setembro de 2021.

<sup>71</sup> *Idem*.

para que chegue logo a Quarta-Feira de Cinzas. Naquelas terças, de último dia de carnaval, era diferente de todas as outras, nas quais feirantes, transeuntes, comerciantes e agricultores viam seu espaço disputado pelos papangus, alauras e foliões de qualquer tipo.

Portanto, para aqueles que brincavam o carnaval, a terça-feira da feira livre, era um dia digno para o encerramento da festividade carnavalesca. Afinal, a feira é por si só um espaço da movimentação e, aliada com a folia carnavalesca, ficamos a imaginar um ambiente alegre, dinâmico, barulho e asfixiante. Como deveria ficar a cidade na Quarta-Feira de Cinzas? Sem carnaval e sem feira, podemos inferir que os sons dos pássaros devia ser a sonoridade que mais embalava a cidade (e os foliões tristes e com resseca) que agora descansavam para viver todo o rigor e recolhimento da Quaresma.

Dando continuidade aos relatos sobre os papangus, o senhor Paulo Oliveira (Paulo Marinheiro), recorda este personagem por outro olhar, pelo viés cômico. Por ser familiarizado com esse divertimento, devido ao fato de ser folião ativo na cidade, e por mencionar uma memória na qual já era um homem adulto: “O R. se enfeitava de papangu com um chicote. E saia correndo, dando chicotada no povo”[gargalhadas do depoente].

Entre as lembranças sobre o que mais o atraía ou gostava nos carnavais que brincou, o Sr. Paulo mencionou esse acontecimento. Adiantando o nosso roteiro a respeito das figuras carnavalescas como o papangu, o depoente o mencionou antes de chegarmos a esse tópico. De repente a memória acionou essa lembrança, pois o ato de lembrar não segue uma ordem, nem um cronograma, tampouco uma metodologia, é espontâneo e passageiro.

Quando menos esperávamos, o depoente enveredou para um importante tema da vida cultural-social da época. Entretanto, o instante lembrado resumia-se apenas a fragmentos de uma diversão: que os papangus saíam correndo atrás das pessoas com o chicote. Essa lembrança o tirou muitas risadas, mas poucos recursos de memória. Isso se dá, justamente porque Sr. Paulo se recordou de um fato que faz parte da memória coletiva da cidade, o que está ‘vivo’ no imaginário social, no caso a história dos papangus que saíam correndo atrás das pessoas, tal como recordou J.M. no relato anterior.

A dimensão da memória coletiva não tem medidas. Maurice Halbwachs afirma:

Mas nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem (HALBWACHS, 1990, p.26).

Por mais que os juazeirinhenses hoje não brinquem mais na cidade, nos moldes, da tradição carnavalesca de antigamente, alguém se recordará de elementos desse passado. Os papangus serão lembrados, mencionados por algum sujeito, por mais que este não tenha vivido na época alguma situação que o colocou frente a frente com um, ou sequer era nascido na época. Essa história permanecerá viva, enquanto existirem sujeitos que a lembrem ou ainda possuam contato com outros sujeitos que compartilharam as vivências. Não obstante, quando esse exercício não é praticado mais pelo grupo, as memórias entram no campo das vagas lembranças: “De um modo talvez menos brusco e brutal, na ausência de perturbações patológicas quaisquer, pouco a pouco nos distanciamos e nos isolamos de certos meios que não nos esquecem, mas que conservamos apenas uma lembrança vaga” (HALBWACHS, 1990, p.33).

Esse tipo de fenômeno acontece com os carnavais de Juazeirinho. Aos poucos, aqueles que participaram, vão tendo suas memórias cada vez mais vagas, porque uma vez que a tradição não é preservada e aos poucos os grupos que brincaram foram se diluindo, a tendência é os antigos carnavais não serem lembrados pelos mais jovens e, assim, entrarem no esquecimento. Por isso que essa história requer uma necessidade de memória, que não deixa de ser uma necessidade de história.

Nessa mesma seara cômica, o Sr. Antônio Batista de Lima (Toca), relata suas lembranças associando os papangus e seu caráter cômico, o colocando no campo das memórias de brincadeiras carnavalescas, ao ser questionado acerca dessas experiências:

Tenho muitas lembranças boas, porque a gente tinha aqui, especialmente aqui na rua do motor, rua José Felismino<sup>72</sup>, os papangus. Eu gostava muito dos papangus, a gente fazia as máscaras, as fôrmas de lama, brincando com as crianças. Também lembro do mela-mela, com pó, também era uma brincadeira sadia com as famílias. Tínhamos ala urso, o boi da cara preta. Era uma pessoa que representava esse boi. Tinha o forso, o forso eram pessoas jogando água nas pessoas, era muito familiar e gostoso” (LIMA, 09/2021)<sup>73</sup>.

Os contornos poéticos e harmoniosos de sua fala detalham uma visão do carnaval como uma festividade positiva e importante para ele, na qual crianças e adultos estão em comunhão, brincando com os papangus, se sujando no mela-mela; uma visão ordenada, sem caos, sem medos e apreensões. Cada um sente o fenômeno carnavalesco à sua maneira. Dentro de um carnaval existem diferentes maneiras de se dizer, ler e interpretar. Para o Sr.

---

<sup>72</sup> Atualmente se chama Rua Terezinha da Silva Bento. A rua do motor era conhecida por ser o local onde ficava o motor que fornecia energia para a cidade, na cadeia pública.

<sup>73</sup>Entrevista concedida pelo senhor Antônio Batista de Lima Neto, no dia 27 de setembro de 2021.

Lima, que se considera um saudosista, seus antigos carnavais se localizam em um espaço afetivo, o qual ele sempre pode retornar, pois é um campo de bons sentimentos.

Dando continuidade a respeito da memória coletiva sobre o carnaval, na cidade de Juazeirinho, outro personagem que fazia parte desse imaginário, era o Zé Pereira, no qual já falamos na segunda parte do trabalho. Todavia, a discussão que trazemos agora se refere a uma memória semelhante, ao do Sr. J.M. e da Sra. Rosa Lúcia. Leda Colaço, filha de um dos participantes do bloco Satanás no Frevo, Antonio Colaço, relata:

Esse Zé Pereira tinha uma cabeça, era feita uma cabeça, como aqueles bonecos de Olinda, né? Então era painho que fazia essa cabeça. Aí depois que o carnaval passava, ele colocava, pendurava na parede. Aquilo ali era como um troféu. Quando era no próximo ano, aquela cabeça era renovada. Ele modificava, os cabelos, o jeito do olho, da boca, entendeu? Mas era como um troféu, ficava guardada na parede como um troféu. Aí segundo minhas irmãs, as mais velhas, **dizia que tinha noite que acordava assustada por causa da cara desse boneco, porque o boneco era muito feio**(COLAÇO, 10/2021, grifo nosso)<sup>74</sup>.

Muito embora, a lembrança não fosse sua, pois não viveu aquele momento, o relato que mais a marcou, dentre muitos outros que ouvia dos carnavais, desde a infância, foi a do medo que suas irmãs sentiam da cabeça do Zé Pereira. Talvez sua mente de criança tentava imaginar como seria aquela grande cabeça pendurada na parede. Ela não viveu o fato, apenas conhece a história. Todavia, sua narrativa se encaixa dentro do que pontuamos a respeito do que é dito por Halbwachs (1990) sobre o potencial do coletivo da memória: “Mas nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros”. Ou seja, sempre há testemunhas.

Doravante, outros aspectos de seu relato são interessantes, como a simbologia dada à cabeça do Zé Pereira, considerado como um troféu, e o seu aspecto de renovação anual. Como se a cada carnaval nascesse um novo Zé Pereira, para esse novo ciclo de folia que se renovava. Certamente a caracterização de um novo Zé podia confluir com competições, sobre quem fazia o quem era o melhor Sr. Pereira, não podemos descartar a possibilidade, haja vista que se existiam blocos rivais, também poderia existir quem confeccionava as melhores indumentárias.

Não obstante, refletindo um pouco mais sobre a memória social das crianças, uma vez que essas eram sujeitos importantes nos carnavais de Juazeirinho, com seu próprio bloco nos anos 50. Pensemos como o carnaval nessas décadas devia ser um conflito de sentimentos no imaginário das crianças. Ora, por um lado um elemento de diversão e criatividade: tem muitas

<sup>74</sup> Entrevista concedida pela senhora Leda Colaço no dia 02 de outubro de 2021.

cores, fantasias, brincadeiras, confetes e serpentinas e a liberdade de sair correndo pelas ruas junto com os adultos, (as crianças do sexo masculino, como vimos nas fotografias). Entretanto, como os personagens e suas máscaras deviam assustar, não somente as que não participavam ou não sabiam o que era o carnaval, mas também as que tinham conhecimento da festividade, que evitavam sair de casa nos dias dos papangus e alaursas, com receios dos rechaços, zombarias e chicotadas das figuras inanimadas.

Nesse sentido, percebemos que a permanência de elementos carnavalescos como os papangus e sua função de atormentar os transeuntes têm ligações com características elementares da festividade carnavalesca: as máscaras, as brincadeiras grotescas e injuriosas, as paródias, os aspectos ritualísticos (mediante as particularidades de cada região) que entram para as tradições da cidade, como o fato de todos os anos terem o Zé Pereira, os papangus, o curso carnavalesco dos blocos, por exemplo.

Tais relatos demonstram um pouco da dinâmica de um carnaval em uma cidade pequena. As relações se davam de maneira espontânea, com os amigos de longas datas, entre as famílias; as fantasias e ornamentos eram confeccionados artesanalmente, as mulheres faziam as vestimentas para a folia de seus filhos, maridos e amigos; as máscaras eram feitas mediante a capacidade manual, ou seja, artesanal das pessoas, quem tivesse o talento ou a habilidade para esse serviço fazia. Nada de elementos que demonstrassem alguma produção em massa, a presença de alguma empresa importante no ramo de materiais e tecidos. O processo se dava na comunidade e para a comunidade, dentro de seus grupos sociais, no propósito de poder confraternizar com os seus pares.

Nesse sentido, na medida em que decorriam as entrevistas, elementos dessas dinâmicas sociais apareciam, uma vez que podíamos constatar que os depoentes não falavam apenas no carnaval, apareciam entres suas falas, elementos que nos mostravam os panoramas da vida como ela era, pois passados os dias de folia, era para essas mesmas vidas que as pessoas voltavam: o cotidiano retomava, o trabalho seguia, algumas crianças iriam para a escola, para aquelas que tinham acesso. Vejamos o seguinte relato, no qual o depoente nos retrata como era a vida nas décadas de 40 e 50:

Não tinha televisão, veio depois. Tinha o rádio, motorádio, a maioria das pessoas tinham. Rádio de Campina Grande, Rádio Borborema, Caturité, Rádio Nacional do Recife, como é que ele dizia: Rádio Nacional de Pernambuco, depois veio a Rádio Tabajara da Paraíba, que vem dos índios tabajaras da Paraíba e tem os índios Arapuã, que hoje tem a Rádio Arapuã (OLIVEIRA, 09/2021).

Naquelas décadas (60 e 70) poucas pessoas tinham telefone em casa, poucas famílias. Portanto, não é difícil imaginar que o rádio figurava como o maior e mais importante meio de comunicação, não somente em Juazeirinho, como em outras cidades da região do Cariri e Seridó paraibano. Era por meio desse veículo de comunicação que se dava o contato com o mundo e suas diferentes visões.

Pelo rádio não apenas se escutava as músicas ou as marchinhas de Pernambuco, na época do carnaval, mas escutavam-se as notícias policiais, as novelas, os discursos políticos, os fatos corriqueiros do cotidiano, como: moda, falecimentos, aniversários, anúncios de publicidade, lembretes de datas comemorativas. Enfim, dá para afirmar que o século XX foi o século do “mundo do rádio”, no qual se fazia a junção das notícias do Brasil e do mundo, aliado com os fatos do cotidiano e da realidade de cada lugar, pois, por menor e mais remota que fosse, era comum toda cidade ter sua própria rádio (em Juazeirinho, a Rádio Comunitária Juazeiro FM 87,9, dirigida muitos anos por Antônio Batista de Lima, o Toca) ou ter uma cidade vizinha que possuía sua própria estação de rádio. Essa, sem sombras de dúvidas, era uma forma de existir no mundo.

Assim sendo, quando o Sr. Paulo toca no assunto das estações mais famosas de rádio da época, não significa que ele enveredou por um caminho dissonante do carnaval, muito pelo contrário. Ele retrata elementos que competia à vida, como ela era nessas décadas. Era por meio do rádio que muitas pessoas, que não curtiam o carnaval de rua comemoravam o seu carnaval, ouvindo a narração e as marchinhas de outros carnavais. Em suma, o rádio, para além de um meio de transmissão de informações, assume o papel de comunicação, de distração para as massas, assim como é um recurso de difusão de conhecimentos, formador e disciplinarizador<sup>75</sup>, que concebeu no decorrer do tempo, diferentes modelos do que é ser um cidadão brasileiro.

Ao tocar na importância do rádio para época e, por conseguinte, presente em suas memórias carnavalescas, ele também se recordou de outros fatos que fizeram parte da sua realidade, e após lembrar-se de suas viagens para comprar objetos para afolia, como lança perfume, em Recife, também se recordou do tempo que foi caminhoneiro: “Aquele tempo só se falava em asfalto, no Rio de Janeiro à São Paulo, a rodovia Presidente Dutra, 422km de rodovia. Viajei aquilo tudo”. De repente seu olhar caminhava entre uma lembrança e outra, e

---

<sup>75</sup> Não podemos deixar de mencionar o papel do rádio no governo de Getúlio Vargas e de como este recurso foi amplamente utilizado não apenas para a criação de uma memória do presidente como o pai dos pobres, do grande estadista, guiador da nação (sua filha) assim como, foi importante para a formação da figura do trabalhador. Era através do rádio, bem como em seus comícios que pretendia mostrar para o povo brasileiro uma visão harmoniosa, positiva e ordenada de um país que começava a superar a velha política, agora com o Estado Novo.

ao pensar nos carnavais da década de 40, também se recordou que uma grave doença acometeu um parente seu: “Febre tifo. Naquela época só se encontrava remédio no Recife, década de 40. Um surto”.

Através de suas lembranças, ele nos apresenta outros elementos da vida como ela era, que o marcaram, para além dos carnavais que brincou, caso contrário a memória não teria acionado tais lembranças. Pensar a respeito dos seus antigos carnavais o fez lembrar também de um mundo que, assim como os seus dias de folia, não voltam mais. Pois, o Sr. Paulo, delinea um mundo cujas relações se davam de maneira diferente.

Brincava-se o carnaval porque fazia sentido brincar. Era um meio de distrações, de se fazer parte de algo, de um grupo, de uma comunidade, e isso eram fatores importantes em um contexto, no qual imaginar viver um *boom* tecnológico, era coisa de ficção científica. Ou melhor, ter o seu cotidiano guiado por um aparelho portátil que o deixaria conectado com qualquer pessoa em qualquer lugar do mundo? Certamente, para um senhor da década de 40, 50 e 60, essa situação seria fruto de invenções e maluquice de uma mente mais fértil.

Estamos falando de um contexto no qual não existiam redes sociais, a comunicação se dava de maneira diferente: a visita inesperada na casa do compadre e comadre; o encontro na missa, nas praças; das conversas com os amigos e dos namoros na calçada de casa, pois eram poucos os habitantes que tinham telefone fixo em sua residência. Portanto, uma festividade como o carnaval para essas décadas se configurava como importante, por justamente ser um elo cujo censo comunitário se exercia, bem como as festas de padroeiro, as missas aos domingos, a feira nas terças-feiras e o aniversário da cidade em novembro. Entretanto, não adiantemos o curso da discussão em torno do esquecimento, continuemos a falar de seus antigos carnavais, no sentido de compreendermos a vida como ela era e a importância dessas dinâmicas carnavalescas.

A seguir Eronides Câmara de Araújo, ou como prefere ser chamada, Nilda Câmara, relata suas experiências nos carnavais da década de 60, sobre os quais realizamos algumas perguntas à depoente, a primeira em questão foi em relação a como e quando participava dos festejos carnavalescos na cidade:

Eu gostava mais de carnaval de clube, mas participava de carnaval de rua, era o que na época chamava curso, mas muito simples, não tinha carro alegórico como o curso era representado. Lembro que uns músicos tocavam músicas carnavalescas e quem tinha carro seguia os músicos. Eu ia no jipe de meu cunhado. Na época era um carro de praça que algumas pessoas pegavam pra deixar nos sítios... O curso chegava a sair da cidade. Lembro de um curso que fomos de Juazeirinho a zona rural, mais precisamente à fazenda Seridozinho. Lembro que algumas moças da cidade convenceram meu cunhado ir à fazenda pra ver uns rapazes bonitos que passavam as

férias na fazenda. Eles estavam em Recife e passavam as férias na fazenda... [risos]. Hoje nessa fazenda funciona uma mineração. Foi uma fase boa da adolescência. Isso foi nos anos 60. Foi mais ou menos em 66, 67, eu devia ter uns 13 ou 14 anos (ARAÚJO, 11/2021).

A depoente nos relata uma lembrança de como em sua adolescência brincava o carnaval, especialmente os de clube, os quais preferia. Sem sombras de dúvidas, para a sua idade na época, curtir os carnavais de clube era uma forma de ter certeza que de alguma maneira curtiria o carnaval, pois esses carnavais ocorridos naqueles espaços, eram tidos como mais familiares, porque, justamente, eram feitos pelas famílias. Destarte, uma moça da década de 60, pelo que a cultura vigente ditava, estaria resguardada em um local como os clubes.

Entretanto, o fervor da adolescência, como bem cita em sua narração, encontrava uma maneira de burlar a regra e observar as novidades (os rapazinhos) recém-chegadas de Recife. E esses eram alguns elementos que animavam a vida dos jovens nos anos 60, em uma cidade pequena: os flertes secretos, as novidades de carnaval, a confraternização nos clubes e ruas nos dias de folia.

Diante das novidades (e movimentações) que o carnaval poderia trazer para a cidade, a colaboradora dissertou mais a respeito das experiências da época, especialmente o lança perfume:

Lembro das experiências de lança perfume em festa de carnaval no clube. Nos anos 60, carnaval sem lança perfume não era carnaval e nem era considerado droga, pelo menos não em Juazeirinho. E todo mundo juntava dinheiro pra comprar lança perfume. Então, a gente já levava os lenços pra pulverizar com lança e brincar a noite toda, mas ninguém ficava como muita gente diz, “doidão”, era algo tão comum que a gente ficava tomando porre nas calçadas em frente ao clube na hora do intervalo da banda, na época orquestra. Era uma garrafa tipo de alumínio geralmente cor dourada. Dentro do clube, em geral, a gente jogava uns jatos uns nos outros e subia um aroma de flores delicioso. Normalmente a gente se vestia de bermuda e umas blusas coloridas, com muita serpentina (ARAÚJO, 11/2021).

Assim como comentamos no capítulo anterior, as brincadeiras com o lança perfume faziam parte da folia juazeirinhense de maneira significativa. Ainda nos anos 60, estavam presentes em seus carnavais, como aponta Nilda Câmera. Em seu depoimento sinaliza o lança perfume com naturalidade. Era mais um elemento da folia, tais quais os confetes e serpentinas. A experiência do lança perfume, assim como outros tipos de brincadeiras carnavalescas, demonstrava o aspecto da intimidade, da liberdade e comunhão desse tipo de festividade. Ora, você não vai pulverizar um lança perfume, ou sujar um sujeito com farinha em um dia comum, que não seja de carnaval. Não é de bom tom, é grosseiro; seria falta de educação e noção de conformidade com o tipo de sociedade em que se está inserido.

Entretanto, faz-se tudo isso no carnaval porque é permitido. É permitida a intimidade, a liberdade de sujar o seu semelhante com substâncias que não seriam compatíveis com um dia ordenado do trabalho ou da vida cotidiana. O lança perfume é outro exemplo, ao fazer uso se compartilhava a sensação de bem-estar com seus pares e com a prerrogativa da moderação, o “tal barato” se estendia aos próximos carnavais, até a sua proibição.

Não obstante, não era apenas sobre o lança perfume que a depoente se recorda, ela menciona outros elementos que fazia parte da folia:

Lembro muito da figura de João de Joca, nem sei se ainda está vivo. Ele gostava muito de animar as festas em Juazeirinho, não só carnaval, mas assustados e outros tipos de festas. Ele quem trazia de Recife a lança perfume. Era uma pessoa muito querida. Lembro de Seu João Vital, esposo de dona Zilda. Ele era um homem de outro tempo. Era um historiador sem nunca ter tido diploma. Tinha um verdadeiro museu no comércio dele. Ele organizava as festas de clube, era muito bom em tudo que fazia. As músicas mais tocadas nas festas de carnaval em Juazeirinho, lembro de algumas, como *Máscara Negra*, *Tem nego bebo aí* e *As Pastorinhas*, eram as mais tocadas (ARAÚJO, 11/2021, grifo nosso).

Mediante a participação da nossa colaboradora nos carnavais citados, surgiu o questionamento de indagá-la como era a participação das mulheres na época:

Lembro mais da participação das mulheres da minha casa. Só ia pra qualquer festa se fosse com a permissão de minha mãe. Eu me lembro de uma festa que nós fomos, nós morávamos quase em frente ao clube e minha mãe era muito enérgica, ela quem controlava a vida de todo mundo em casa, tanto dos homens quanto das mulheres, lógico que as mulheres tinham as limitações da cultura. A mulher, a cultura produzia a ideia de que mulher só podia sair acompanhada com os homens, e na minha casa nós éramos cinco mulheres e quatro homens. Então, nós só podíamos ir à festa se os homens fossem, se os irmãos fossem. E teve um dia que a gente foi pra uma festa, e ela disse assim: vai os dois irmãos de vocês (que eram os gêmeos, Antonio e José), normalmente quem saísse primeiro (da festa) a gente tinha que vir, e como Antonio tinha problema de asma, a gente disse que vinha com Zé, porque ele saía por último, só que nesse dia deu errado. Zé veio primeiro e Antonio ficou lá. [risos] Então, para os carnavais a gente ia, mas ia com os irmãos, tudo mundo olhando para a cara da gente, se fosse tomar um arzinho lá fora do clube, os irmãos iam com a gente, controlando (ARAÚJO, 11/2021).

A nossa colaboradora menciona situações de acordo com sua experiência, citando uma história específica do seu passado. Apesar do tom cômico que a mesma dá a sua história hoje, certamente na época essa não achou. Acontece que a capacidade de rir de algumas histórias que aconteceram conosco, no passado, só vem com o tempo. Muito possivelmente na época sentira o incômodo e a incapacidade que muitas mulheres sentiam de não poder exercer livremente a autonomia de sua diversão. Elementos comuns na época, em que cabia ao homem resguardar e assegurar que as mulheres de sua família estivessem em inteira proteção,

comportamentos que flertavam com a dominação e o autoritarismo, mas como a depoente aponta eram elementos da cultura da época.

Nos dias de carnavais não seria diferente. Geralmente o clube era o melhor lugar para as moças brincarem, juntamente com sua família e, se por ventura, caso fossem nas ruas, os irmãos lá também estariam, os guarda-costas da proteção da pureza e dos bons costumes. Felizmente, as imposições não impediram Nilda Câmara<sup>76</sup> de olhar para essa fase da sua vida como uma época boa, saudável e importante de se recordar, o qual tem na memória um espaço afetivo e importante reservado aos seus carnavais.

### 3.2 As várias entonações da folia: algumas músicas que marcaram seus carnavais

Neste pequeno tópico temos o objetivo de discutir algumas músicas que, como salienta no título: “marcaram os carnavais”. Alguns depoentes mencionaram músicas que fizeram parte de suas folias carnavalescas. Começaremos por Nilda Câmara, justamente por termos destacado, em uma das nossas perguntas, sobre as músicas que embalaram seus carnavais, esta citou duas canções, respectivamente uma da década de 60 e outra da década de 50.

#### Máscara Negra<sup>77</sup>

Quanto riso, oh, quanta alegria!  
Mais de mil palhaços no salão.  
Arlequim está chorando  
Pelo amor da Colombina  
No meio da multidão.

Foi bom te ver outra vez,  
Está fazendo um ano,  
Foi no carnaval que passou.  
Eu sou aquele Pierrô  
Que te abraçou e te beijou meu amor.  
Na mesma máscara negra  
Que esconde o teu rosto  
Eu quero matar a saudade.  
Vou beijar-te agora,

<sup>76</sup>Eronides Câmara de Araújo, conhecida como Nilda Câmara, é formada em História, pela Universidade Federal da Paraíba, e doutora em ciências sociais tendo iniciado sua vida acadêmica no final da década de 80, tendo sua trajetória precedida por uma série de questões que marcaram sua vida. Nascida em Juazeirinho, seu pai foi “bodegueiro” e agricultor, sua mãe professora sem formação. Casou jovem, aos 16 anos de idade e mudou-se para São Paulo ainda na década de 1960. Militante política, pelos direitos sociais e sobretudo da mulher, ao voltar para a Paraíba da continuidade, em nosso solo, as suas lutas e inicia sua carreira acadêmica, a qual dedicou trinta anos de sua vida.

<sup>77</sup> Canção estilo marcha rancho. Composição Zé Ketí e Pereira Matos. 1967. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MI-zfLWzNuQ>. Acesso em 23 out. 2021.

Não me leve a mal:  
Hoje é carnaval.

A canção acima faz parte de um campo das músicas de folia, que requer uma atenção especial, é o carnaval como palco do amor. A festividade como desencadeadora da paixão avassaladora, do amor sem identidade, escondido pelas máscaras, do afeto não correspondido e do sentimento que aflora, passado um ano da troca de olhares. Muitos outros cantores declararam em composições essas sensações, por exemplo, Benito de Paula em *Retalhos de Cetim* e Jorge Bem Jor em *Amor de Carnaval*. Músicas que tratam da efemeridade e da intensidade que marcam os amores de carnaval, olhares que esperam o próximo ano para se cruzarem novamente.

A música composta em 1967, por Zé Keti e Pereira Matos, embalou os carnavais não somente de Nilda Câmara, mas como de outros adolescentes e adultos, que pela áurea de *Máscara Negra*, talvez sentiram, nem que fosse por um instante, ao olhar para um certo alguém a vontade de dizer: “Vou beijar-te agora, Não me leve a mal: Hoje é carnaval”.

#### **Tem nêgobêbo aí<sup>78</sup>**

Foi numa casca de banana que pisei, pisei,  
Escorreguei, quase caí,  
Mas a turma lá de trás gritou: Chi!  
Tem nêgobêbo aí! Tem nêgobêbo aí! (bis)

Se a gente está no bonde  
Ou mesmo no lotação  
Falando um pouco alto,  
É falta de educação.  
Se entra no boteco  
Para tomar um parati: Chi!  
Tem nêgobêbo aí! Tem nêgobêbo aí!

A música *Tem NêgoBêbo Aí*, de 1955, demonstra alguns marcadores que sinalizam a discriminação vigente, através das letras que colocam o sujeito negro e uma possível inclinação ao alcoolismo e à falta de educação. Muitas canções carnavalescas estão inseridas nesse gênero da denúncia e da enunciação de uma realidade que qualifica uns (brancos), em detrimento da desqualificação de outros (negros). Essas composições (tanto da denúncia, quanto do ataque) estavam presentes em um contexto no qual o Brasil se escondia por trás de um véu de “cordialidade”, de um país “harmônico” e que nossos problemas e mazelas sociais foram enterrados com a República Velha.

<sup>78</sup>Mirabeu Pinheiro e Airton Amorim. 1955. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jPIV2AYiVfE> . Acesso em: 23 out. 2021.

O Estado Novo<sup>79</sup>, por exemplo, seria, portanto, a superação desse passado, no qual as três raças (branca, negra e indígena) os pilares da campanha nacional, vivem em plena harmonia, (teses já exploradas por Von Martius no século XIX). Essas ideias, entretanto, contribuíram para o que chamamos de naturalização do racismo, pois na época a construção de uma realidade em que se convencionava a superação do passado da escravidão era amplamente pensada, não somente pelo governo, mas por intelectuais da época. Essas questões influenciaram o comportamento social e cultural do brasileiro, mas também da psique, através de uma mentalidade sedimentada de que “racismo não existe mais no Brasil”, “racismo reverso”, “vitimização da população negra” ou a “inferioridade intelectual”. Esses pontos são trabalhados por Fernandes (2019) no artigo *A música negra e sua importância no combate e conscientização a naturalização do racismo*<sup>80</sup>,

Toda essa ideologia da cordialidade e do esquecimento culminou na naturalização de percepções estereotipadas da população negra que se perpetuam até hoje. Maneiras veladas e mascaradas de racismo que são verbalizadas diariamente de forma “sutil”, reproduzidas em nossas falas sem percebermos o peso que elas possuem, disseminadas em diferentes aspectos, formamos um vocabulário discriminatório que caracteriza a fisionomia, a conduta e o estilo de vida da população negra: coisas que dizem respeito ao seu cabelo “o cabelo ruim ou duro”; a sua conduta, quando designamos alguma situação desconfortável como “a coisa está preta”, “entrou para a minha lista negra”, “sou a ovelha negra da família”; a sua sexualidade “da cor do pecado”; a sua religião “a magia negra, a macumba”. Estas são algumas dentre muitas maneiras utilizadas para inferiorizar, desqualificar uma etnia que fez parte da nossa construção social (FERNANDES, 2019, p.3).

Não obstante, dando mais ênfase à questão da música trabalhada (*Tem nêgobêbo aí*) com toda a potencialidade da denúncia social, era nos carnavais e nas composições carnavalescas que muitos artistas encontravam espaços para esse tipo de discussão, mesmo para aqueles que não desejavam fazê-la, ainda assim era uma forma de expressão e de colocar para fora sentimentos guardados.

<sup>79</sup> Assim como a República dita “Velha” também seria uma superação do Império. Um Novo regime sempre visa superar um passado, dito ultrapassado.

<sup>80</sup> FERNANDES, Jamilly. **A música negra e sua importância no combate e conscientização a naturalização do racismo.** In: I Semana Nacional de História da UEPB: história, interdisciplinariedades e culturas. ST 15: História e Linguagens: Literatura, Cinema e Música. Universidade Estadual da Paraíba, 2019.

### **As Bonequinhas**

Chegou, chegou As Bonequinhas  
 Eu abro ala pra brincar o carnaval, ai ai, ai  
 Brincar o carnaval,  
 Nós aqui brincamos nessa festa colossal  
 Aqui em Juazeirinho, com alegria, com prazer e com carinho  
 Aonde houver amigos, aonde houver festinhas,  
 Presentes estarão As Bonequinhas  
 Chegou!

### **Bobos na Folia**

Bobos na Folia neste carnaval,  
 Com entusiasmo nessa festa ideal  
 Só tem prazer e alegria,  
 Bobos na Folia neste carnaval.

As duas canções acima são fragmentos de dois hinos, respectivamente do bloco infantil As Bonequinhas e do bloco Bobos na Folia, entoados pela senhora S. L. e compostas por Alberto Máximo de Oliveira, dentista, político e carnavalesco na cidade. Uma letra simples com uma melodia simples, mas que denotam características interessantes de se observar, como a demarcação de um lugar da folia, a cidade de Juazeirinho e os marcadores de uma supervalorização da festa, expressados na palavra colossal, no primeiro hino e ideal no segundo. Esses elementos denotam uma espécie de sentimento de pertencimento: o carnaval como algo fundamental para os lazeres da época. Aos seus 90 anos de idade, os fragmentos das músicas despertam a memória afetiva do seu passado como foliã.

### **Turbilhão**

A nossa vida é um carnaval  
 A gente brinca escondendo a dor  
 E a fantasia do meu ideal  
 É você, meu amor  
 Sopraram cinzas no meu coração  
 Tocou silêncio em todos clarins  
 Caiu a máscara da ilusão  
 Dos Pierrots e Arlequins  
 Vê colombinas azuis a sorrir laiá  
 Vê serpentinas na luz reluzir  
 Vê os confetes do pranto no olhar  
 Desses palhaços dançando no ar  
 Vê multidão colorida a gritar lará  
 Vê turbilhão dessa vida passar  
 Vê os delírios dos gritos de amor  
 Nessa orgia de som e de dor  
 La lalaialalaialalaia

A música *Turbilhão*, do artista Moacir Franco, composta em 1979, embalou os carnavais de Rosa Lúcia nos anos 80, mesmo a referida década não fazendo parte do nosso

marco temporal, foi interessante o fato de uma memória musical ter acionado uma emoção na depoente, que não conseguiu conter as lágrimas.

A depoente declara que essa era a música tocada ao fim de todo o carnaval, na casa de show que frequentava, o Motta Som: “a música que me vem à memória, era a que sempre encerravam os carnavais do Motta, a música de Moacir Franco, era uma tristeza, porque a gente sabia que ia acabar o carnaval (SANTOS, 09/2021).

E, de fato, a música carrega uma dimensão melancólica, não somente porque simbolizava para Rosa Lúcia o encerramento da festividade carnavalesca, porque no dia seguinte a vida voltaria em curso, na Quarta-Feira de Cinzas, mas também toda a sua capacidade poética de discutir de como a vida se realiza no carnaval, de como esse sentimento doía, mas era prazeroso, gozar daquela festa e se despedir, ao seu término, daquela realização exercida na pluralidade carnavalesca.

Para além das músicas de cunho pessoal, existiam as tradicionais marchinhas que embalavam os carnavais do Brasil afora: *Mamãe eu quero*, *Aurora*, *Cachaça não é água* e *Abre Alas*. Canções que ficaram na memória coletiva e são lembradas até os dias atuais, (mesmo os carnavais vigentes terem aderidos outros gêneros musicais). As marchas carnavalescas são elementos de suma importância para a história e cultura carnavalesca em nosso país, sua ausência simbolizaria não apenas um afrontamento a essa tradição festiva, mas uma descaracterização do carnaval brasileiro.

### **3.3 O carnaval particular do Zé de Aurora: a figura carnavalesca solo**

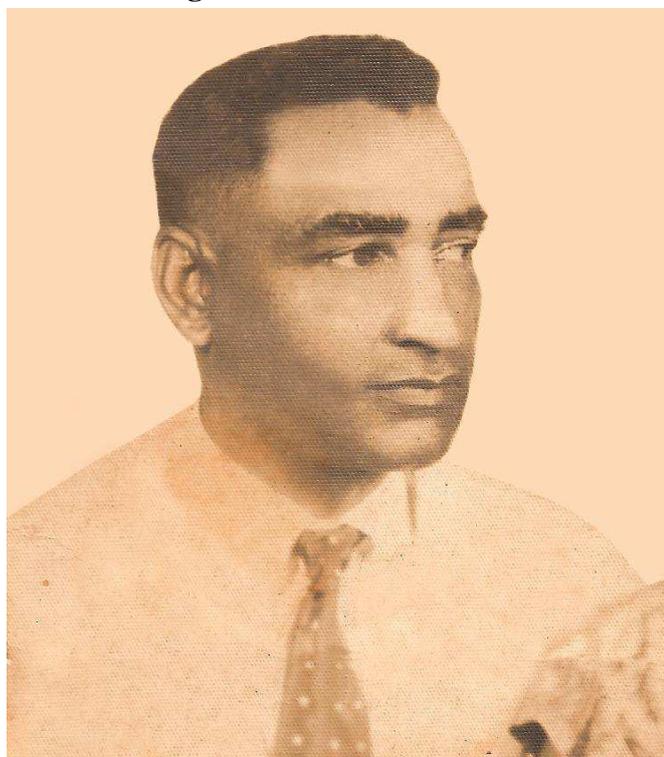
Anteriormente, ao explicarmos os nossos objetivos para este capítulo falamos que o carnaval é formado por aqueles que brincam, por aqueles que observam, pelos telespectadores, ou seja, aqueles que assistem aos blocos e por aqueles que não brincam (mas que não são alheios ao evento, uma vez que essa festividade interfere na vida cotidiana das pessoas, falemos disso um pouco mais adiante).

Contudo, em Juazeirinho existiu um sujeito que saía no carnaval sozinho, uma particularidade que até os dias provoca curiosidade: o carnaval particular do Zé de Aurora. Todos os anos saía sozinho, divertindo a todos que passavam por ele: “Zé de Aurora marcou época no carnaval de Juazeirinho. Desfilava vestido de mulher, com uma boneca nos braços, sem bloco e sem batucada, desde a quinta-feira até a terça-feira de carnaval, somente durante o dia (MOBRAL, 1985).

Sem bloco e sem banda, Zé de Aurora, entretanto, não dispensava o sentido de coletividade, pois, desfilava nas ruas, qualquer pessoa podia assisti-lo (portanto, sua encenação fazia sentido justamente na época do carnaval, juntamente com o público assistindo, mesmo que não desfilassem com ele). Possivelmente, o Zé de Aurora parecia se configurar no princípio renovador e transformador do carnaval, como pontua Bakhtin (1993) a prerrogativa do carnaval em criar um segundo mundo fugindo da vida ordinária: “o carnaval era o triunfo de uma espécie de libertação temporária da verdade dominante e do regime vigente, de abolição provisória de todas as relações hierárquicas, privilégios e tabus(BAKHTIN, 1993)”.

Zé de Aurora construiu uma subjetividade, é justamente para essas particularidades que pretendemos direcionar nossos olhares. Nascido José Pedro de Araújo, em 1907, na cidade de Santo André<sup>81</sup>, no Estado da Paraíba. Faleceu de um mal súbito, em 2 de junho de 1982, aos 75 anos. Era sapateiro, descrito como um homem negro, alto e forte. Muito sério na vida cotidiana e um autêntico folião no tempo do carnaval.

**Figura 30**– O Zé de Aurora



**Fonte:** Acervo pessoal de Michael Carlos de Araújo.

---

<sup>81</sup> Porém, consta em sua certidão de óbito que sua naturalidade é de São João do Cariri - PB. Era comum na época que ele nasceu os registros serem feitos na referida cidade, mas Zé de Aurora era natural de Santo André.

Nas entrevistas o Zé de Aurora foi recorrentemente lembrado. Embora registrado com apenas o sobrenome do pai (Pedro Umbelino de Araújo), legou de sua mãe, Aurora Antonia da Conceição, o seu nome social. Conforme nos explica o seu neto Michael Carlos de Araújo:

Ele era nascido em Santo André, de uma família muito tradicional, os Araújo. De Santo André, só que naquela época o sobrenome Aurora pertencia à mãe dele, e Araújo do pai, mas como era o pai que pegava os documentos das crianças e iam fazer o registro, naquele tempo era comum ficar com o nome só do pai. Não era obrigatório ter o nome da mãe no registro. Ficou Zé de Aurora por causa da mãe dele, entendeu? Ficou como apelido (ARAÚJO, 10/2021).

Após a explicação a respeito do seu nome, nosso colaborador explicou como Zé de Aurora, que era natural de Santo André, se interessou por Juazeirinho, se tornando, portanto, morador:

Ele casou-se lá em Santo André. Como lá a profissão dele era mais difícil de aparecer sapato para consertar e fabricar, ele se mudou pra cá. Um dos sapateiros mais conceituados daqui de Juazeirinho. A sapataria dele ficava aqui, antigamente era a antiga rua Marechal Deodoro nº 40 (ARAÚJO, 10/2021).

Em Juazeirinho existia uma verdadeira cultura de sapateiros. Não era raro que muitos indivíduos que praticavam essa profissão fossem morar na cidade, que possuía uma movimentação considerável entre as décadas de 40, 50 e 60. Tinha até pontos de estadia, a própria esposa do Zé de Aurora tinha um hotel, que era uma parada certa para caminhoneiros, o Hotel da Passidônia, tinha o café da Júlia Lira, os empreendimentos da família Vital, dentre eles o posto de gasolina da Shell, tiveram diversos clubes, que incentivavam o lazer e a cultura na cidade, e especialmente a tradição do carnaval.

Continuando nossa conversa, nos referimos ao depoente o questionamento a respeito da convivência com o seu avô:

Quando ele faleceu eu tinha 7 anos, eu era muito pequeno, mas lembro que eu compareci ao velório, aqui nessa casa, nessa sala que aqui estamos. Eu era muito pequeno, mas eu me lembro. Outra coisa que também eu lembro sobre ele, é que ele gostava muito de brincar o carnaval, entendeu? E ele tinha as filhas todas no Rio de Janeiro, e elas mandavam as roupas que elas usavam lá, roupa lorde, de mulher, entendeu? Aí no carnaval ele se trajava de mulher e saía nos três dias de carnaval, tinha acessórios, tinha roupa de mulher, tinha avental, tinha guarda-chuva. Mandavam para ele as bonequinhas das crianças delas, os bebezinhos. Aí ele encenava, fazia aquela encenação de que estava grávida. Aí uma turma ia atrás, e lá encenava dando à luz a um bebezinho, e tinha um cantinho lá no mercado público que tinha umas banquinhas, fazia um cantinho e encenava que tava parindo e saía com a bonequinha no carrinho. Outro fato interessante, a gente morava nesse beco de R (beco de Mané Jorge), ele era muito amigo de seu R. sapateiro e de S. sapateiro. Ele chegava lá, eu era bem pequenininho, eu tomava a bença a ele, e ele chegava numa bicicleta *Monark*, era cheia de bonequinhas deitadas, ele dependurava as bonequinhas e cheia de moedas, moedinhas, se fosse agora a bicicleta dele era

coberta de moedas de 1 real, mas como era daquele tempo, eram moedas daquela época, eram valiosas, chamava atenção, porque eram moedas que valiam para aquela época (ARAÚJO, 10/2021).

Nessas passagens, seu neto relata, movido pelas memórias de infância, como seu avô poderia ser uma figura excêntrica, um homem que queria deixar um tipo de marca, de permanência. Todos os dias pessoas nascem e morrem. Porém, poucas permanecem no imaginário daqueles que ficam e sua posteridade. Hoje em dia, muitos juazeirinhenses, não somente seu neto, que certamente enquanto criança deveria achar divertidas as criatividadeas do avô, mas pessoas que recordam da bicicleta do Zé de Aurora, das encenações do Zé de Aurora, as vezes até mais do que seu próprio ofício de sapateiro, mais do que aquela profissão que o acompanhava todos os dias do ano, exceto nos dias de carnaval, que aí ele deixava de ser sapateiro e tornava-se o Zé de Aurora folião, abria mão da sua seriedade, do seu posto de autoridade e virava o brincalhão, a mulher preste a parir no mercado público.

Entretanto, ainda assim, mesmo se tratando de carnaval, percebemos que ele não abria mão do controle, ele brincava sozinho e, assim, era todos os anos. Ele ditava as regras do seu carnaval, era ordenado e organizado por ele. O próprio era a atração. No carnaval de Zé de Aurora todos os outros eram observadores e telespectadores, ele, o único folião (ou o principal ator)

Nessa perspectiva, questionamos o nosso colaborador sobre o temperamento do Zé de Aurora:

O temperamento dele chamava atenção. Para os irmãos dele em casa ele tinha o apelido de tenente. Isso já demonstrava que ele era durão, sério. Serviu ao exército aos 18. Era uma forma de respeito naquela época. O apelido dele em Santo André e no leito da família, já aqui em Juazeirinho todos conheciam como por Zé de Aurora (ARAÚJO, 10/2021).

Como era costume na época, os homens seguiam, a priori, carreira militar antes de qualquer outra coisa. Zé de Aurora era conhecido pelos seus familiares e na cidade onde residia anteriormente a Juazeirinho, como Tenente. Uma figura de autoridade, de poder, não à toa que sua postura séria no dia a dia advinha, muito certamente do comportamento do que era posto como masculinidade para a época, como também resquício da postura e disciplina militar.

E aqui lançamos nosso questionamento: ele exercia essa presença em seus carnavais por quais razões? Apesar de ser carnaval esse não conseguia se desvencilhar da postura de um certo controle, sendo assim, fazia seu próprio carnaval solo de acordo com suas regras? Uma maneira de criar uma marca, de se tornar uma figura de permanência na cidade? Um modo de

chamar atenção e ser uma figura de destaque em tantos outros foliões? Sobre essas questões a única pessoa que poderia responder seria o próprio Zé de Aurora.

Contudo, uma coisa é certa, independente de seus porquês, muito certamente, o propósito de divertir a população estava *paripassu* com qualquer um desses elencados acima. O divertimento, a comicidade, as paródias foram um dos princípios carnavalescos que Zé de Aurora não abriu mão e, assim, por esses vieses ele encontrou uma maneira de dizer o que era o carnaval, ou de dizer o que era o seu carnaval, que não tinha bloco, mas tinha público rindo.

O Sr. Antonio Batista de Lima (Toca), sobrinho de Zé de Aurora, influenciado pela figura carnavalesca que seu tio representava deu continuidade ao seu legado, se vestindo como tal e saindo com sua boneca. Entretanto, com sua banda, não sozinho como seu tio costumava fazer:

Zé de Aurora, meu tio, começava 15 dias antes do carnaval, se vestia de mulher e com sua boneca, saía também com uma bicicleta toda ornamentada de prata, onde ele desfilava pelas ruas, referência do carnaval. Foi com o exemplo de João Vital e Zé de Aurora que me motivei (LIMA, 09/2021).

De fato, por mais que houvesse a intenção de perpetuar o que seu tio fazia, sair sozinho era algo impossível para o Toca, que não dispensaria sua banda. Quanto mais gente melhor, brinquemos todos juntos. Toca, assim como a maioria dos foliões, é aquele que se perde na multidão, na folia carnavalesca, entre as massas. Entretanto, Zé de Aurora queria mais ser uma figura de destaque e foi.

### **3.4 O não desapego com a vida cotidiana: relatos de quem não brincava o carnaval**

Quando falamos de carnaval uma das primeiras coisas que vem à mente é como o nosso país vive essa festividade tão intensamente. O pensamento é de que tudo e todos param em prol dessa grandiosa festividade, pelo menos, essa seria a mentalidade de qualquer gringo que escuta as palavras Brasil e Carnaval, logo associa tais palavras à frase: o país do carnaval. Essa festa pareceu tão bem como nossas diferentes realidades que até parece que aqui foi inventada, como se o carnaval pertencesse ao Brasil, e todo brasileiro pertencesse ao carnaval nos dias que seguem à festividade.

Porém, nem todo mundo brinca. Os elementos de identificação com uma festividade são muito particulares e íntimos. Não poderíamos deixar que vocês leitores achassem que nos

carnavais juazeirinhenses todos os cidadãos brincavam, não é este tipo de leitura e interpretação que queremos passar.

Quando falamos que o carnaval juazeirinhense era feito pelas famílias e, por conseguinte, passado de pai para filho; quando falamos dos carnavais de clubes, dos blocos, significa dizer que era uma parte da população e não todos os habitantes. Por exemplo, as ditas mulheres da vida, como eram chamadas na época, as prostitutas não faziam parte dessa folia, porque os carnavais (mesmo no desenrolar das brincadeiras) convinhavam ainda manter uma ótica ou ética familiar e organizada. Portanto, não era bem quisto misturar-se com outros segmentos da população.

Entretanto, existiam outras realidades, como pessoas que se dedicavam a vida do trabalho ou religiosa e não tinham como costume brincar o carnaval, cuja prática não competia ao seu estilo de vida ou os ensinamentos ligados à família, pois, os principais brincantes na cidade de Juazeirinho eram, sobretudo, um costume das famílias e, assim, eram passados de pai para filho. Nesse sentido, não era raro que houvesse pessoas que não brincassem, mas também que mal sabia da prática na cidade (isso para quem morasse na zona rural). Exemplo disto é o seguinte depoente (que logo revelaremos de quem se trata), o qual nos referimos a pergunta sobre o conhecimento dele acerca da festividade: “Não sabia que tinha. Morava no sítio dos Matias. Ninguém da família brincava carnaval na rua”.

Nessa direção, ao mencionar que não era um costume familiar brincar o carnaval, perguntamos se em sua fase adulta passou a brincar, o depoente nos respondeu da seguinte forma: “Nunca. Trabalhei minha vida inteira”.

Caros leitores, recordam-se do senhor J.M.? Aquele mesmo que se assustou com um papangu que o perseguia. Ele nunca brincou carnaval. Assim como nunca brincou de futebol e nem realizou outras atividades comuns na infância e adolescência. Viveu a sua vida inteiramente para o trabalho. Se nos intervalos de sua vida como agricultor, por ventura, voltou o seu descanso e distração para alguma diversão, esta não foi o carnaval. Em sua história de vida, relata que nunca se “desvirtuou” da vida do trabalho, não tinha tempo para outras coisas quando se é pai de onze filhos, não tinha férias, trabalhava, assim desde criança, na agricultura, fazia carvão, trabalhava na lavoura, cuidava dos animais.

Assim como J.M., muitos outros sujeitos seguem a mesma história de vida, da não separação da vida do trabalho, não somente por vocação, mas por necessidade. No entanto, são sujeitos que conviviam, *pari passu*, com a folia carnavalesca, podendo ser encontrados na posição de observador, enquanto estavam realizando alguma atividade pertinente ao trabalho ou a vida social: pastorando um animal, comprando algo na bodega, conversando com algum

amigo, enquanto a folia passava e surpreendia a todos. Nesse sentido, eles não procuraram a folia. A folia que invadia o seu espaço.

Outro depoimento que se encaixa nessa realidade, é a do Sr. E.O. A diferença entre ele e J.M. é que o primeiro brincara o carnaval em sua juventude. Sr. E.O. não é natural de Juazeirinho e, sim, de São João do Cariri, veio sozinho para Juazeirinho no dia 16 de dezembro de 1964, aos 22 anos, para abrir sua própria farmácia. Anteriormente trabalhava em Campina Grande como balconista. Quando chegou não conhecia muita gente, exceto alguns colegas de ginásio. A priori não fazia parte de nenhum grupo social, o que mudaria com o passar dos anos. Questionamos porque o mesmo não brincava carnaval: “Era mais focado para o trabalho, para os estudos, mas um admirador da festividade. Participava mais dos eventos religiosos e juninos. A família pelo que sei não tinha o costume de brincar” (O.E., 11/2021).

Pelo que podemos constatar Sr. E.O. deu prioridade ao desenvolvimento da sua vida profissional e se envolvia com outras festividades, especialmente de cunho religioso, festividades que eram mais compatíveis com seu estilo de vida, suas crenças e ideologias. Entretanto, não deixou de mencionar que era um telespectador da festividade. Da época em que viera para cá, se recorda de pessoas importantes da folia, seu João Vital, Toca, o próprio Zé de Aurora: “Seu José de Aurora era folclórico, homem muito animado. Preto, alto, era sapateiro. Um homem muito bacana. Homem de bem” (O.E., 11/2021).

Salienta que sempre assistia da sua farmácia, a folia passar. Um telespectador, não somente dos carnavais do passado, assim como do presente: “Assisto o carnaval do Rio. Ver as mensagens históricas que reativa a memória da gente”. Por fim, Sr. E.O. transmite sua mensagem: “Eu sou um homem moderno, e modernismo para mim é o que é certo”.

### **3.5 Entre memória e esquecimento**

Quais seriam as principais questões para uma festividade, dita tradicional para uma cidade ou por algumas pessoas, entrar no campo do esquecimento: diluição de grupos nos quais essa memória se conservava? Falta de incentivo e patrocínio para a continuidade da festividade na agenda cultural? A ausência de sentido para a população mais jovem se ligar a essa tradição? Melhoria na condição de vida e a oportunidade de deslocamento para outros pontos de folia? As novas roupagens e sentidos que a festividade vai ganhando no decorrer do tempo? Aparentemente existem diversos motivos para uma festa parar de ser vivenciada em

um lugar e nenhum desses pontos destoam dos nossos porquês e do fato dos antigos carnavais de Juazeirinho terem entrado para o esquecimento.

Entretanto, quando falamos de esquecimento, o que queremos de fato dizer: que a população Juazeirinhense nunca mais brincou carnaval na cidade? Que os habitantes pararam de fazer uma festividade nos moldes dos antigos carnavais? Ou que os juazeirinhenses não sabem ou pouco sabem a história do passado carnavalesco da cidade?

Antes de qualquer coisa, se fala de esquecimento justamente por ser uma história que nunca antes fora escrita, o que configura como o primeiro ponto da questão. Uma história que apenas existe na memória daqueles que viveram direta ou indiretamente os carnavais (e que são lembradas por estes) e que está presente nas fotografias de acervos pessoais. Ou seja, um passado que está inserido numa dimensão individual, que não é de conhecimento da população geral, sobretudo, dos mais jovens. Uma história que não é ensinada nas escolas, que não é valorizada dentro de um componente sobre história social e cultural do município de Juazeirinho. Se uma história não é contada, pensada e refletida, ela é esquecida.

Assim como, quando estabelecemos o marco temporal de 1950 e 1970, significa dizer que demarcamos um momento no qual os carnavais estavam a todo vapor (1950), em contraponto a um carnaval que já tinha desaparecido alguns símbolos importantes desses antigos carnavais (os tradicionais blocos, o joazeiro clube, as organizações das famílias passa a ser menos frequente), o carnaval pós 1970. Marcado por um carnaval, no qual a folia das ruas permanece, mas, caracterizado por pouca organização e blocos que se diluíam facilmente.

Posto essas questões, pensemos no primeiro ponto que enfatizamos: a população juazeirinhense nunca mais brincou carnaval na cidade? O juazeirinhense ao longo do tempo foi dando prioridade a brincar em outros lugares. Entretanto, ainda na década de 80, por exemplo, eram muito comuns na cidade as matinês do Motta Som, uma casa de show fechada que realizava festas, dentre elas a comemoração do carnaval. Segundo Rosa Lúcia:

No Motta eles tinham um tanque, e no dia da terça-feira, no último dia de carnaval, eles pegavam a turma e tacavam dentro do tanque. Então quando ia chegando o final a gente já ia indo embora, porque ficávamos com medo de sermos pegos e jogados no tanque, porque eles melavam de massa (SANTOS, 09/2021).

Assim como os blocos Botocatu (que como o nome sugere era na base da batucada e percussão), os Prisioneiros do Amor e a Orquestra Toca Tudo Musical, não obstante, passou a ser uma comemoração esporádica, às vezes ano sim, ano não, ora um dia de folia, no dia seguinte partiam para outra cidade. Em resumo, o que permanecia era o curso carnavalesco de

Toca e sua orquestra. Portanto, as movimentações carnavalescas da década de 80, são os últimos suspiros de se manter a chama do carnaval na cidade acesa, são os resquícios dos carnavais do passado, de 40, 50 e 60, que são considerados como as raízes, o referencial e o ponto de partida. Nesse sentido, em 1998, Rosa Lúcia escreve em um jornal local, de única edição, em comemoração aos 85 anos de Juazeirinho, a seguinte crônica sobre o carnaval, *Carnaval, Cinzas e Esquecimento*:

Ao longo dos anos podemos constatar que a cultura de nossa cidade é do tipo metamorfose ambulante; ou seja, se transforma de tempos em tempos, mas vem deixando os restos de seus casulos abandonados e esquecidos. Quem poderia nos trazer os antigos e glamorosos carnavais de volta? Aqueles carnavais que sem maldade animou por tantos anos nossa cidade; os carnavais dos Blocos: Satanás no Frevo, que tinha sede no Grêmio onde hoje é a casa de Rosinha Marinheiro, e era organizado por Antônio Colaço com música própria e orquestra vinda de fora. Contava com foliões todos luxuosamente fantasiados e patrocinados pelas próprias famílias, juntos às fantasias era obrigatório um frasco de lança perfume que saia deixando a cidade perfumada. Como prêmio para a melhor passista uma caixa de lança para não faltar cheiro. Bobos na Folia, organizado por João Vital e família que saía no Sábado com rei momo, rainha e vassallos. Sua sede era no antigo Paraiban. À noite, aconteciam os famosos bailes onde somente a nata da sociedade participava, pois, as fantasias eram de alto luxo e requinte. Hoje sentimos falta desta alegria, que com certeza, deixou marcas para aqueles que o fizeram. A cidade nesta época fica vazia, apenas a cinza e o esquecimento (SANTOS, 09/2021).

Essas são as palavras de uma pessoa que não viveu esses carnavais, mas que sente saudade, a ausência desse elemento de pertencimento: os antigos blocos, o Joazeiro Clube (quando se refere à antiga sede Paraiban) e seus bailes luxuosos, as fantasias, o lança perfume. Elementos que não faziam mais parte nos carnavais da década de 70 e 80.

Podemos constatar que nos anos 80, o carnaval já não representava grande expressividade na cidade. Todavia, a partir de qual década podemos apontar o seu enfraquecimento? Alguns depoentes se referem aos finais da década de 60, outros a década de 70. Na década de 60, alguns foliões falam que já não brincavam mais com os blocos da cidade e alguns atestam que desconheciam esses.

Comumente era muito comum, especialmente nos anos 60, a dinâmica de mudar de cidade para trabalhar ou seguir a carreira militar. Especialmente num contexto de Ditadura Militar<sup>82</sup>, que embora Juazeirinho na época fosse uma cidade de pequeno porte, alguma

<sup>82</sup> As questões acerca da Ditadura Militar realmente merecem um trabalho a parte. Como foi esse período, marcado pela repressão nos diferentes lugares do Brasil? Ou melhor, em seus interiores? Como os juazeirinhenses vivenciaram esse período? Certamente muito diferente das metrópoles e das grandes cidades. Não podemos analisar como os mesmos olhares das experiências daqueles que estavam no fronte, sofrendo torturas e indo as ruas protestarem. O ritmo certamente foi diferente. Por diversos fatores: a recente emancipação política, o número de habitantes, as condições materiais da época. Uma série de elementos corrobora para um trabalho próprio, uma vez que o nosso envereda mais para as discussões culturais (não que essa anule a política, já tratamos um pouco sobre essas relações), que tenha como ênfase como o cenário nacional, a Ditadura Militar

notícia ou outra chegava, através do rádio e dos jornais, a respeito dos acontecimentos das violências e dos embates de civis e militares. Não podemos descartar que esse clima nebuloso e difícil que foi o período da ditadura não tenha interferido ou influenciado nos carnavais (como um todo, mas, falando do nosso, os carnavais juazeirinhenses), os tornando talvez mais sérios, (ou com críticas em seus enredos).

Nos anos 70, já não havia mais o Joazeiro Clube, um ponto de lazer para os bailes de carnavais à noite. Portanto, o que podemos constatar é que na década de 70 símbolos dos carnavais tido como o auge não existiam mais. Para atestar isso perguntamos a alguns foliões a respeito de quando estes perceberam estas ausências:

Já ouviu falar dos blocos carnavalescos Bobosna Folia e Satanás no Frevo? “Nunca ouvi falar desses blocos. Eu sai de Juazeirinho em 1969, depois disso só fui lá para visitar família”, relata Nilda Câmera.

Ao perguntado sobre o Joazeiro Clube, o senhor Antonio Batista de Lima, o Toca, menciona: “Nos anos 70 já tinha sido extinto (os blocos do passado, o Joazeiro Clube), só tinha João Vital com a força de vontade dele, e me deu apoio durante toda a sua vida” (LIMA, 09/2021).

Quando perguntado sobre em que momento o carnaval deu sinais de enfraquecimento o Sr. Paulo Marinheiro disse: “De 68, 70 pra cá, mudou muito. As coisas mudaram muito. Hoje em dia ninguém se dedica a brincar”, menciona Paulo Marinheiro, folião da década de 40 e 50. Para o senhor S.O.: “Nos anos 60 já começou a decadência dos tradicionais blocos de rua. Se percebe nas fotografias quando se vê que os trajés já não estavam mais elaborados, quanto nas décadas anteriores” (O.S., 10/2021).

Nesse sentido, percebemos que entre os finais da década de 60 e início dos anos 70 houve um processo de transição, no qual os carnavais começaram a se modificar, especialmente com a não existência dos blocos tradicionais e do Joazeiro Clube, consolidando essa decadência na década de 70. Essa perda de um ponto ou um espaço de lazer para algumas pessoas representam uma lacuna nos divertimentos na cidade como aponta Rosa Lúcia:

Há muito acabaram-se os bailes, não tem lugar para dançar, o município de Juazeirinho não tem clube. Não tem mais lugares para as pessoas dançarem, falta de um lugar de reunião, o lugar de parar. Foi perdendo o lugar de encontro. As pessoas começaram a viajar pra procurar banho, lugar com água. Como Juazeirinho é um lugar muito seco, as pessoas foram procurar lugares onde tinha piscina, clubes com piscina (SANTOS, 09/2021).

Esse ponto levantado por Rosa é bastante pertinente, uma vez que Juazeirinho era uma cidade cuja maioria das pessoas não tinha condições de se deslocarem para outros lugares. Acreditamos que a partir dos anos 80 esta realidade foi mudando com a possibilidade de melhor deslocamento como as linhas de ônibus e também carros próprios. Nessa direção, se a cidade na ocasião não podia oferecer melhores possibilidades de diversão, porque não se deslocar para algum lugar que tivesse? Então, na medida em que as condições financeiras dos habitantes foram melhorando, viajar para conhecer outros lugares, ou outros carnavais, foi se tornando uma realidade, em especial a procura de clubes com piscinas, em razão das condições climáticas do Seridó paraibano.

Ademais, outro fator importante diz respeito ao fato de que as pessoas que faziam os carnavais da cidade, seus grupos, foram se dissipando: falecimentos, mudanças para outras cidades, nos quais eram movidos pela necessidade de se profissionalizar, formar carreiras, construir uma família em outros lugares. Assim, filhos de tradicionais foliões da cidade não seguiam os passos dos pais, porque iam tentar carreira em cidades que promoviam melhores condições de vida, como em: Campina Grande, João Pessoa, Recife e Rio de Janeiro. Poucos retornavam à cidade nos dias de carnaval. Vejamos esses dois exemplos: “Sai de Juazeirinho para João Pessoa em 1966, dezessete anos incompletos, vim morar na casa do estudante, só voltava nas férias, arranjei emprego com menos de 18 anos, depois servi ao Exército. Ia pouco a Juazeirinho” (O.S., 10/2021).

Relata o Sr. S.O., membro de uma importante família que organizava os carnavais, participou ativamente na década de 50, não obstante, nos anos 60 precisou se distanciar da cidade para trabalhar e, assim, o carnaval passou a não ser um motivo de retorno diante das responsabilidades que assumira. “Casei em 1969 e em 1970 fui morar em São Paulo. Em 1980 voltei para a Paraíba, para Campina Grande”, retrata Eronides Câmara de Araujo, que anos depois enveredou para a vida acadêmica.

Não somente esses casos, mas a realidade de deslocamento levaram com que os grupos que movimentavam a cidade para os festejos carnavalescos fossem se diluindo. E, como pontuado por Halbwach, o esquecimento acontece pelo desaparego de um grupo, no qual um tipo de memória se conservava, em nosso caso, a memória carnavalesca.

Outra questão pertinente a se mencionar, é justamente a questão dos choques de gerações. Na medida que o tempo passa, as pessoas vão encontrando outras formas de expressões e de brincar o carnaval, o que fazia talvez com que alguns foliões mais antigos, por exemplo, da década de 40, optassem por se distanciar mais da folia carnavalesca de novos grupos mais jovens. Nessa perspectiva, um folião que brincara nos finais da década de 70,

Joseilton Santos, que vivenciou a dita era da decadência desses carnavais comenta a respeito desse enfraquecimento:

Na minha opinião foi o efeito da modernidade. As pessoas mais velhas foram morrendo, indo embora, o povo mais novo começou a gostar de outras coisas. E também por não ter uma política cultural que incentivasse as bandas de frevos, esses clubes culturais, as coisas foram mudando (SANTOS, 11/2021).

Joseilton Santos, bem como sua irmã Rosa Lúcia, são alguns dos incentivadores da cultura popular na cidade assim como Antônio Batista de Lima (o Toca), sempre estando à frente das festividades (que ainda se praticam) na cidade. Nesse sentido, nos referimos a ele a seguinte pergunta: se hoje em Juazeirinho tivesse um carnaval organizado você iria?

Hoje eu ficaria, porque hoje eu já tenho outra visão. Acho que a pandemia modificou algumas coisas, parando para pensar. Hoje se tivesse um bloco de carnaval organizado, como se fosse para retomar a nossa história, trazer de volta os blocos que existiam, eu sairia. Um carnaval que inserisse o jovem, que incluísse o jovem, ensinassem a tocar, a fazer fantasias, organizar os blocos (SANTOS, 11/2021).

Em consonância com o discurso da falta de uma política cultural na cidade, o Sr. João Vital, em entrevista para um jornal local<sup>83</sup>, realizado em virtude da comemoração dos 85 anos de fundação de Juazeirinho, em 1998 (como já citamos), menciona ao entrevistador a necessidade de tal incentivo ao responder sobre o que deveria para ele ser preservado na cidade, sua resposta foi: “É necessário preservar a memória, os valores culturais e as atividades primitivas do Município”, pontuou João Vital.

Essas atividades primitivas seriam justamente o carnaval, que na década de 90 estava muito distante daqueles carnavais do passado, não somente no que tange à temporalidade, mas às práticas, ao consumo e às organizações com um todo. Nesse sentido, ainda na mesma entrevista é perguntado ao Sr. João Vital que se ele pudesse voltar ao passado, o que gostaria de reviver e que não existe mais atualmente, ele foi direto ao ponto: “**Os velhos carnavais**, as festas religiosas de outrora, com aquelas bandas de músicas maravilhosas, as serenatas e as alvoradas” (VITAL, 01/2022, grifo nosso).

Sr. João Vital não menciona quais carnavais seriam estes. O que sabemos pela sua fala, é que são “velhos” e antigos, e que está em desuso. Todavia, com base em tudo que demonstramos até agora não seria difícil inferir que ele menciona aqueles carnavais dos blocos, do Joazeiro Clube, da movimentação em torno dos jipes, do lança perfume, das odes

---

<sup>83</sup> A imagem da entrevista estará nos anexos.

ao Rei Momo, ao Zé Pereira, aos sustos e risadas com os papangus, do carnaval do Zé de Aurora, aqueles carnavais compartilhados com a família e com os amigos de longa data.

Elementos que faziam parte de um carnaval do passado, dos “velhos” carnavais, e que foram paulatinamente sumindo das ruas, no decorrer da década de 1960, se concretizando um carnaval já diferenciado nas tradições dos anos 40 e 50, na década de 1970 não tendo mais os blocos e os clubes. Criando uma lacuna, um vazio espacial (e também no emocional) daqueles que brincaram, mas não enxergam mais na festividade esse elo com os carnavais do passado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base em nossas pesquisas, entrevistas orais e registros fotográficos, podemos constatar que em Juazeirinho, no século XX, existiu uma verdadeira tradição sociocultural de brincar o carnaval, iniciada em 1918 e tendo o seu auge nos finais dos anos 40 e toda a década de 1950. Uma cultura carnavalesca feita pelas famílias locais, na maioria das vezes passada de pai para filho, e que continha elementos tradicionais da folia carnavalesca: blocos, corsos, clubes, papangus, ala ursa, Zé Pereira, Rei Momo e a singularidade do Zé de Aurora.

No que diz respeito aos anos 60, a festividade ainda continuava em voga na cidade e com frequências anuais. Entretanto, alguns símbolos foram deixando de existir, especialmente os blocos ditos tradicionais, como Bobos na Folia, Satanás no Frevo e As Bonequinhas. Essas diluições foram se estendendo até a década de 70, que já demonstrava não estar mais ligada aos carnavais de vinte anos atrás: clubes se destituindo, sobretudo, o Joazeiro Clube, os antigos blocos que não existiam mais, indivíduos que faziam os antigos carnavais já não participavam mais dos festejos, ou seja, grupos cujas memórias carnavalescas se conservavam se diluíram, seguindo caminhos próprios e, além disso, as novas gerações que surgiam brincavam o carnaval em ritmos outros, seguindo cadências que dialogavam com as questões e realidade de seu tempo.

Doravante é necessário mencionar que a discussão acerca do seu enfraquecimento pode variar de sujeito para sujeito. Ora, um folião que brincou os carnavais na década de 40, geralmente aponta o decaimento para a década de 60, enquanto outros que brincaram na década de 50 e 60 apontamos para os anos 70 como a década da decadência do carnaval. Nesse sentido, podemos compreender também que, um carnaval pode entrar em decaimento quando a festividade passa a não fazer mais sentido para si próprio, para cada pessoa que vivenciou: quando se para de brincar, quando se muda de cidade e não pode retornar com maior frequência, quando os amigos que juntos brincavam não participavam mais, quando figuras que animavam os seus carnavais faleceram. Ou seja, quando as imagens dos carnavais nos quais estávamos acostumados passam a serem lembranças vagas (e até breves). Quando não nos identificamos mais com a festa e suas práticas, tendemos a nos distanciar dessas manifestações, por não representar mais um sentido para nossos lazeres e distrações.

Portanto, antes de determinarmos qualquer marco desse enfraquecimento, temos que levar em consideração que os carnavais em Juazeirinho, para alguns, acabaram muito antes de

alguém referenciar uma década, basta que essa festa deixasse de fazer sentido para o sujeito, que aos poucos ou abruptamente deixou de brincar com tanto afincio, como nas décadas anteriores.

Nos dias atuais, assim como nas décadas anteriores o cortejo de Antonio Batista de Lima e sua banda Toca Tudo Musical, saem nas ruas nos dias de carnavais, realizando suas brincadeiras e homenageando seu tio Zé de Aurora. Esta é uma forma de resistência, pois remete aos antigos carnavais. Entretanto, as referências a esse passado para no singelo bloco do Toca. Em anos esporádicos, iniciativas individuais faziam alguma ou outra movimentação, especialmente com blocos infantis, enquanto, as movimentações para outros públicos (adultos e adolescentes), dava-se com pouca frequência.

Não tendo uma assiduidade, entre alguns fevereiro e outros não, os juazeirinhenses não deixaram de brincar de uma hora para outra, ainda podemos encontrar ressonâncias, nos dias atuais, pelo bloco de Toca e as brincadeiras carnavalescas infantis (especialmente nas escolas públicas e particulares). Mas, podemos afirmar que, na cidade não se tem mais uma tradição local, no sentido de comunidade, de brincar o carnaval, de se organizarem em blocos, em figuras carnavalescas típicas (papangus, Zé Pereira, Rei Momo), os corsos ou meramente seguir o ritmo dos três ou quatro dias de folia nas ruas. Esses elementos ficaram no passado, as práticas comuns, que caracterizavam a festa carnavalesca juazeirinhense, até culminar em fevereiro esporádicos.

Nesse sentido, onde incide o esquecimento desses carnavais do passado? O esquecimento está a partir do momento em que uma festividade que fora tão tradicional deixa de ser lembrada e falada. O esquecimento está em todas às vezes, fevereiro após fevereiro, não ser realizada na cidade sequer uma menção ou uma comemoração que traga à tona o passado carnavalesco da cidade. O esquecimento está justamente no fato da população em geral mal saber dessa história, devido ao não incentivo à cultura na cidade, especialmente nas escolas, ao fato de não proporcionar aos jovens novas maneiras de lazeres, de engajá-lo no carnaval como uma oportunidade de exercitar diversos conhecimentos: dança, música, costura, artes plásticas, história e, assim, ele passaria a ver essa festividade como um caminho de expressão e de oportunidades.

Assim sendo, tirar os antigos carnavais do esquecimento, significa não apenas escrever algo sobre essa história e inseri-lo em uma biblioteca para livre consulta. É para além disso, é introduzir esse passado nas escolas, é especialmente inserir o jovem como agente ativo na produção de novos carnavais que rememorem esse passado, juntamente com profissionais do saber e demais pessoas da sociedade, como: mães solo, idosos e antigos foliões. Significa

estruturar um projeto sociocultural, que pense no sentido de comunidade, e isso requer verbas e investimentos, para se fazer um trabalho digno e efetivo, que se tenham resultados.

O carnaval, para além do lazer, é uma forma de expressão e visões de mundo, é estado de espírito, uma maneira de existir. Nada mais justo que existir nesse mundo com dignidade. Que os carnavais, especialmente nas cidades pequenas, possam ressurgir com mais engajamento e investimento social, valorizando o seu passado em detrimento do presente.

Nessa perspectiva, também poderíamos pensar que atualmente, não somente em Juazeirinho, mas em todo o Brasil, vivemos um projeto de morte da nossa cultura, seja ela qual for, de cunho mais nacional ou as particularidades locais. Os poderes públicos não incentivam o brasileiro, o nordestino, o paraibano, o juazeirinhense a conhecer sua própria cultura, a valorizar os aspectos que explicam o que nós somos enquanto sociedade, o que nos anima para os lazeres e nossas forças de expressões. Por outro lado, entidades religiosas e seus discursos morais insistem em colocar a festividade carnavalesca por um viés de “demonização” e imoralidade, cujo passado convém apagar.

Visões que não enxergam o potencial artístico, cultural, social e histórico, como também de subsistência que o carnaval carrega. Discussões elitistas e ultrapassadas, que caminham lado a lado da esterilização da sociedade e seus diversos tipos de expressões. Essas mentalidades não são de agora, o carnaval historicamente tem em suas trajetórias de enfrentamento com essas visões que querem exterminar a festividade no país.

Entretanto, a força, a memória nacional que essa festividade carrega, não a permite cair no esquecimento. Esperamos que um dia, os carnavais juazeirinhenses saiam dessa seara (do esquecimento) e possam fazer parte do seu calendário cultural anual, que possam ser contadas suas histórias nas escolas e que todo juazeirinhense possa dizer: na minha cidade tem um passado muito importante com o carnaval. Você gostaria de saber? Podemos te contar.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **O tecelão dos tempos: novos ensaios de teoria da História.** São Paulo: Intermeios, 2019.

ALBUQUERQUE, JÚNIOR, Durval Muniz de. **Festas para que te quero:** por uma historiografia do festejar. UNESP – FCLAs – CEDAP, v.7, p. 134-150, jun, 2011.

AMADO Janaina, FERREIRA Marieta Moraes de (Org.). **Usos e abusos da história oral.** 8ª ed. Rio de Janeiro. Editora FGV, 2006.

ARANHA, Gervácio Batista. **Seduções do Moderno na Parahyba do Norte: Trem de Ferro, Luz Elétrica e outras conquistas materiais e simbólicas (1880-1925).***In: DO Ó, Alarcon Agra. Etal. A Paraíba no Império e na República: estudos de História Social e Cultural.*3 ed. João Pessoa: Ideia, 2006 p. 79-125. p.80.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de FraçoisRableais.** São Paulo: HUCITEC; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1993.

BARROS, José D'Assunção. **Os conceitos: seus usos nas ciências humanas.** Petrópolis, RJ: EDITORA VOZES, 2016.

BARROS, José D'Assunção. **A História Social: seus significados e seus caminhos.** LPH Revista de História da UFOP, nº15, 2005, p. 2.

BARROS, José D'Assunção. **O Campo da História.** Petrópolis: Vozes, 2004. p. 7.

BARROS, Manoel. **Poesia completa: ensaios fotográficos.** São Paulo: Leya, 2010. p. 379-380.

BARTHES, Roland. **A mensagem fotográfica.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BASCHET, Jèrôme. **A civilização feudal: do ano mil à colonização da América.** São Paulo: Globo, 2006.

BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou, o ofício de historiador.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001.

BUKER, Peter. **O carnaval de Veneza.***In: CUNHA, Maria Clementina Pereira (Org.). Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura.* Campinas, SP: Editora da UNICAMP, Cecult, 2002.

CABRAL FILHO, Severino. **A cidade revelada: Campina Grande em imagens e história.** Campina Grande, UFCG, 2009.

CANABARRO, Ivo. **Fotografia, história e cultura fotográfica: aproximações.** Estudos Ibero-Americanos. PUCRS. v. XXXI, n. 2. p. 23-39. Dezembro de 2005.

CERTEAU, Michel de, 1925-1986. **A cultura no Plural.** (Coleção Travessia do Século). Campinas, SP: Papirus, 1995.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História.** Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações.** Memória e sociedade. Tradução: Maria Manuela Galhardo. 2ª edição. Lisboa. Difel, 1988.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Ecoss da folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920.**São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. “Varios Zés, um sobrenome: as muitas faces do Senhor Pereira no carnaval da virada do século.*In*:CUNHA, Maria Clementina Pereira. (Org.). **Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura.** Campinas, SP: Editora da UNICAMP, Cecult, 2002.

DAVIS, Natalie Zemon. **Las formas de la historia social.** História Social, nº 10, primavera-verano, 1991, p.177-182.

FERREIRA, Felipe. **Inventando carnavais: o surgimento do carnaval carioca no século XIX e outras questões carnavalescas.** Rio de Janeiro: EditoraUFRJ. 2005.

FERNANDES, Jamilly. A música negra e sua importância no combate e conscientização a naturalização do racismo.*In*: **Anais.**ISemanaNacional de História da UEPB: História, interdisciplinidades e culturas. ST 15: História e Linguagens: Literatura, Cinema e Música. Universidade Estadual da Paraíba, 2019.

GURJÃO, Eliete de Queiroz. A Paraíba Republicana (1889-1945).*In*: Silveira Rosa Maria Godoy, *et al.* **Estrutura de poder na Paraíba.** João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 1999, p. 53-95.

IBGE cidades: disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/juazeirinho/historico>. Acesso em: 10 mar. 2021.

KOSSOY, Boris, 1941. **Fotografia & História.** 2. Ed., São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

JORNAL da Cidade: **Juazeirinho completa 85 anos de fundação.** 04 de novembro de 1998.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** Campinas. Editora Unicamp, 1996.

MATTA, Roberto da.**Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro.** 6ª ed. – Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MATTA, Roberto da.**O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

MAUAD, Ana Maria. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX.*In*: Anais do Museu Paulista. São Paulo. V.13, n 1, p. 133-174. Jan. –Jun., 2005.

MOBRAL. **Livro do município de Juazeirinho**. João Pessoa: J.B. Ltda., 1985.

NORA, Pierre. **Entre memória e história a problemática dos lugares**. Proj: História, São Paulo, (10). Dez. 1993. p.7-28,p.9.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**.3ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

PROEDER. Programa de Emprego e Renda. **Juazeirinho**. João Pessoa, SEBRAE/PB, 1996, p.37.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Editora revista dos tribunais Ltda. São Paulo, 1990.

RIETVELD, Padre João Jorge. **O verde do Juazeiro**: história da paróquia de São José de Juazeirinho. João Pessoa: ImprellGráfia e Editora, 2009.

RIOUX, JeanPierre, SIRINELLI, Jean François. **Para uma história cultural**. Lisboa. Editora Estampa, 1998. p. 123-137.

HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence (Orgs.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

RODRIGUES, Nelson, 1912-1980. **A menina sem estrela**: memórias. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SANTOS, R. A. dos: O carnaval, a peste e a ‘espanhola’.In: **História, Ciências, Saúde** – Manguinhos, v.13, n.1, p. 129-58, jan. – mar. 2006.

SCOTT, C. James. **A dominação e a arte da resistência**. Yale University. 1ª edição Livraria Letra Livre, 2013.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário**: cor e raça na sociabilidade brasileira.1ªed. – São Paulo: Claro Enigma. 2012.

SILVA, Izabelle Trajano da.**O espaço comercial de Juazeirinho-PB**: a dinâmica dos comércios fixo e periódico de confecções em uma pequena cidade. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Geografia), Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2012, p.26.

SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa, de. **No passo do urubu malandro**: uma história social do carnaval campinense: 1945-1965. Pará de Minas, ed – Virtual books, 2015.

VIEIRA, MirelleNeres. “**Meu amigo Pe. João: Uma Juazeirinho pelos olhos de um pároco holandês** / MirelleNeres Vieira. – Trabalho de conclusão de curso (Graduação em História) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2021.

**Músicas Citadas:**

AZEVEDO, Geraldo. **Chorando e cantando.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-X00wzG25rc>. Acesso em: 04 out. 2021.

BARÃO VERMELHO. **Carnaval.** Álbum: Carnaval. 1988, Nas Nuvens, Rio de Janeiro. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=1As6Xi3Q\\_6w](https://www.youtube.com/watch?v=1As6Xi3Q_6w). Acesso em 10 fev. 2022.

GONZAGA, CHIQUINHA. **Ó abre alas.** 1899. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=m\\_vaRKqCDYM](https://www.youtube.com/watch?v=m_vaRKqCDYM). Acesso em 10 fev. 2022.

JOR, Jorge Ben. **Amor de Carnaval.** 1967. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-mURVLSV4ts>. Acesso em 18 fev. 2022.

LEE, Rita. **Lança perfume.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zFIqVUrh3zw>. Acesso em 04 out. 2021.

OLIVEIRA, Dalva. **Bandeira Branca.** Composição: Max Nunes e Láercio Alves. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1pJT6o4-B7o>. Acesso em: 12 fev. 2022.

## ANEXOS

### Anexo A - Imagem da placa da cidade



Fonte: Prefeitura Municipal de Juazeirinho.<sup>84</sup>

### Anexo B - Visão noturna da cidade de Juazeirinho.



Fonte: Prefeitura de Juazeirinho<sup>85</sup>

---

<sup>84</sup> Disponível em: <http://juazeirinho.pb.gov.br/>. Acessado em: 06/out/2022

<sup>85</sup> Idem

### Anexo C- Praça da Juventude.



Fonte: Prefeitura info.<sup>86</sup>

### Anexo D - Paróquia São José



Fonte: Rede social da cidade de Juazeirinho.<sup>87</sup>

---

<sup>86</sup> Disponível em: <https://prefeituras.info/pb/juazeirinho>. Acessado em 06/out/2022

<sup>87</sup> Disponível em sua página no Facebook:

<https://www.facebook.com/photo/?fbid=871705756366022&set=a.385642354972367>

### Anexo E - Entrevista de João Vital ao jornal da cidade -1998



Fonte: Jornal da Cidade.